

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar uma análise contrastiva das traduções portuguesas e brasileiras de alguns romances e coleções de contos do autor italiano Italo Calvino, com o objetivo de evidenciar diferenças e similaridades diatópicas das duas normas da língua portuguesa, mais em particular na vertente da língua da tradução. O estudo contextualiza as questões essenciais sobre a norma dual da língua portuguesa e os seus reflexos na tradução e inclui uma breve panorâmica sobre o êxito editorial italiano e internacional do autor em análise, com especial atenção ao contexto lusófono, nomeadamente português e brasileiro. São em seguida abordadas as características fundamentais da linguística de *corpora* como disciplina, antes de proceder à análise linguística que envolve, nomeadamente, o uso e a colocação pronominal que se acredita ser um marcador de conservadorismo e formalidade ou, pelo contrário, de inovação e informalidade linguística. Para conduzir a presente investigação dois *corpora* distintos para as traduções no PE e as traduções no PB foram criados e analisados por meio do software para a análise computacional de *corpora* Sketch Engine.

PALAVRAS-CHAVE: linguística de corpus; Italo Calvino; tradução; variedade diatópica.

ABSTRACT

Il presente elaborato ha come obiettivo quello di presentare un'analisi contrastiva sulle traduzioni portoghesi e brasiliane di alcuni romanzi e raccolte di racconti dell'autore italiano Italo Calvino, con il fine di evidenziare differenze e somiglianze diatopiche tra le due norme della lingua portoghese, in particolare sul versante della lingua della traduzione. Lo studio contestualizza le questioni essenziali sulla norma duale della lingua portoghese e i suoi riflessi nella traduzione e include una breve panoramica sulla fortuna

editoriale italiana e internazionale dell'autore, con particolare attenzione al contesto lusofono, soprattutto portoghese e brasiliano. Sono successivamente affrontate le caratteristiche fondamentali della linguistica di *corpora* come disciplina, prima di procedere all'analisi linguistica che coinvolge, nello specifico, l'uso e la collocazione pronominale che si crede siano un indicatore di conservatività e formalità o, al contrario, di innovazione e informalità linguistica. Per svolgere la presente ricerca due *corpora* distinti per le traduzioni in PE e le traduzioni in PB sono stati creati e analizzati per mezzo del software per l'analisi computazionale di *corpora* Sketch Engine.

PAROLE CHIAVE: linguistica di corpus; Italo Calvino; traduzione; varietà diatopica.

ABSTRACT

The goal of the present study is to provide a contrastive analysis of the Portuguese and Brazilian translations of some romances and collections of short stories written by the Italian author Italo Calvino. The aim is to explore the diatopic differences and similarities between the two norms of the Portuguese language, especially on the side of the translation language. The study contextualizes the main issues on the dual standard of the Portuguese language and its repercussions on translation, while including a brief overview on the author's Italian and international success with special attention to the Portuguese-speaking context, namely European and Brazilian. Eventually, the main features of corpus linguistics are addressed, before proceeding with the linguistic analysis that involves the pronominal usage and collocation, which are believed to be an index of conservativeness and formal language or, on the contrary, of innovation and informality. To conduct the present research, two different corpora for the EP translations and the BP translations were created and analyzed using Sketch Engine, a software for corpora computational analysis.

KEYWORDS: corpus linguistics; Italo Calvino; translation studies; diatopic variety.

SUMÁRIO

RESUMO	3
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – A norma dual na língua portuguesa em tradução e os estudos literários em perspectiva internacional	12
I.1 Variedade e norma	12
I.1.1 A norma padrão do português	14
I.1.2 O Acordo Ortográfico	16
I.2 A localização	18
I.3 A norma dual portuguesa na tradução	24
I.4 Notas bio-bibliográficas sobre Italo Calvino	27
I.5 Italo Calvino numa perspectiva internacional	31
I.6 O êxito de Calvino no estrangeiro	32
I.7 A difusão da obra de Calvino e as suas traduções em Portugal	37
I.8 A difusão da obra de Calvino e as suas traduções no Brasil	45
CAPÍTULO II – Para um estudo da colocação pronominal através da linguística de corpora	53
II.1 A linguística de corpora	53
II.1.1 Limites e críticas	54
II.1.2 Elementos de modelo experimental	58

II.1.3	Caraterísticas gerais dos corpora	60
II.2	Estudos prévios	64
II.3	Uso e colocação pronominal no PE e no PB	67
II.3.1	Os pronomes pessoais de caso reto	67
II.3.2	Os pronomes oblíquos: objeto direto e indireto	70
II.4	Proposta de análise	75
II.4.1	Hipótese de pesquisa	75
II.4.2	Compilação do corpus	76
II.4.3	Metodologia	77
CAPÍTULO III – Caso de estudo: análise pronominal e interpretação dos resultados		86
III.1	O tagset pronominal	86
III.2	Análise e resultados obtidos	87
III.2.1	Pronomes pessoais de caso reto	87
III.2.2	Pronomes pessoais de caso oblíquo: próclise	92
III.2.3	Pronomes pessoais de caso oblíquo: ênclise	96
III.2.4	Pronomes pessoais de caso oblíquo: mesóclise	100
III.2.5	Pronomes pessoais de caso oblíquo: pronome solto	102
III.3	Considerações finais	106
CONCLUSÃO		108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		112

INTRODUÇÃO

A língua da tradução pode revelar-se extremamente esclarecedora no estudo de determinados fenómenos linguísticos e na deteção de normas tradutivas implícitas e subjacentes. Geralmente, a língua da tradução é considerada formal e conservadora do ponto de vista morfosintático e lexical quando comparada com a língua efetivamente em uso num determinado contexto sociocultural. A normatização, também conhecida como conservadorismo, faz parte dos universais tradutivos identificados por Baker¹, que reconhece a tendência dos tradutores a realizar escolhas tradutivas correspondentes a soluções linguísticas mais tradicionais, em detrimento de outras consideradas mais inovadoras na língua alvo.

Esta tendência é relevante ao abordar as traduções no contexto lusófono de uma perspectiva comparativa, sobretudo quando o foco principal é a norma brasileira do português em tradução. De facto, não só as traduções para o PB apresentam uma língua com um registo mais alto do que a língua utilizada pelos falantes (mesmo cultos) do PB, mas parecem também apresentar uma língua que remete à norma padrão culta, reconhecida e identificada na variedade europeia “dos grandes escritores”².

A língua culta utilizada pelos tradutores brasileiros, reconhecível pelo léxico sofisticado, pelos tempos verbais inusitados e pelas estruturas sintáticas de sabor clássico, para além de representar uma língua com que, na realidade, só uma pequena parte escolarizada da sociedade tem a vantagem de entrar em contacto na escola, mesmo que de forma somente passiva, representa também um dos elementos indicadores da diglossia interna que afeta a norma brasileira de português. Esta diglossia é muito marcada no PB e é também causa da estigmatização e do preconceito linguístico dirigido frequentemente aos falantes da variedade brasileira³.

¹ Cfr. M. Baker, “Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Applications”, in M. Baker, G. Francis e E. Tognini Bonelli (ed.) *Text and Technology: In Honour of John Sinclair*, Amsterdam, John Benjamins, 1993, pp. 233-250.

² M. Bagno, “Português do Brasil: herança colonial e diglossia”, in *Revista da FAEBA*, n° 15, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I, Salvador, UNEB, jan./jun. 2001, pp. 40-41.

³ A este respeito, Bagno sublinha a importância da liberdade dos falantes no uso da gramática e a insensatez do preconceito linguístico face às estruturas morfosintáticas e às escolhas lexicais dos falantes da norma

À luz destas considerações, o presente trabalho visa analisar a língua da tradução em âmbito lusófono, com especial atenção para a brasileira e para o seu peculiar conservadorismo. Em particular, o objetivo será perseguido mediante o estudo do uso dos pronomes pessoais de caso reto e da colocação pronominal dos clíticos oblíquos de objeto direto e indireto nas variedades de português europeia e brasileira, já que os pronomes são uma parte do discurso relevante para o estudo em perspectiva comparativa das duas variedades linguísticas⁴.

Entre outras, na presente pesquisa é enfrentada a questão da norma pronominal da língua portuguesa. No PE, a norma para o uso pronominal nas orações principais afirmativas é representada pela ênclise, ou seja, a posposição do pronome com respeito ao verbo principal ou auxiliar, a não ser que haja no contexto antecedente palavras atrativas que causam a próclise obrigatória. Também no PB a norma é ainda reconhecida na ênclise mas, na realidade, recentes estudos, apoiados firmemente por Bagno, consideram nesta regra pronominal uma herança da norma culta padrão do PE e, pelo contrário, acreditam a norma atual do PB ser a colocação proclítica, visto que representa a colocação pronominal à qual os falantes recorrem com mais frequência⁵. Estudar as escolhas tradutivas neste contexto particularmente fragmentado pode fornecer, então, importantes recursos para a identificação do posicionamento da língua da tradução brasileira e o estudo das dinâmicas implícitas e internas que levam os tradutores a determinadas escolhas tradutivas.

Para conduzir a análise foram constituídos dois *corpora* em PE e PB a partir de alguns romances e coletâneas de contos do autor italiano Italo Calvino. Escolheu-se este autor quer por causa do seu prestígio internacional e do êxito editorial que o autor conheceu no contexto lusófono, quer pela proximidade da língua italiana e da língua portuguesa que tende a favorecer a manutenção, tanto quanto possível, das construções

brasileira, sobretudo por parte de intelectuais e gramáticos próximos aos ambientes mais conservadores (Cfr. M. Bagno, *Gramática pedagógica do português brasileiro* (recurso digital), 1ª ed., São Paulo, Parábola, 2020, p. 763).

⁴ Cfr. M.M.P. Scherre, “Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista”, in *Tabuleiro de letras*, nº 4, Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Departamento de Ciências Humanas (DCH I), jun. 2012, disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/167>.

⁵ M. Bagno, *Gramática pedagógica do português brasileiro*, Cit., p. 762.

dos prototextos nos metatextos portugueses e brasileiros⁶. Fazem concretamente parte do *corpus* as traduções portuguesas e brasileiras de *Gli amori difficili* (1958), *Il castello dei destini incrociati* (1973) e *Se una notte d'inverno un viaggiatore* (1979).

A ferramenta utilizada foi o software para a análise linguística de *corpora* Sketch Engine, um instrumento particularmente útil para o estudo das dinâmicas subjacentes aos fenómenos linguísticos. Sketch Engine é um software intuitivo que permite conduzir pesquisas, mesmo específicas, sobre as ocorrências de tokens e o contexto que os rodeia e, entre outras funcionalidades, criar listas de frequência para identificar as palavras, expressões e estruturas mais recorrentes num *corpus* específico.

No primeiro capítulo do presente trabalho é tratada a questão da norma da língua portuguesa, caracterizada pelo pluricentrismo: as duas normas nacionais reconhecidas são a portuguesa e a brasileira, enquanto os outros países de língua (co)oficial portuguesa tendem a seguir a norma europeia, apesar de já apresentarem algumas características e estruturas linguísticas próprias. Esta norma divergente é a causa principal da localização dos produtos culturais e de informação técnico-científica para o contexto lusófono, visando tornar os metatextos aceitáveis e domesticados para o público-alvo, através de uma estratégia *target oriented*⁷. Por isso, a partir do mesmo produto estrangeiro, são criados diferentes metatextos para o mercado brasileiro e para o restante mercado lusófono.

No mesmo capítulo, são também apresentadas todas as traduções da obra calviniana em Portugal e no Brasil, delineando também as atitudes destes países face à tradução ao longo do século XX, e a importância das ligações portuguesas e brasileiras com o contexto cultural, mas também político, italiano.

O segundo capítulo pretende fornecer uma panorâmica geral sobre a disciplina da linguística de *corpora*, evidenciando as vantagens e respondendo às críticas por vezes avançadas, relativamente aos supostos limites no estudo da língua através das coleções de dados. São também apresentadas as metodologias ligadas à linguística de *corpora* e a

⁶ Cfr. V. Castagna, “Tradução/traduções: uma perspectiva no estudo das divergências entre PE e PB”, in *Revista Conexão Letras*, “Tradução em foco: conexões e entremeios”, v. 12, n.º 17, Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 92.

⁷ Cfr. B. Osimo, *Propedeutica della traduzione*, Milano, Hoepli, 2010, p. 103.

importância do método científico, bem como as características principais que os dados recolhidos e os próprios *corpora* devem apresentar⁸.

Este capítulo, com vista a contextualizar e justificar a análise realizada, visa também apresentar pormenorizadamente a questão pronominal portuguesa⁹, aprofundando quer os pronomes pessoais de caso reto, quer os pronomes pessoais de objeto direto e indireto, e sublinhando as diferenças estruturais que caracterizam as duas normas de português.

O terceiro e último capítulo é dedicado inteiramente à análise pronominal do *corpus*. São abordadas diversas questões pronominais, como o uso no PE e no PB dos pronomes pessoais do caso nominativo *tu*, *ocê* e *a gente*, as colocações proclíticas, enclíticas e mesoclíticas dos pronomes e o caso especial do clítico solto, sendo cada uma acompanhada por um breve esclarecimento do processo de busca no software Sketch Engine e por exemplos contextualizados e comentados dentro das traduções selecionadas para o estudo.

O objetivo da presente pesquisa é o de apresentar um caso de estudo prático e realizado por meio de métodos computacionais inovadores, que possa fornecer dados e resultados adicionais no âmbito da língua da tradução portuguesa, que se tem revelado um campo de estudo particularmente interessante quer no âmbito da língua da tradução em si, quer no âmbito da dualidade que caracteriza tanto as variedades diatópicas do português como a diglossia interna do português brasileiro.

⁸ Cfr. A. Stefanowitsch, *Corpus linguistics. A guide to the methodology*, Berlin, Language Sciences Press, 2020, disponível em <http://langsci-press.org/catalog/book/148>.

⁹ Cfr. G. Lucente, “Nos dois lados do Atlântico. Uma análise contrastiva entre PE e PB na tradução audiovisual de Madagascar”, in V. Castagna & S. Quarezemin (org.) *SAIL - Studi sull'apprendimento e l'insegnamento linguistico*, “Travessias em língua portuguesa. Pesquisa linguística, ensino e tradução”, n.º 16, Venezia, Edizioni Ca' Foscari, 2020, pp. 169-193, disponível em <https://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/books/978-88-6969-461-5/978-88-6969-461-5.pdf>.

CAPÍTULO I

A NORMA DUAL NA LÍNGUA PORTUGUESA EM TRADUÇÃO E OS ESTUDOS LITERÁRIOS EM PERSPECTIVA INTERNACIONAL

I.1 Variedade e norma

A língua portuguesa apresenta uma situação sociolinguística complexa e as suas características peculiares abrangem diversos aspetos. A vastidão dos territórios onde o português é língua (co)oficial implica uma diversidade linguística interna que torna a variedade diatópica portuguesa um assunto extremamente interessante.

O português é língua oficial em nove países que, juntos, constituem a CPLP, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, e na RAEM, a Região Administrativa Especial de Macau, ao lado do mandarim, até 2049. O português é a língua oficial para a população de Portugal e do Brasil e é língua (co)oficial dos estados que resultaram do processo de descolonização. É presente em quatro dos cinco continentes do mundo ocupando oficialmente 10,7 milhões de km² e tem cerca de 250 milhões de falantes como língua materna ou como segunda língua.¹⁰ Em diversas zonas da África, da Ásia oriental e da América central e do sul constituíram-se crioulos de base lexical portuguesa, muitos dos quais já extintos, enquanto outros ainda falados pelas populações: o Kriol na Guiné-Bissau, o São-Tomense e o Angolar na ilha de São Tomé, o Principense na ilha do Príncipe, o Fa d’Ambô na Guiné Equatorial e o crioulo de Cabo Verde.¹¹

O papel da língua portuguesa para a formação da identidade dos povos que partilham o seu património é explicada por Inês Duarte no seu contributo a *As línguas da Península Ibérica*:

¹⁰ G.M. de Oliveira, “Um Atlântico ampliado: o Português nas políticas linguísticas do século XXI”, in M. Lopes (ed.) *O Português do Século XXI. Cenários Geopolíticos e Sociolinguísticos*, São Paulo, Parábola, 2013, pp. 53-73.

¹¹ I. Duarte, “A língua portuguesa e a sua variedade europeia”, in M.H.M. Mateus (org.) *As línguas da Península Ibérica*, Lisboa, Edições Colibri, 2002, p. 103.

Se considerarmos, por exemplo, os casos de Portugal e do Brasil, é incontornável a conclusão de que a mesma língua funciona como elemento aglutinador de cada um de dois povos distintos, como factor determinante da constituição de cada uma de duas identidades nacionais diferentes, como veículo de expressão de duas culturas distintas como elemento de patrimônios históricos e culturais pelo menos parcialmente diferentes.¹²

De facto, a língua portuguesa apresenta grandes heterogeneidade e áreas de variação. As diferenças que se podem encontrar nas numerosas variedades nacionais de português são de natureza fonológica, lexical, morfológica e sintática. Alguns exemplos ligados às variedades de Portugal e do Brasil são apresentados por Duarte no estudo acima citado: a redução do vocalismo átono no português europeu (PE) que se verifica mais do que no português brasileiro (PB); várias diferenças no léxico culturalmente conotado e do dia a dia, como *apanhar um autocarro* em PE, mas *pegar um ônibus* em PB; a colocação dos pronomes átonos, geralmente enclíticos em PE e proclíticos em PB (*Diga-me* vs. *Me diga*); e nas formas de tratamento, já que em PE se mantém a distinção entre *tu* e *você*, enquanto em PB é mais comum o uso exclusivo do *você*.

Estas divergências no âmbito da língua portuguesa são atribuíveis a diferentes factores, para dois dos quais Duarte chama a atenção: as línguas com que o português entrou em contacto

durante a história da colonização do Brasil (línguas indígenas da família tupi-guarani e línguas africanas da zona da África ocidental (como o Yoruba) e do grupo bantu, faladas pelos escravos) e no século XIX, devido à imigração em massa de italiano, alemães, polacos, japoneses e árabes da Síria e do Líbano[;]

e, ao mesmo tempo, o fator geográfico interior, causa da variação diatópica:

[e]mbora o espaço nacional seja notavelmente homogéneo do ponto de vista linguístico quando comparado com outros países europeus, registam-se diferenças dialectais, sobretudo de natureza fonética e lexical, que importa ter em conta.¹³

¹² *Ibidem*, p. 107.

¹³ *Ibidem*.

Outras causas prendem-se com a variação diastrática ligada aos aspetos dependentes do grupo social e profissional do falante, do seu nível de cultura e de escolarização; à variação diafásica e diamésica, ou seja o repertório de registos linguísticos, influenciados pela formalidade ou informalidade necessária em cada situação, e a modalidade escrita ou oral usada pelo falante.

A língua portuguesa, como todas as línguas que apresentam quer uma grande tradição escrita e literária, quer diferentes variedades geográficas e sociais, tem uma língua padrão que constitui a norma, não por razões meramente linguísticas, mas sim pelo papel que esta exerce no seio da sociedade. Duarte sublinha que a norma de cada língua é, na realidade, “uma variedade geográfica e social”, uma vez que esta é representada pela língua usada pelas camadas mais cultas da sociedade numa específica área territorial, nomeadamente os centros urbanos de maior influência. Normalmente, uma língua apresenta uma norma à qual os falantes recorrem em situações mais informais ou até institucionais, mas trata-se de uma convenção social e nenhuma variedade é por si só melhor ou mais correta do que outra. Aliás, uma norma pode mudar ao longo do tempo, e alguns erros podem deixar de sê-lo entrando a fazer parte da norma padrão, em virtude do facto que a norma adota aquelas formas linguísticas consideradas de prestígio numa certa época, numa certa comunidade e num certo território. Embora seja convencional, a norma é uma ferramenta fundamental para uma variedade unificada e unificadora da língua. É a língua mais ligada às instituições, à sua difusão, ao ensino e é normalizada nos dicionários e nas gramáticas. A norma linguística é aquela que permite igualdade de oportunidades para todos independentemente da origem do falante, é um veículo de integração social e assegura um certo nível de estabilidade na comunicação.

I.1.1 A norma padrão do português

A questão relativa à norma padrão do português é bastante singular se comparada com as normas padrão das outras línguas. Como explicado no site oficial da Direção-Geral da Educação portuguesa, “atualmente, existem duas normas nacionais do português, associadas aos dois países em que o português é maioritariamente língua materna”, ou seja: a norma europeia, que coincide com a “variedade falada pelas camadas cultas dos centros urbanos de Lisboa e Coimbra”; e a norma brasileira, a “variedade falada pelas camadas cultas dos centros urbanos de Rio de Janeiro e São Paulo (mas também

Recife, Salvador, Porto Alegre [...]”. Os outros países de língua oficial portuguesa “ainda não têm uma norma própria; tendem a seguir a norma europeia, mas nada impede que, progressivamente, venham a ter a sua própria norma”.¹⁴

Para justificar a permanência de uma norma dual no âmbito da mesma língua, é necessário dar um salto temporal até à independência brasileira do Império Português. A independência política consagrada através da Declaração da Independência do Brasil em 7 de setembro de 1822, trouxe consigo também uma reivindicação e semi-independência linguística que se atuou com a consagração da língua portuguesa como língua oficial e de identidade nacional, mas com a reivindicação de uma norma própria. Claramente, esta reivindicação causou várias polémicas internas que se espalharam entre os finais do século XIX e 1946, ano em que houve uma votação para a permanência do nome da língua de *português* ou para a sua modificação em *brasileiro*. Müller de Oliveira, no seu contributo no volume *O Português do Século XXI. Cenários Geopolíticos e Sociolinguísticos*, define assim o panorama sociolinguístico da norma brasileira:

uma diglossia entre uma norma oral endógena, desenvolvida no processo histórico de construção do Brasil, e uma norma escrita exógena, criada por uma espécie de compromisso com Portugal no âmbito da escrita, com a importação de traços gramaticais que se instalaram no português europeu a partir do século XVIII, mas não no português brasileiro.¹⁵

A permanência de uma norma dual mantém-se na origem de vários problemas terminológicos, como no caso da terminologia técnica e científica, criando dificuldades para os profissionais e os trabalhadores. Durante a era digital, um grande esforço foi conduzido para assegurar um acesso igualitário às duas normas, como dois motores de pesquisa do Google, dois corretores ortográficos e tradutores eletrónicos, dois sintetizadores de voz, e assim por diante. Claramente, este tipo de divergência linguística faz com que cada falante seja de qualquer forma enjaulado na sua própria norma nacional (ou tributária de uma das duas principais), diminuindo drasticamente a possibilidade de um intercâmbio linguístico e cultural entre as duas variedades normativas.

¹⁴ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Ministério da Educação, “Norma e variação. Unidade e diversidade”, 2011, disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Acordo_Ortografico/documentos/norma_e_variacao_1.pdf. Último acesso 14/01/2022.

¹⁵ G.M. de Oliveira, *Op. Cit.*, p. 67.

De qualquer maneira, há algumas instituições que marcham contra a corrente e que acreditam no valor da língua portuguesa como bem comum das comunidades que a falam. Uma destas é a Wikipedia, que impulsiona a necessidade de uma normatização única que, “em benefício dos falantes, amplia a veicularidade da língua, permite melhor circulação por um mercado linguístico ampliado [...], e finalmente inclui, ao invés de excluir, os países que [...] não puderam participar da gestão da sua própria língua oficial”¹⁶. A Wikipedia não criou dois portais diferentes para o português europeu e o português brasileiro, mas apenas estabeleceu que palavras ou termos que se referem a uma particular cultura nacional de língua portuguesa sejam escritos na variedade do respectivo país.

Em conclusão, Gilvan Müller de Oliveira chama a atenção para uma hipótese no futuro desta normatização divergente. O estudioso acredita que

a manutenção de uma normatização divergente, que produziu historicamente os artefatos normativos chamados de português, adotado em Portugal, seu produtor, e nos novos países que emergiram do processo de descolonização, que não tinham condições de gerar uma norma própria no momento da sua independência, e *português brasileiro*, no Brasil, vai se tornando mais e mais disfuncional na medida em que as línguas vão se tornando mais e mais centrais no processo econômico internacionalizado e na medida em que a competição entre as grandes línguas vai aumentando.¹⁷

A preservação de duas normas diferentes para o Brasil e para os outros países de língua portuguesa se contrapõe à possibilidade de uma língua comum e de uma normalização linguística, o que atrasa a internacionalização da língua portuguesa. Hoje em dia o português é uma língua que se apresenta fragmentada e que sofre as consequências dessa separação interna também nos processos econômicos globais.

I.1.2 O Acordo Ortográfico

Um dos precursores e indícios de uma norma “única” e abrangente da língua portuguesa foi o AOLP90 (também AO90), o chamado Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado por todos os países de língua oficial portuguesa em 1990. O objetivo do acordo é o de “explicitar uma norma (ortográfica) negociada entre todos os países, dos

¹⁶ *Ibidem*, p. 69.

¹⁷ *Ibidem*.

maiores aos menores, em regime de paridade, demonstrando a corresponsabilidade de todos para a língua comum”¹⁸. Muitas foram as ferramentas implementadas para a realização dos objetivos apresentados no interior do Acordo, entre as quais a criação de um Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), sediado na Praia em Cabo Verde, e a elaboração do Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa (VOC). O projeto do Vocabulário é realizado com a colaboração do IILP, do Instituto de Linguística Teórica e Computacional de Lisboa (ILTEC) e do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC) da Universidade Federal de São Carlos e da Universidade de São Paulo, e tem como objetivo final a criação de uma base de dados lexical eletrónico para a implementação da reforma ortográfica global. O Acordo Ortográfico foi recebido quer positivamente, quer negativamente, pelos linguistas, filólogos, estudiosos e pelos próprios falantes.

Entre os argumentos a favor, regista-se a importância de uma ortografia comum, já que não há uma divergência efetiva na expressão oral dos falantes, argumento suportado pela dificuldade que essa dupla ortografia alimentou para a internacionalização do português nas universidades estrangeiras e nos organismos em que Portugal e o Brasil têm assento¹⁹. Aliás, o Acordo Ortográfico evitaria uma fragmentação da língua comum, facilitando o ensino e a aprendizagem do português, assim como a difusão dos produtos literários em língua portuguesa, e apoiaria um entendimento entre Portugal e o Brasil com relação ao certificado de proficiência da língua portuguesa para estrangeiros, considerando que muitas vezes o único diploma aceite é o português, emitido pelo CAPLE, à custa do CELPE-BRAS brasileiro.

De todas as formas, não faltam opiniões negativas em torno do Acordo Ortográfico por parte de especialistas e de falantes. O AO é considerado por muitos uma miragem utópica da unificação da língua e acredita-se que contribui, contrariamente aos seus objetivos declarados, para a fragmentação da ortografia, e não à sua unificação. Helena Carvalhão Buescu considera-o um “resquício neocolonialista”²⁰, enquanto outros acham que a língua não pode ser algo planejado, mas são os falantes que a fazem e que

¹⁸ *Ibidem*, p. 70.

¹⁹ E. Estrela “Sou a favor”, in *Expresso, caderno Atual*, 10 de maio de 2008, disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/acordo/sou-a-favor/1720#>. Último acesso: 14/01/2022.

²⁰ H.C. Buescu, *Acordo Ortográfico. Audição pública na AR, a 18 de abril de 2017*, Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, 2017, disponível em <https://app.parlamento.pt/webutils/docs>. Último acesso: 14/01/2022.

têm poder de decisão sobre o seu uso, e portanto não deveriam ser forçados a perseguir os objetivos impostos por uma norma. Criticada é também a ideia que fica na base do AO, na medida em que a simplificação da ortografia subjaz à lei do menor esforço e do facilitismo.

Recorremos, mais uma vez, à tese avançada por Gilvan Müller de Oliveira para finalizar o discurso sobre a dicotomia interior da língua portuguesa. Segundo o estudioso,

a instituição de uma *língua comum*, cada vez mais útil a seus falantes e amplificada em seus usos e âmbitos, não passa pela gestação nem pela imposição de uma *forma central ou única do idioma*, mas [...] passa pela criação de instâncias comuns de gestão, que deliberaram, por consenso, sobre o espaço de variação necessário para que cada um dos países falantes se sinta representado e possa investir na promoção deste idioma comum para seu próprio benefício e dos seus cidadãos, através dos seus recursos intelectuais, culturais e econômicos.²¹

Com certeza, a divergência na normatização da língua portuguesa é uma das causas dos limites na internacionalização do português, já que é uma língua que ainda não encontrou o compromisso entre a sua realidade nacional e transnacional. Interessante é também outra questão para a qual Gilvan Müller de Oliveira chama a atenção, ou seja a da língua portuguesa como compartilhada entre os falantes e, por isso, bem comum das comunidades lusófonas. A criação de uma língua comum e de uma norma convergente, objetivo que os governos dos países de língua oficial portuguesa demonstraram querer perseguir, resulta fundamental para a origem de uma língua mais inclusiva também daquelas comunidades que não são totalmente representadas pelas normas hoje consideradas padrão. É importante, nesse sentido, criar “consenso” e “instâncias comuns” para investir na realização desse objetivo.

I.2 A localização

A presença de uma norma divergente na língua portuguesa faz com que os textos e, mais em geral, os produtos estrangeiros – literários, audiovisuais, de informação técnica

²¹ G.M. de Oliveira, *Op. Cit.*, p. 73.

e científica – precisem de uma dupla tradução interlinguística da língua de partida, tanto à norma portuguesa e à sua cultura, como à norma e à cultura brasileira. Este tipo de processo é denominado “localização” e, para entendermos melhor a que se refere, propomos a definição fornecida por Scarpa:

o termo “localização” indica o processo de tradução e adaptação de produtos, conteúdos e serviços para as exigências de um mercado específico, chamado “local”, que pode ser interpretado no sentido de país ou apenas de região que compartilhe determinados usos e modelos culturais, inclusive a língua e as eventuais especificidades político-legais²².

Em geral, a localização e a tradução podem ser interpretadas como partes do processo de globalização de um produto. Em particular, são consideradas por alguns estudiosos como duas atividades autónomas no âmbito da globalização, enquanto outros consideram a localização como atividade dependente e subordinada à tradução.²³ A localização de um texto recorre a uma estratégia tradutiva definida de *target text oriented*, no sentido que tem como objetivo uma facilitação para o leitor da língua alvo através de um processo de adaptação e domesticação à cultura do próprio leitor. A localização ou não de um texto vem de um vasto conjunto de avaliações feitas pelo tradutor, ou equipa de tradutores, responsável pelo texto. A domesticação de um texto à língua e cultura do leitor da língua alvo é uma decisão que implica várias consequências e que deve ser bem ponderada. Na tradução interlinguística é necessário, antes de mais, avaliar a diferença no cronotipo – as coordenadas culturais de um texto, ou seja o tempo, o espaço e a cultura²⁴ - entre o texto original de partida e o leitor do texto final traduzido. O leitor pode aproximar-se do texto consciente do facto que o texto pertence a uma cultura alheia e, por isso, suportar o esforço que esta aproximação requer, com o resultado de aprender novos elementos da cultura estrangeira; caso contrário, é o texto, por meio do tradutor, que se aproxima do leitor, transformando os elementos da cultura estrangeira e absorvendo-os à

²² F. Scarpa, *La traduzione specializzata. Un approccio didattico professionale*, Milano, Hoepli, 2008, p. 293 (tradução nossa. No original: Il termine “localizzazione” indica il processo e adattamento di prodotti, contenuti e servizi alle esigenze di un mercato specifico, il cosiddetto “locale”, che può essere inteso nel senso di Paese o anche solo di regione che condivida determinati usi e modelli culturali, ivi compresa la lingua e le eventuali specificità politico-giuridiche”).

²³ *Ibidem*, p. 294.

²⁴ B. Osimo, *Op. Cit.*, p. 102.

cultura própria do leitor. Entre este conjunto de escolhas, destaca-se a identificação do leitor modelo e da dominante do texto.

Por leitor modelo entende-se o destinatário a quem o autor quer dirigir o seu texto. Segundo a definição de Osimo é o “[l]eitor como abstração que o autor modelo imagina na atuação da sua estratégia narrativa. Destinatário imaginário do autor”²⁵. Diferencia-se do leitor empírico enquanto este último se refere a cada leitor ao vivo e a cores. A não ser que seja uma correspondência privada, o destinatário raras vezes é definível com segurança e o próprio autor tem de imaginá-lo e identificá-lo. É importante o tradutor ter em conta o leitor modelo para evitar criar um texto demasiado redundante ou, pelo contrário, demasiado incompreensível para o leitor.

A dominante, por seu lado, é uma noção que provém dos formalistas russos, nomeadamente Jakobson, e representa aquele elemento ao redor do qual se foca o texto e que assegura a sua integridade. A(s) dominante(s) de um texto pode(m) ter diferentes níveis de focagem e, por isso, é necessário distinguir a dominante do texto do ponto de vista do autor – com relação à cultura emissora do texto –, da dominante do ponto de vista do tradutor – cultura que traduz o texto –, da dominante do ponto de vista do leitor modelo – cultura que recebe o texto. Avaliar e escolher uma dominante significa precisamente decidir quais são as características que se querem transpor e, ao mesmo tempo, quais elementos sacrificar ou deixar em segundo plano. Assim que se tenham definido as variáveis do leitor modelo e da dominante, o tradutor pode atuar uma estratégia tradutiva, deixando que as sub-dominantes sejam relegadas ao resíduo comunicativo e, então, sejam transmitidas parcialmente, ou para nada, ao leitor da língua alvo.²⁶ Relevantes para completar o nosso quadro sobre a localização resultam as teorias avançadas pelo linguista e tradutor Gideon Toury (1995) sobre a aceitabilidade e a adequação de uma tradução, teorias que põem as suas bases no conceito de *translationality* apresentado por Anton Popovič.

Sendo o tradutor responsável pelo afastamento ou pela proximidade do texto face ao leitor, o tradutor pode atuar duas estratégias distintas para atingir o seu objetivo. No primeiro caso, o texto de partida é preservado por ser expressão de uma cultura diferente daquela do leitor, por isso mantém muitas das características do texto de partida – os

²⁵ *Ibidem*, p. 148 (tradução nossa. No original “Lettore come astrazione che si prefigura l'autore modello nell'attuazione della propria strategia narrativa. Destinatario immaginario dell'autore”).

²⁶ *Ibidem*, pp. 90-1, 97.

realia, os nomes próprios e a sintaxe são alguns exemplos – e é o tradutor que desempenha o papel de ajudante na compreensão da diferença cronotópica entre o texto original e o leitor e a sua cultura. A leitura neste caso é mais desafiadora, mas ao mesmo tempo permite uma maior autenticidade do texto e visa enriquecer a bagagem do leitor. O texto assim concebido é um texto adequado.

No segundo caso, pelo contrário, o texto para o leitor alvo leva consigo muito poucas características do original – os elementos considerados exóticos tendem a ser naturalizados, os elementos históricos modernizados –, o tradutor adapta e domestica o texto à cultura que o recebe enquanto o leitor não tem nenhuma consciência disso. Este tipo de texto, definido aceitável, decerto resulta mais fácil e compreensível, mas não pode enriquecer o leitor da mesma forma que o texto adequado. Osimo chama a atenção para as dinâmicas subjacentes a este tipo de domesticação do texto:

O tradutor não é o único responsável por uma estratégia mais ou menos traduzível: muitas vezes é a cultura recetora que dita as normas da traduzibilidade. Podem intervir fatores de ordem político, o facto de algumas culturas serem dominantes ou recessivas num dado momento histórico, ou o facto de numa área prevalecer a cultura da apropriação das culturas alheias *versus* a cultura da confrontação e do intercâmbio.²⁷

A produção de um texto adequado ou aceitável é o resultado da avaliação de todas as dinâmicas que mencionámos. Muitas vezes, são as editoras que fornecem as diretrizes que orientam o tradutor e que são fruto da cultura editorial daquele país. Há editoras que preferem desafiar o leitor para que ele possa experimentar na forma mais autêntica possível a cultura de origem do texto, enquanto há outras editoras que preferem produzir textos de consumo fácil e rápido à custa do enriquecimento cultural do leitor.

Em todo o caso, não necessariamente um texto deve ser totalmente adequado ou totalmente aceitável. Umberto Eco no seu ensaio *Dire quasi la stessa cosa*, sublinha que a escolha de orientar-se mais pelo texto de origem ou pelo texto alvo tem de ser uma negociação em cada frase. Decidir *a priori* qual das duas estratégias atuar para a totalidade

²⁷ *Ibidem*, p. 103 (tradução nossa. No original: “Il traduttore non è il solo responsabile di una strategia più o meno traduzionale: spesso è la cultura ricevente a dettare le norme della traducibilità. Possono intervenire fattori di ordine politico, il fatto che certe culture siano dominanti o siano recessive in un dato momento storico, o il fatto che in un'area prevalga la cultura dell'appropriazione delle culture altrui versus la cultura del confronto e dello scambio”).

do texto pode revelar-se uma escolha prejudicial para o texto e para o leitor alvo. Nas palavras do autor:

Talvez haja textos alvo que na tradução se alargam em funil (e onde o texto alvo enriquece o texto fonte fazendo-o entrar no mar de uma nova intertextualidade) e textos delta, que ramificam em muitas traduções cada uma das quais empobrece o seu caudal, mas todas juntas criam um novo território, um jardim de caminhos que se bifurcam²⁸.

Cada frase, cada referência extratextual, cada construção gramatical precisa de uma atenta análise ao longo da tradução toda, e o tradutor não deve ficar circunscrito aos limites das avaliações iniciais, mas tem de manter-se disposto a eventuais desvios ao longo de todo o processo tradutivo.

A necessidade de uma localização diferente dos produtos literários e audiovisuais para o contexto lusófono é amplificada pela norma divergente que caracteriza a língua portuguesa e pelas diversas culturas que constituem o contexto lusófono. Como já sublinhámos acima, não existe uma língua portuguesa transnacional que abranja todos os países que partilham essa língua, e as diferenças entre as normas e as variedades do português envolvem amplas partes da fonética e da fonologia, do léxico, da sintaxe, da morfologia. Além disso, apesar de disporem, em termos gerais, do português como língua oficial, os diversos povos não compartilham exatamente a mesma cultura. A grande área constituída pela lusofonia, juntamente com as diversas influências devidas aos povos e às culturas próximas territorialmente, causam grande heterogeneidade cultural no interior desse contexto.

É evidente que a localização é um processo que requer grandes investimentos, o que faz com que este tipo de produtos seja localizado para as duas normas consolidadas do português – o português europeu e o português brasileiro – enquanto os outros países de língua portuguesa se apoiam comumente aos materiais produzidos para Portugal. Por outro lado, a dupla localização dos materiais para as duas normas é economicamente

²⁸ U. Eco, *Dire quasi la stessa cosa*, Milano, Bompiani, 2019, p. 19 (tradução nossa. No original: “Forse ci sono testi fonte che nella traduzione si allargano a imbuto (e dove il testo d'arrivo arricchisce il testo sorgivo facendolo entrare nel mare di una nuova intertestualità) e testi delta, che si ramificano in molte traduzioni ciascuna delle quali nel impoverisce la portata, ma tutte insieme creano un nuovo territorio, un giardino dai sentieri che si biforcano”).

justificada, já que a resposta do público é geralmente positiva e o lucro resulta ser superior ao do produto não localizado.²⁹

As diferenças culturais que caracterizam os povos e as sociedades lusófonas são entre os principais motivos que levam os tradutores a localizar os diferentes produtos estrangeiros. Segundo Osimo a diferença cultural é “uma diferença no que se dá por garantido quando se compõe uma mensagem, o mediador deve ter isso em conta, preocupando-se não apenas em transportar a mensagem superficial, mas também as suas implicações”³⁰. Dirk Delabastita propõe um exemplo revelador no que se refere à tradução de elementos culturais de uma língua para outra que podemos disfrutar para entender em que medida a componente cultural de um texto pode prejudicar o entendimento e o consumo de um produto traduzido de uma língua estrangeira:

Em *Rei Lear* Shakespeare nomeia as “creaking shoes”, objeto que, no código cultural isabelino, era sinal de moda. Uma tradução holandesa como “krakende schoenen” [sapatos que chium] é intuitivamente reconhecida como análogo razoavelmente equivalente a nível linguístico; no entanto, não integraria o significado cultural da frase original. Através de um análogo cultural, por outro lado, se tenta encontrar uma equivalência aproximada no plano cultural, eventualmente à custa do grau de equivalência linguística. No nosso exemplo poder-se-ia fazer referência a uma marca de sapatos atual de grande luxo ou de alta costura.³¹

O tradutor nesses casos tem de escolher se confiar na transferência lexical ou, pelo contrário, optar pela transferência cultural, decisão que procede de pensamentos ponderados em função do leitor modelo e das dominantes do texto. Por isso, como acontece no âmbito hispanófono e anglófono onde é produzida uma tradução autónoma

²⁹ G. Lucente, *Nos dois lados do Atlântico. Uma análise contrastiva entre PE e PB na tradução audiovisual de Madagascar*, Dissertação de Mestrado, Venezia, Università Ca' Foscari Venezia, 2016, p. 76.

³⁰ B. Osimo, *Op. Cit.*, p. 43 (tradução nossa. No original: “Una differenza in ciò che si dà per scontato quando si compone un messaggio, il mediatore deve tenerne conto, preoccupandosi non solo di convogliare a destinazione il messaggio superficiale, ma anche le sue implicazioni”).

³¹ D. Delabastita, “There’s a Double Tongue. An Investigation into the Translation of Shakespeare’s Wordplay, with Special Reference to Hamlet”, Amsterdam, Rodopi, 1993, *apud* B. Osimo, *Op. Cit.* (tradução nossa. No original: “In *Re Lear* Shakespeare nomina le “creaking shoes”, oggetto che, nel codice culturale elisabettiano, era segno di moda. Una traduzione olandese come “krakende schoenen” viene intuitivamente riconosciuta come analogo ragionevolmente equivalente a livello linguistico; tuttavia, non convoglierebbe il significato culturale della frase originale. Tramite analogo culturale, d’altro canto, si cercherebbe proprio di trovare un’equivalenza approssimativa sul piano culturale, se necessario anche a scapito del grado di equivalenza linguistica. Nel nostro esempio si potrebbe fare riferimento a una marca di scarpe attuale di gran lusso o di gran moda”).

para cada variante nacional, também no âmbito lusófono é necessário criar uma tradução independente para a norma portuguesa e a norma brasileira, assim como para as respetivas culturas. Claramente, enfrentar um produto literário não localizado não prejudica a fruição do próprio produto por parte do leitor modelo da língua alvo, mas é igualmente verdade que o produto localizado permite uma fruição mais completa e imersiva, à custa de uma maior adequação linguística e cultural.

Geralmente, quando os produtos estrangeiros são quer traduzidos para a língua alvo, quer localizados para as diferentes culturas que partilham a mesma língua alvo, as escolhas tradutivas estão viradas para a língua e a cultura daquele específico contexto nacional ou regional, para que o leitor se reconheça tanto quanto possível no produto que está a desfrutar. Isso é o que acontece normalmente quando se traduz para o português: seja qual for o tipo de produto – literário, audiovisual, mediático – a tendência é a de criar duas variantes diferentes do mesmo produto original para os diferentes públicos-alvo e as suas diferentes necessidades.

I.3 A norma dual portuguesa na tradução

As traduções podem revelar-se instrumentos muito úteis quando os objetos de estudo são a norma divergente da língua e as suas variedades e características. A figura do tradutor representa, de facto, um elemento-chave na passagem das informações linguísticas e culturais de um sistema linguístico e cultural para outro e por isso, como Michele Prandi sublinha, “como qualquer falante, o tradutor é um sujeito ativo nas escolhas, na medida em que é o construtor do texto alvo”³².

Michele Cortelazzo³³ pergunta-se se as escolhas tradutivas podem de certa forma influenciar a propensão de um língua num determinado momento histórico para uma construção linguística em lugar de outra. Hoje em dia, os textos traduzidos de uma língua estrangeira são cada vez maiores, tanto que na maioria dos casos os produtos literários,

³² M. Prandi, “Linguistica e lingua materna nella formazione dei traduttori”, in *Luoghi della traduzione: le interfacce: atti del XLIII Congresso internazionale di studi della Società di linguistica Italiana (SLI), Verona, 24-26 settembre 2009*, Roma, Bulzoni, 2011, pp. 713-719.

³³ M. Cortelazzo, “L’italiano della traduzione è l’italiano del domani?”, in *Rivista internazionale di tecnica della traduzione*, n°12, Trieste, Dipartimento di Scienze del Linguaggio, dell’Interpretazione e della Traduzione, 2010, pp. xi-xvii.

entre outras tipologias textuais, antes de chegar ao consumidor passam pelo processo tradutivo. Com efeito, os consumidores de produtos estrangeiros frequentemente nem se dão conta de que um determinado produto foi concebido num sistema linguístico e cultural diferente do seu, o que leva ao fenómeno analisado por Grasso³⁴ e House³⁵ das traduções invisíveis e das *covert translations*.³⁶ Cortellazzo conclui que é quase impossível prever as modalidades evolutivas de uma língua, mas sublinha que o estudo da língua das traduções pode ser uma componente fundamental no estudo das línguas contemporâneas e das suas evoluções. A língua da tradução é por isso considerada uma tipologia textual rica de sugestões e tem sido, em tempos mais recentes, objeto do crescente interesse por parte dos estudiosos.

O tradutor, na realidade, não é totalmente livre nas decisões tradutivas que adota e, muitas vezes, orienta as suas escolhas linguísticas para direções que, segundo alguns estudiosos, pelo menos em parte, podem ser previstas. Neste sentido, os universais tradutivos teorizados por Mona Baker³⁷ fornecem algumas trilhas que permitem identificar quais são os possíveis caminhos dos tradutores ao traduzirem um texto. Os universais tradutivos são características linguísticas que ocorrem mais tipicamente nos textos traduzidos do que nos prototextos e acredita-se serem independentes da influência das línguas envolvidas na tradução³⁸. Os quatro universais tradutivos identificados por Baker são a simplificação, a explicitação, a normalização (ou conservadorismo) e a convergência. Em particular, para os fins do presente estudo, o conservadorismo é um elemento extremamente relevante: trata-se de um fenómeno que consiste na orientação do texto alvo para “escolhas linguísticas o mais possível próximas das normas estabelecidas da língua alvo, preferindo as soluções tradicionais àquelas em fase de afirmação no padrão da língua alvo”³⁹. As manipulações que são impostas ao metatexto provocam no leitor a sensação de um texto mais legível, idiomático, familiar e organizado do que o texto original, isto não apenas nas traduções identificadas como *target*

³⁴ D. Grasso, *Innovazioni sintattiche in italiano (alla luce della nozione di calcio)*, Tese de Doutoramento, Université de Genève, Genève, 2007, p. 51.

³⁵ Cfr. J. House, *A model for translation quality assessment*, Tübingen, Narr, 1977.

³⁶ Cfr. M. Cortellazzo, “L’italiano della traduzione è l’italiano del domani?”, *Cit.*, p. xii.

³⁷ Cfr. M. Baker, “Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Applications”, *Cit.*, p. 243.

³⁸ Cfr. S. Laviosa-Braithwaite, “Universals of translation”, in M. Baker; G. Saldanha (ed.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London & New York, Routledge, 2001, pp. 288-291.

³⁹ M. Cortellazzo, “L’italiano della traduzione è l’italiano del domani?”, *Cit.*, pp. xi-xvii (tradução nossa. No original: “scelte linguistiche il più possibile vicine alle norme consolidate della lingua d’arrivo, preferendo le soluzioni tradizionali a quelle in corso di affermazione nello standard della lingua d’arrivo”).

*oriented*⁴⁰. Interessantes são também algumas considerações avançadas por Vanderauwera, e retomadas também por Laviosa-Braithwaite, sobre o conceito de convencionalidade textual, que está firmemente ligado ao conservadorismo em tradução e mesmo aos pressupostos do tradutor sobre as normas estilísticas que agem no sistema literário alvo. Segundo Cortelazzo, as traduções contribuem amplamente para salvaguardar a tradição da língua alvo, à qual os tradutores aderem também quando na língua atual os fenômenos são, pelo contrário, inovadores.

O conservadorismo procede de mãos dadas com o atrito linguístico, ou seja, o fenômeno pelo qual quem tem uma ampla experiência numa ou mais línguas estrangeiras tende a atuar uma modificação na percepção da gramática da sua própria língua materna,

generalizando ou amplificando a extensão das regras presentes na língua materna, por efeito da gramática da língua estrangeira, na qual aquelas regras são todavia governadas por diferentes condições de uso aplicação (com o resultado, por exemplo, de generalizar regras que na realidade na língua materna são caracterizadas pela marcação sintática ou sociolinguística)⁴¹.

Ao lado destas tendências, contam também a experiência do tradutor e o prestígio cultural da língua de partida e do prototexto, para além da inevitável interferência, ou *transfer*, que as estruturas da língua fonte exercem na língua alvo.⁴²

Estas considerações parecem então apoiar a teoria segundo a qual a língua da tradução representa tendencialmente uma língua mais conservadora e que raramente reflete a língua atualmente em uso numa determinada comunidade linguística, no seu território e nas suas camadas sociais. Também a língua da tradução portuguesa parece respeitar estas tendências conservadoras nas suas características morfossintáticas e lexicais, tendência particularmente visível nas traduções para o PB. Na verdade, como

⁴⁰ Cfr. S. Laviosa-Braithwaite, *Op. Cit.*, p. 290.

⁴¹ M. Cortelazzo, “L’italiano, la traduzione, la norma”, in *Treccani Magazine*, 29 de outubro de 2015, disponível em https://www.treccani.it/magazine/lingua_italiana/speciali/traduttese/Cortelazzo.html. Último acesso: 18/01/2022 (tradução nossa. No original: “l’attrito comporta la generalizzazione, o la sovraestensione, di regole presenti nella lingua materna, per effetto della grammatica di una lingua straniera, nella quale quelle regole sono però governate da diverse condizioni di utilizzo (con il risultato, per es., di generalizzare regole che in realtà nella lingua materna sono caratterizzate da marcatura sintattica o sociolinguistica)”).

⁴² S. Ondelli; P. Nadalutti, “Distanza intertestuale e lingua fonte: premesse teoriche, compilazione di un corpus e procedure di analisi”, in *Distanza intertestuale e lingua fonte: analisi di un corpus giornalistico*, 2017, Trieste, EUT Edizioni Università di Trieste, p. 28. Disponível em <https://www.openstarts.units.it/handle/10077/18480>.

Bagno (2001) sublinha, a língua formal e conservadora reconhecida e respeitada em quanto norma padrão no Brasil é “um ideal de língua que se baseia ainda no uso feito pelos chamados grandes escritores, e que tenta espelhar a língua falada e escrita em Portugal”, enquanto, do outro lado, “temos todo o grande conjunto das variedades lingüísticas do português brasileiro, que não são padrões ideais, mas realizações concretas, e que, em seus grandes traços comuns, constituem o nosso vernáculo, a nossa língua materna”⁴³. O registo culto e formal para o qual as traduções brasileiras se parecem pautar é então um ideal linguístico que não é empregado no Brasil, nem sequer nas camadas cultas da sociedade: a língua realmente usada pelos falantes cultos, ou seja, aquele falantes que terminaram o percurso de educação formal, apresenta diferenças enormes face à norma padrão tradicional. A situação brasileira é então marcada por uma importante diglossia linguística onde uma reduzida parte da população escolarizada tem acesso, embora não o utilize ativamente, ao português padrão, enquanto a maioria da população dispõe da variedade constituída pelo vernáculo materno, que fica longe do padrão linguístico aceite. Os tradutores responsáveis das traduções para o PB, então, parecem perseguir algumas tendências que visam à conservação da tradição linguística, à custa de uma língua inovadora e longe do padrão, que pelo contrário seria mais próxima da língua atualmente em uso no PB.

A partir destas considerações, foi recolhido um *corpus* constituído pelas traduções para o PE e para o PB de algumas obras de Italo Calvino, com o objetivo de analisar mais em pormenor o conservadorismo nas traduções para o PB, através de uma comparação das traduções para o PE e para o PB dos mesmos textos. A escolha do autor foi ponderada com base no seu prestígio internacional e no êxito que o autor conheceu no contexto lusófono, quer deste lado do Atlântico, quer do outro.

I.4 Notas bio-bibliográficas sobre Italo Calvino

Italo Calvino nasceu no dia 15 de outubro de 1923 na cidade cubana Santiago de las Vegas, perto da capital Havana. Os pais encontravam-se em Cuba por causa da encargo do pai Mario na direção de uma estação experimental de agricultura e de uma

⁴³ M. Bagno, “Português do Brasil: herança colonial e diglossia”, *Cit.*, pp. 40-1.

escola agrícola. Dois anos depois do nascimento do primogênito, a família Calvino regressou à Itália e estabeleceu-se na cidade de San Remo, na região da Ligúria.

O autor, não tendo muitas recordações da cidade onde nasceu, definiu-se sempre lígure ou, mais especificamente, “sanremese”, apesar de ter viajado muito ao longo da sua vida e ter permanecido durante muito tempo no estrangeiro. Italo Calvino comentou várias vezes a sua ligação com o lugar onde nasceu e com as outras cidades que o receberam ao longo da sua vida, reconhecendo em si próprio a falta do dom para estabelecer relações pessoais com os lugares, permanecendo “sempre como que a pairar no ar” e estando “nas cidades com um pé só”.⁴⁴ O escritor passou muito tempo nos Estados Unidos, na América do Sul, na União Soviética e, principalmente, na França. Ainda, o autor acredita que:

[o]s lígures pertencem a duas categorias: aqueles agarrados aos seus lugares como lapas no escolho e que nunca conseguirias tirar dali; e aqueles que como casa têm o mundo e onde quer que se encontrem estão como em sua casa. Mas também os segundos, e eu faço parte dos segundos [...] regressam regularmente a casa, ficam agarrados ao seu país não menos do que os primeiros.⁴⁵

A escolha de enveredar pela carreira literária não foi uma decisão fácil para o autor, já que a sua família valorizava apenas os estudos científicos. Por isso, depois do ensino secundário, em 1942 inscreveu-se na faculdade de Agricultura da Universidade de Turim, e só em setembro de 1945 se inscreveu na Faculdade de Letras, beneficiando das facilidades concedidas aos veteranos.

A partir dos primeiros anos Quarenta, o autor começou a desenvolver interesses culturais e políticos virados para o antifascismo e, mais tarde, para o comunismo e o anarquismo. Em 1943, contrário ao serviço militar imposto pela República de Salò, regime instituído pela Alemanha nazi e administrado por Benito Mussolini com o objetivo alemão de controlar parte do território italiano, teve de permanecer alguns meses

⁴⁴ I. Calvino, “Eremita a Parigi”, Lugano, Edizioni Pantarei, 1974, *apud* I. Calvino, *Lezioni americane*, Milano, Mondadori, 2016, p. xxix (tradução nossa. No original: “resto sempre un po’ a mezz’aria, sto nelle città con un piede solo”).

⁴⁵ I. Calvino, “Il comunista dimezzato”, entrevista por Carlo Bo, in *L’Europeo*, 28 de agosto de 1960, *apud* I. Calvino, *Lezioni americane, Cit.*, p. xxv (tradução nossa. No original: “I liguri sono di due categorie: quelli attaccati ai propri luoghi come patelle allo scoglio che non riusciresti mai a spostarli; e quelli che per casa hanno il mondo e dovunque siano si trovano come a casa loro. Ma anche i secondi, e io sono dei secondi [...] tornano regolarmente a casa, restano attaccati al loro paese non meno dei primi”).

escondido. Este período de solidão foi fundamental pela sua formação cultural e política e pela sua vocação de escritor.

A partir de 1944, aderiu concretamente ao comunismo e ao Partido Comunista Italiano, não por motivações ideológicas, mas sim pela necessidade de começar do zero – e por isso também se definiu anárquico – e porque a única coisa que importava naquela altura era a ação, representando os comunistas a força mais ativa e organizada do momento. A relação entre anarquismo e comunismo foi explicitada pelo próprio escritor como a necessidade “que a verdade da vida se desenvolva em toda a sua riqueza, para além das necroses impostas pelas instituições”⁴⁶ e “que a riqueza do mundo não fique desperdiçada, mas sim organizada e frutificada segundo a razão no interesse de todos os homens vivos e vindouros”⁴⁷. Neste sentido, também a cidade de Turim foi um elemento fundamental na manutenção destas ideologias, visto que a cidade se apresentava naqueles anos como uma incorporação do movimento trabalhista e do movimento das ideias, “a moldar um clima que parecia abarcar tudo o melhor de uma tradição e de uma perspectiva do porvir”⁴⁸. Italo Calvino manifestou ao longo da sua vida opiniões críticas face ao comunismo, em particular relativamente à dissociação interior do movimento italiano, tanto que o autor definiu os comunistas do seu território “esquizofrénicos”⁴⁹. Nas palavras do autor:

[c]om uma parte de nós éramos e queríamos ser os testemunhos da verdade, os vingadores das injustiças que os vulneráveis e os oprimidos sofreram, os defensores da justiça contra qualquer opressão. Com outra parte de nós justificávamos as injustiças, as opressões, a tirania do partido, Estaline, em nome da Causa. [...] [M]as aqui, na Itália, nesta Itália, o que é que eu poderia ser, senão comunista?⁵⁰

⁴⁶ I. Calvino, resposta a um inquérito apresentado na revista cultural juvenil *Il Paradosso*, 23-24 de dezembro de 1960, *apud* I. Calvino, *Lezioni americane, Cit.*, p. xv (tradução nossa. No original: “Che la verità della vita si sviluppi in tutta la sua ricchezza, al di là delle necrosi imposte dalle istituzioni”).

⁴⁷ *Ibidem*, p. xv (tradução nossa. No original: “che la ricchezza del mondo non venga sperperata ma organizzata e fatta fruttare secondo ragione nell’interesse di tutti gli uomini viventi e venturi”).

⁴⁸ I. Calvino, resposta ao inquérito apresentado em E. Albertoni; E. Antonini; R. Palmieri (ed.) *La generazione degli anni difficili*, Bari, Laterza, 1962, *apud* I. Calvino, *Lezioni americane, Cit.*, p. xvi (tradução nossa. No original: “a formare un clima che pareva racchiudere il meglio d’una tradizione e d’una prospettiva d’avvenire”).

⁴⁹ I. Calvino, “Quei giorni i carri armati uccisero le nostre speranze”, in *La Repubblica*, 13 de dezembro de 1980, *apud* I. Calvino, *Lezioni americane, Cit.*, p. xx.

⁵⁰ *Ibidem*, p. xx (tradução nossa. No original: “Con una parte di noi eravamo e volevamo essere i testimoni della verità, i vendicatori dei torti subiti dai deboli e dagli oppressi, i difensori della giustizia contro ogni sopraffazione. Con un’altra parte di noi giustificavamo i torti, le sopraffazioni, la tirannide del partito,

Depois do abandono por parte de Antonio Giolitti do PCI, também Italo Calvino apresentou as suas demissões do Partido, não considerando a política uma atividade abrangente na sua vida, apesar da sua confiança nas perspectivas democráticas do socialismo internacional e a influência que a milícia comunista houve na sua formação intelectual e humana.

Durante a sua importante e frutuosa carreira literária, Italo Calvino foi autor de romances, contos, ensaios, artigos e, à margem desta produção, manteve sempre um grande interesse pelo teatro, pela música, pelo cinema e pelo espetáculo. O próprio autor admitiu que entre os dezasseis e os vinte anos sonhava tornar-se um escritor teatral e algumas das suas resenhas de filmes foram publicadas no *Giornale di Genova* em 1941.

Os primeiros contos juvenis escritos por Calvino não chegaram à publicação, como por exemplo a coleção de contos breves *Pazzo io, pazzi gli altri*. No entanto, escreveu para diversas revistas, entre outras *La voce della democrazia*, *La nostra lotta* e *Il garibaldino*, *L'unità*, *Il politecnico* e *Rinascita*, nas quais apareceram as suas primeiras publicações, que convergiram mais tarde em *Ultimo viene il corvo*, publicado em 1949. Em 1946 dedicou-se à elaboração do seu primeiro romance *Il sentiero dei nidi di ragno*. Os anos Cinquenta foram anos fundamentais para a consagração de Calvino como escritor. A partir de 1951 foram publicados *Il visconte dimezzato* (1951), *L'entrata in guerra* (1954), *Fiabe italiane* (1956), *Il barone rampante* (1957) e *Il cavaliere inesistente* (1959), obras que tiveram um grande êxito e que contribuíram para o renome do autor quer no território nacional, quer além fronteiras. Continuou a publicar contos, ensaios e artigos nas revistas com as quais colaborava, entre outros *Taccuino di viaggio in Urss di Italo Calvino* (1951), *La formica argentina* e as primeiras novelas de *Marcovaldo* (1952), *Il midollo del leone* (1955), *La speculazione edilizia* e *La gran bonaccia delle Antille* (1957), *La gallina di reparto* e *La nuvola di smog* (1958).

Nos anos Sessenta ganhou forma na Itália o movimento da neovanguarda: Italo Calvino não partilhava totalmente as instâncias da corrente, mas seguiu os seus desenvolvimentos com atenção. Nestes anos publicou *Marcovaldo ovvero le stagioni in città* e *La giornata d'uno scrutatore* (1963), em 1964 surgiram as primeiras *Cosmicomiche*, que foram publicadas no ano seguinte, e apareceu a primeira edição de *Il*

Stalin, in nome della Causa. [...] [M]a qui, in Italia, in questa Italia, che cos'altro potrei essere se non comunista?").

castello dei destini incrociati (1969) e da coleção de contos *Gli amori difficili* (1970). Este período foi também dedicado à primeira das duas traduções que Calvino fez das obras de Raymond Queneau, *I fiori blu* (1967), que levou o autor a importantes considerações sobre a tradução e a verdadeira essência dos textos.

Mais tarde foram publicados *Le città invisibili* (1972), obra fundamental para a consagração do autor no estrangeiro, *La penna in prima persona* e *Il signor Palomar in Giappone* (1977), *Se una notte d'inverno un viaggiatore* (1979), os ensaios *Una pietra sopra. Discorsi di letteratura e società* (1980), *Palomar* (1983) e a coleção de artigos e textos ocasionais *Collezioni di sabbia* (1984).

Antes da sua morte, Italo Calvino dedicou-se à preparação das conferências programadas na Universidade de Harvard para o ano letivo 1985-1986, que foram recolhidas na obra póstuma *Lezioni Americane* (1988). O escritor morreu na noite entre 18 e 19 de setembro de 1985 na sequência de um ictus.

I.5 Italo Calvino numa perspectiva internacional

Há várias iniciativas italianas que visam incentivar a difusão do conhecimento da literatura italiana no mundo: há prémios literários italianos com secções internacionais, tais como o prémio de narrativa italiana e estrangeira em tradução “Grinzane Cavour” e o prémio Alassio “Un autore per l’Europa”, além de outros vários projetos que pretendem criar um mapa da difusão e receção da literatura italiana no estrangeiro. No entanto, em Itália escasseiam fontes que permitem o estudo desde o interior do século XX italiano em perspectiva internacional, quer porque este tipo de interesse tem crescido em tempos recentes – tanto que Andrea Palermitano define esta nova área de estudo uma “galáxia nascente”⁵¹ – quer porque as traduções não são, por enquanto, consideradas parte do património literário nacional. Todavia, fontes preciosas para este tipo de estudos são as “bibliotecas autorais”, ou seja, as bibliotecas pessoais dos autores que podem ter fins profissionais, de estudo ou de coleção e nas quais, às vezes, é possível encontrar alguns exemplares de traduções estrangeiras; os arquivos e as editoras estrangeiras; e os

⁵¹ A. Palermitano, “La città invisibili sulle mappe del mondo. Una ricognizione”, in *Enthymema*, n.º XXV, Milano, Università degli Studi di Milano, 2020, p. 296.

Institutos Italianos de Cultura. Particularmente relevantes para o levantamento que se apresentará no presente trabalho foram os arquivos da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e da Biblioteca Nacional do Brasil (BN), onde está recolhido todo o património literário e cultural dos dois países disponível nas bibliotecas espalhadas nos territórios nacionais.

Italo Calvino é reconhecido como o escritor italiano mais internacional da segunda metade do século XX⁵². Laura Di Nicola, professora de literatura italiana contemporânea da Universidade Sapienza de Roma, realizou o congresso *Calvino qui e altrove* no ateneu romano em 2015 com a participação de vários professores e académicos que tiveram a oportunidade de aprofundar a receção do autor em vários países estrangeiros. Em 2018, a Universidade La Sapienza instituiu um verdadeiro centro de estudos sobre Calvino, o *Laboratorio Calvino*, dedicado ao desenvolvimento dos estudos calvinianos, visando promover e valorizar o património artístico do escritor. Aliás, Di Nicola foi uma das coordenadoras do volume *Libri in viaggio, classici italiani in Svezia*, que trata amplamente da difusão de alguns autores italianos no estrangeiro (Italo Calvino e Umberto Eco são alguns exemplos), com particular atenção para o contexto do norte da Europa e nomeadamente da Suécia, e contribuiu para inúmeras revistas académicas de filologia e literatura italiana.

I.6 O êxito de Calvino no estrangeiro

Como Di Nicola explica no volume *Libri in viaggio, classici italiani in Svezia*, o exórdio e o lançamento de Calvino no exterior teve lugar cerca de uma década depois da saída em Itália do seu primeiro romance, *Il sentiero dei nidi di ragno* (1947), que começou a despertar muito interesse no estrangeiro e se revelou fundamental para a presença editorial do autor no resto do mundo, a partir de França. A primeira tradução de Calvino foi francesa, *Le vicomte pourfendu* (1955), apesar do sucesso e do êxito terem chegado em território francês só na segunda metade dos anos Setenta, com *Les villes invisibles* (1974) e *Palomar* (1985) que entraram na lista dos *best-sellers*.

⁵² M. De Las Nieves Muñoz, “Il canone del Novecento letterario italiano in Spagna”, in *Quaderns d’Italià*, nº 4/5, 1999/2000, p. 78, disponível em <https://revistes.uab.cat/quadernsitalia/article/view/v4-muniz>.

Quando a editora Einaudi começou a negociar os primeiros contratos para os direitos estrangeiros em 1956, depois da publicação em Itália de *Fiabe italiane* (1956) e *Il barone rampante* (1957), começou o verdadeiro êxito internacional de Calvino: as publicações das novas obras permitiram a tradução e a publicação no estrangeiro das obras mais antigas, que foram chegando a um público cada vez mais amplo. As primeiras destas traduções interessaram a Europa e a América inteira, a Rússia, a China – onde as primeiras traduções se baseavam nas traduções russas – e o Japão.

A segunda fase da difusão de Calvino consagrou o seu sucesso no exterior e aconteceu na segunda metade dos anos Setenta, depois da publicação de *Le città invisibili* (1972), *Il castello dei destini incrociati* (1973) e *Se una notte d'inverno un viaggiatore* (1979). Mais países começaram a traduzir e publicar as suas obras e, em particular, nos Estados Unidos e na França o interesse foi crescente. Com relação ao grande sucesso que Calvino obteve nestes dois países, é preciso mencionarmos o papel do agente literário Erich Linder que, já a partir dos anos Cinquenta, foi o maior responsável pelo sucesso do autor no estrangeiro. A figura de Linder e a presença da ALI (Agenzia Libreria Italiana) foram fundamentais para a organização das edições estrangeiras das obras de Calvino, para o melhoramento das estratégias de mercado internacional e, finalmente, para verificar que a qualidade das traduções era alta e adequada⁵³. Com relação ao mercado francês, Linder até aconselhou o autor a não publicar a sua obra segundo um critério cronológico, mas sim de alternar obras de caráter fantástico com as de caráter mais realista, para que a sua imagem não fosse cristalizada mais numa das duas produções, impedindo o alcance de um público mais amplo e diversificado.

A consagração de Calvino como clássico da contemporaneidade ocorreu preponderantemente depois da sua morte, ocorrida em 1985, e ao longo dos anos Noventa: em Itália assistiu-se à publicação da sua obra completa, enquanto o resto da editoria mundial começou a expressar interesse e atenção pela obra inteira de Calvino através da produção de edições e coletâneas cada vez mais numerosas.

Calvino, como outros autores italianos do século XX, destacou-se pelo forte cosmopolitismo e pela busca da confrontação entre culturas, características fundamentais para que o autor fosse traduzido e difundido no exterior. Vários autores italianos daquela

⁵³ Fondazione Arnoldo e Alberto Mondadori, “Italo Calvino”, disponível em <https://www.fondazionemondadori.it/rivista/agenzia-letteraria-internazionale/italo-calvino/>. Último acesso: 16/02/2022.

época desenvolveram e cultivaram uma grande agudeza e consciência em perspectiva internacional, tanto que a escrita e o estilo das suas obras chegou a altos níveis de traduzibilidade linguística e literária. É interessante observarmos que esta sensibilização se encontra massivamente nos autores que experimentaram em primeira pessoa a tarefa do tradutor. Ao longo do século XX, a tradução foi a atividade que permitiu a muitos autores e escritores, além do sustentamento económico, a entrada numa editora e os primeiros contactos e confrontações linguísticas e culturais. Segundo Di Nicola, a tradução para estes autores, Calvino incluído, contribuiu para alimentar a reflexão sobre a traduzibilidade de uma língua a outra, a pesquisa ao redor da palavra e os seus significados, juntamente com o seu rendimento estilístico e linguístico. Este tipo de consciência dos autores italianos do século XX criou a definição de *italianità letteraria* no estrangeiro, que identifica um particular estilo que fica longe de formas provincianas, e que carrega fortes impulsos de “ecletismo cultural”⁵⁴.

Calvino foi um autor que em primeira pessoa refletiu muito sobre o “espírito do italiano” e sobre a “arte da tradução”, primeiro na carta intitulada *Sul tradurre*, publicada em 1963 e endereçada ao diretor da revista *Paragone*; e na intervenção de 1965 para a revista *Rinascita*, pouco antes da sua tradução de *Fleurs bleu* de Queneau, intitulada *L'italiano: una lingua tra le altre lingue*. Segundo o autor, traduzir e comparar o mesmo texto nas suas versões em línguas diferentes é a verdadeira maneira de ler um texto: Calvino considerava o italiano uma língua isolada e intraduzível e, embora a tradução pudesse ser muito bem feita, não seria possível manter o “sabor” original, nem em pequena parte. Por outro lado, sempre segundo o escritor, o tradutor deve ser ágil, seguro nas escolhas lexicais e nas avaliações dos diversos estilos linguísticos, naquela que ele chama “inteligência no estilo”. Deve igualmente captar e expressar o que está por trás da língua, o sentido oculto e não dito das palavras. Por estes motivos, o seu pensamento estava dividido entre a intraduzibilidade da língua italiana e a convicção que a tarefa da tradução pode levar à forma mais absoluta de leitura.

Alguns anos depois, durante uma conferência sobre a tradução, apresentou o seu trabalho *Tradurre è il vero modo di leggere un testo*, onde sublinhou que quaisquer que sejam as línguas com as quais um tradutor trabalha, não é preciso só conhecer as línguas,

⁵⁴ L. Di Nicola, *Libri in viaggio. Classici italiani in Svezia*, Stockholm, Stockholm University Press, 2015, p. 69.

mas também saber entrar em contacto com o seu espírito e saber como elas podem transmitir uma à outra a “essência secreta” que as caracteriza. É aliás necessária, quando possível, uma verdadeira colaboração entre o autor e o seu tradutor, o qual deve reproduzir, na medida do possível, o esforço que o autor fez na obra original na escolha das palavras e do estilo. Se traduzir é o modo verdadeiro de ler um texto, para o próprio autor discutir com o tradutor é uma maneira para pensar novamente na sua escrita a partir de uma nova perspectiva.

A grande consciência da tarefa da literatura, o cosmopolitismo, a clara ideia sobre a tradução e o estilo são os principais motivos que colocam Calvino numa dimensão internacional: “Por difícil que seja traduzir os italianos, vale a pena fazê-lo: porque vivemos com o máximo da alegria possível o desespero universal. Se o mundo está cada vez mais insensato, a única coisa que podemos tentar fazer é dar-lhe um estilo”⁵⁵.

Ao reconstruir a difusão de Calvino no exterior, o romance *Le città invisibili* exige uma menção obrigatória. Esta é realmente uma das obras italianas do século XX mais difundidas no mundo, já que foi traduzida para 43 línguas e publicada em 49 países⁵⁶, definindo um ponto de viragem na receção de Calvino nos países onde ele já era conhecido – sobretudo depois do sucesso associado à difusão de *O barão trepador* – e despertando o interesse inclusive nos países onde o seu nome ainda não estava afirmado. As primeiras traduções deste romance apareceram em francês, inglês e espanhol depois de apenas dois anos da primeira publicação italiana em 1972, enquanto o último mercado atingido foi o mercado indiano em 2003, com as traduções em língua tamil, malayan e bengalês, chegando de facto a um público de dezenas de milhões de leitores. Nas palavras de Palermitano,

[a]s instâncias epistemológicas com relação às mutações de uma realidade contemporânea e global em que cada cidadão do mundo está envolvido, junto à reelaboração combinatória em chave originalmente e puramente calviniana de uma tradição literária historicamente definida e difundida em muitas literaturas estrangeiras, são talvez a pedra angular endógena para a obra pela qual interpretar a grande ventura encontrada além fronteiras. Estas características são baseadas nas identificadas por

⁵⁵ I. Calvino, “Perché scrivete”, in *Saggi. 1945–1985*, Milano, Mondadori, 1995, p. 1831, *apud* L. Di Nicola, *Op. Cit.*, p. 82 (tradução nossa. No original: “Per quanto difficile sia tradurre gli italiani, vale la pena di farlo: perché viviamo col massimo d’allegria possibile la disperazione universale. Se il mondo è sempre più insensato, l’unica cosa che possiamo cercare di fare è dargli uno stile”).

⁵⁶ A. Palermitano, *Op. Cit.*, p. 296.

Calvino quando, refletindo sobre o sucesso internacional das obras literárias – nomeadamente das italianas –, escreveu: «para que um livro passe as fronteiras é necessário que haja razões de originalidade e razões de universalidade».⁵⁷

Até 2018, foram publicadas no estrangeiro 123 edições, das quais 94 depois da morte do autor e 34 apenas na última década. Com certeza, a expansão do mercado editorial e o aumento do número de leitores no mundo são elementos fundamentais para a difusão de uma obra como a de Calvino, mas ao mesmo tempo Palermitano identifica três razões que levaram a um êxito tão amplo.

Em primeiro lugar, a crítica sempre teve uma grande influência relativamente ao sucesso da produção editorial de uma país, como no caso de *As cidades invisíveis* nos Estados Unidos. *The New York Review of Books* definiu esse romance de Calvino “perhaps his most beautiful work”⁵⁸, marcando um ponto de viragem fundamental para a boa consideração que o público manifestaria pelo autor, considerando também que este louvor acabou diretamente na capa do livro.

O segundo fator fundamental na difusão de uma obra é representado pelos editores e, a este respeito, Palermitano foca a atenção precisamente na realidade luso-brasileira. Como veremos nos próximos parágrafos, no Brasil as obras de Calvino começaram a ser editadas nos primeiros anos Setenta, mas somente com publicações esporádicas, enquanto a verdadeira descoberta do autor no país remonta aos anos Noventa. Entre as várias consequências às quais levou o fim dos regimes militares que se sucederam ao longo da segunda metade do século XX, houve um grande fermento cultural e social que permitiu à sociedade brasileira descobrir e assimilar as novidades que nos anos anteriores tinham sido obscurecidas pelas políticas ditatoriais. É precisamente nestes anos que foi fundada a Companhia das Letras, uma das maiores editoras brasileiras que contribuiu com regularidade para a difusão das obras de Calvino no Brasil. Foram publicadas nesta época

⁵⁷ I. Calvino, “Perché scrivete”, in *Saggi. 1945-1985*, Milano, Mondadori, 1995, p. 1825, *apud* A. Palermitano, *Op. Cit.*, p. 296. (tradução nossa. No original: “Le istanze epistemologiche in merito alle mutazioni di una realtà contemporanea e globale in cui ogni cittadino del mondo è coinvolto, insieme alla rielaborazione combinatoria in chiave originalmente e squisitamente calviniana di una tradizione letteraria storicamente definita e diffusa in molte letterature straniere, sono forse le chiavi di volta endogene all’opera con cui interpretare la grande fortuna incontrata oltreconfine. Queste caratteristiche si rifanno a quelle individuate da Calvino quando, ragionando sul successo internazionale delle opere letterarie – in particolare di quelle italiane –, scrisse: «perché un libro passi le frontiere bisogna che vi siano delle ragioni di originalità e delle ragioni di universalità»).

⁵⁸ A. Palermitano, *Op. Cit.*, p. 299.

as primeiras obras de Calvino no Brasil, ou seja *Seis propostas para o próximo milênio* e *As cidades invisíveis*, que foram amplamente reeditadas e impressas nos anos seguintes. É emblemático o facto de outros países, como Portugal e Espanha, que experimentaram um regime ditatorial no segundo pós-guerra e um regresso à democracia entre os anos Setenta e Oitenta, terem enfrentado a mesma experiência editorial brasileira. Na edição portuguesa da editora Dom Quixote de 2015, o editor dedica várias páginas no aparato paratextual à obra e à biografia do autor, com uma menção que o define um dos escritores mais importantes desta segunda metade do século XX.⁵⁹

O último fator responsável pela difusão de uma obra identificado por Palermitano é a condição literária e o cânone literário. Os editores não são encarregados somente da tradução e publicação da obra, mas também da sua colocação para que seja valorizada e lida. Uma ferramenta importante para a revelação da longevidade da obra é a continuidade das novas edições e das reimpressões. Toda a obra calviniana foi amplamente reeditada e muitos romances, contos e ensaios têm aparecido em coleções dedicadas aos clássicos da literatura mundial contemporânea. Alguns exemplos são as coleções *I meridiani* e *Oscar Mondadori* da editora italiana Mondadori, a *Biblioteca Italo Calvino* da espanhola Siruela e 卡尔维诺经 (“Os clássicos de Calvino”) da chinesa Ylin. *As cidades invisíveis* e outras obras de Calvino fazem parte deste tipo de cânone que, segundo o estudioso Asor Rosa, tornam o autor o último clássico italiano, não só para os leitores que podem desfrutar da escrita calviniana na língua original, mas também para os que conheceram a sua obra através da tradução.

I.7 A difusão da obra de Calvino e as suas traduções em Portugal

Em Portugal, até meados do século XX, a língua privilegiada e da qual mais se traduzia era o francês: os portugueses puderam finalmente ler os grandes clássicos russos como Tolstoi, Dostoievski e Tchekov só graças às traduções de segunda mão através da língua francesa. É sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial que a tradução se tornou uma atividade fortemente produtiva: muitos jornais portugueses começaram a propor inserções semanais ou até diárias de contos, entre os quais apareceram muitas traduções:

⁵⁹ *Ibidem*, p. 304.

pouco a pouco, autores de todas as partes do mundo chegavam ao público português. Este tipo de divulgação não só representou uma primeira rutura com o bloqueio associado ao segundo pós-guerra e à Guerra Fria, mas também uma rutura com o isolamento internacional imposto pelo governo salazarista que envolveu fortemente os intercâmbios culturais.

Entre os autores que mais foram publicados nessas inserções apareceram alguns italianos, como Alberto Moravia e Luigi Pirandello, embora o mais traduzido fosse Ernest Hemingway, seguido por Faulkner, Steinbeck, Graham, Proust e Dostoiévski⁶⁰. Também a poesia começou a ser amplamente traduzida e difundida graças ao grande trabalho de tradução que foi feito na segunda metade do século XX. Os primeiros tradutores de poesia desta vaga foram Tomaz Kim, que se dedicou muito à tradução da lírica inglesa; Paulo Quintela com relação à lírica germânica (suas foram as traduções dos poemas de Goethe, Nietzsche e Brecht); João Barrento e David Mourão-Ferreira, importantes tradutores de prosa e poesia românica. Na verdade, em geral muitos são os escritores que se dedicaram também à tarefa da tradução, e os portugueses não fazem exceção: já nos inícios do século XX, Fernando Pessoa deu o exemplo traduzindo seus pares, quer do inglês que era a sua língua materna, quer do espanhol que aprendeu ao longo da sua vida. Foi seguido por Jorge de Sena, João Cabral do Nascimento, Eugénio de Andrade e Sophia de Mello Breyner, entre outros grandes nomes da literatura e lírica portuguesa.

Com certeza a adesão à União Europeia nos finais do século XX deu um grande impulso ao intercâmbio científico e cultural com os outros países europeus. Em 1987, um ano depois da entrada de Portugal na União Europeia, foram instituídos os primeiros Cursos de Tradução nas Universidades portuguesas, que ainda hoje gozam de grande afluência e adesão por parte de jovens estudantes de todas as partes da Europa e do mundo.

Quanto às relações que ocorreram entre as culturas e literaturas italiana e portuguesa, os primeiros contactos remontam à segunda metade do século XIX: em 1859, antes da instituição da Universidade de Lisboa, foi criado pelo rei D. Pedro V de Bragança o Curso Superior de Letras que viu a abertura do primeiro ensino de literatura italiana. Os centros maiores de estudo e pesquisa sobre a literatura italiana coincidem com as cidades

⁶⁰ AA. VV., “A tradução para português na história da língua e da cultura. Elementos para uma síntese”, in *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XXV - Tomo II, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003-2006, pp. 40-41.

de Lisboa e Coimbra e as suas universidades. As próprias universidades portuguesas realizaram projetos de tradução muito ambiciosos relativos aos clássicos da literatura internacional: é o caso da tradução da obra inteira de Shakespeare, da *Ilíada*, *Odisseia* e *Em busca do tempo perdido* de Proust.

Além disso, o Instituto Italiano de Cultura de Lisboa desde 1939 publica a revista bilingue *Estudos Italianos em Portugal*, que já se tornou uma revista histórica. A revista é publicada com frequência anual e no seu interior é possível encontrar uma visão geral das traduções de italiano para português que foram publicadas no ano anterior. Por sua vez, a Universidade de Coimbra tentou promover o diálogo entre Itália e Portugal através da coleção “Leonardo”, publicada em seis volumes pelo Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras, e os Encontros de Italianística, ciclo de conferências que desde 2003 são organizadas com regularidade na Universidade.

Na realidade, as ligações entre Itália e Portugal são muito fortes desde a Idade Média: os autores portugueses olhavam com grande interesse e curiosidade para os grandes autores italianos e os contactos literários foram cada vez mais frutuosos a partir do Romantismo, continuando a prosperar até ao Realismo e à Vanguarda Futurista. O período ditatorial dos dois países levou a uma grande harmonia com relação às políticas exteriores, tanto que a política cultural conduzida por Mussolini privilegiou amplamente a Península Ibérica. Em 1926 foi instituído o *Fascio Fulcieri Paolucci de Calboli* que tinha como objetivo oficial a divulgação da cultura italiana em Portugal, seguido em 1935 pela criação do Instituto Italiano de Cultura; também a secção destacada no Porto do Instituto foi criado a partir do *Fascio Francesco Azzi*, entre outros exemplos paralelos na ilha de Madeira e nas colónias portuguesas em África.⁶¹

Hoje em dia, a evolução destes estudos precisa de um projeto que vá além das Universidades, e que abranja os ministérios e a diplomacia dos países. Segundo Rita Marnoto, as ligações antigas entre os dois países, as relações entre as duas literaturas e o alto número de alunos que estuda a língua italiana por interesse cultural criam hoje as condições para que as entidades culturais e económicas possam desenvolver e participar de um novo impulso ao estudo e difusão da literatura e cultura italiana em Portugal.

⁶¹ R. Marnoto, “Studi sulla letteratura italiana in Portogallo: una modernità incompiuta”, in G. Ferroni (ed.) *La rassegna della letteratura italiana. Situazione degli studi sulla letteratura italiana*, Firenze, Le Lettere, 2016, pp. 265-271.

À luz das considerações que acabamos de apresentar, também é possível refletir sobre a difusão de Italo Calvino em Portugal. Já dissemos que o autor é considerado um dos maiores expoentes da literatura italiana da segunda metade do século XX no mundo e que a sua obra entrou a fazer parte da categoria dos *best-sellers* internacionais. Calvino licenciou-se em 1945 na Faculdade de Letras da Universidade de Turim e, tendo entrado a fazer parte do Partido Comunista Italiano no ano anterior, começou a escrever em vários periódicos (*La voce della democrazia*, *La nostra lotta*, *Il Garibaldino*, *Il Politecnico* e *L'Unità* entre outros) onde apareceram os seus primeiros contos que confluíram em 1947 no seu romance de estreia *Il sentiero dei nidi di ragno*.

É neste período, ao redor da metade dos anos Cinquenta, que Calvino chegou ao panorama internacional, embora as primeiras traduções portuguesas tenham sido publicadas só nos primeiros anos Sessenta: *Il visconte dimezzato*, publicado em Itália em 1952, e *La speculazione edilizia*, de 1958, foram os primeiros romances que conquistaram as estantes das livrarias portuguesas em 1961. O primeiro foi publicado pela editora Portugália e traduzido por José Manuel Calafate; o segundo foi publicado pela editora Arcádia com o título *Os oportunistas* e foi traduzido por Arnaldo Boim. Estas duas editoras se alternaram na publicação das obras de Calvino ao longo dos anos Sessenta: pela Portugália foram traduzidos e publicados em 1965 *Il barone rampante* (1957), com o título *O barão trepador* na tradução de José Manuel Calafate; *Il cavaliere inesistente* (1959), intitulado em português *O cavaleiro inexistente* e traduzido a quatro mãos por Fernanda Ribeiro e Herberto Helder, completando a trilogia de *I nostri antenati* (*Os nossos antepassados*) – que seria reunida em forma de coletânea em 1997 pela editora Círculo de Leitores –; e o romance de estreia de Calvino, *O atalho dos ninhos de aranha*, traduzido por Calafate. A editora Arcádia, por seu lado, dedicou-se à publicação de dois títulos depois do primeiro: *A vida difícil* (*La vita difficile*, 1952-1958) em 1963 que reúne os contos “A formiga argentina” e “A nuvem de smog”, com a tradução de Fernanda Branco; e *Os idílios difíceis* (*Gli idilli difficili*, 1958) no ano seguinte com a tradução, mais uma vez, de Branco.

Nos anos Setenta, a única obra traduzida foi *Il castello dei destini incrociati* (1973), publicada pela editora Bertrand (o único romance de Calvino que esta editora publicou) quatro anos depois da sua saída em Itália, com o título *O Castelo dos destinos cruzados* e a tradução de Gaëtan Martins de Oliveira.

Os anos Oitenta e Noventa viram uma verdadeira explosão de publicações e traduções dos romances, coletâneas de contos e ensaios do autor. A cena editorial foi monopolizada pela editora Teorema de Lisboa que, a partir de 1986, publicou grande parte da obra e, como se estava a passar no resto do mundo pouco depois da morte do autor, dedicou-se também à produção de novas edições e novas traduções. A Teorema tem dominado a edição da obra calviniana em Portugal até hoje: a partir do ano de 2008, a editora publicou novamente alguns títulos que tinham obtido muito êxito nos anos Noventa como *As cidades invisíveis*, *Porque ler os clássicos* e *Se uma noite de inverno um viajante* entre muitos outros. Nos últimos anos, a editora Dom Quixote, que faz parte do grupo editorial LeYa juntamente à editora Teorema, tomou as rédeas da publicação do autor em Portugal, sobretudo a partir de 2015.

Quanto aos tradutores, muitos foram os que traduziram Calvino a partir dos anos Sessenta. O primeiro foi Arnaldo Boim, responsável pela primeira tradução em 1961 de *Os oportunistas*, única obra que ele traduziu do autor; depois dele, José Manuel Calafate, tradutor de *O visconde cortado ao meio* e *O barão trepador*: as suas traduções mantêm-se ainda hoje e a última edição de *O visconde cortado ao meio* de 2015 também apresenta a sua tradução. Sem dúvida, o tradutor que mais tem representado a obra calviniana em Portugal é José Colaço Barreiros, poeta e tradutor responsável também pelas traduções portuguesas de Jorge Luis Borges, Umberto Eco e Stefano Benni. Barreiros, entre os títulos mais conhecidos como *As cidades invisíveis*, *Se uma noite de inverno um viajante* e *O castelo dos destinos cruzados*, foi encarregado de introduzir em Portugal as obras que obtiveram, por assim dizer, menor êxito, mas que foram fundamentais para a criação da imagem do autor no país, como *Sob o sol jaguar*, *A memória do mundo*, *Um mistério no labirinto* e *O caminho de San Giovanni*.

Em seguida, são apresentadas todas as traduções portuguesas das obras de Calvino em ordem cronológica segundo a publicação italiana, acompanhadas pelo ano de publicação em Itália, o título em português, o tradutor, a editora e o ano de publicação em Portugal.

Tabela 1 – Traduções e edições portuguesas das obras de Italo Calvino

Título original	Título em português	Tradutor	Editora	Ano de publicação
<i>Il sentiero dei nidi di ragno</i> (1947)	<i>O atalho dos ninhos de aranha</i>	José Manuel Calafate	Portugália Editora	1960
		Maria do Carmo Abreu	Publicações Dom Quixote	1992
			Editorial Teorema	2010
<i>Il visconte dimezzato</i> (1952)	<i>O visconde cortado ao meio</i>	José Manuel Calafate	Portugália Editora	1961
			Editorial Teorema	1986, 1996, 2009
			Publicações Dom Quixote	2015
<i>La vita difficile</i> (1952-1958)	<i>A vida difícil</i>	Fernanda Branco	Arcádia	1963
	<i>A nuvem de smog - A formiga argentina</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	2001, 2009
		Fernanda Ribeiro	Editorial Teorema	1998, 2010
<i>Fiabe italiane, raccolte dalla tradizione popolare durante gli ultimi cento anni e trascritte in lingua dai vari dialetti da Italo Calvino</i> (1956)	<i>Fábulas e contos italianos</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	199-
	<i>Fábulas e contos italianos, recolhidos da tradição popular durante os últimos cem anos e transcritos dos vários dialetos para a língua italiana</i>		Círculo de Leitores	2000
<i>Il barone rampante</i> (1957)	<i>O barão trepador</i>	José Manuel Calafate	Portugália Editora	1965
			Editorial Teorema	1986, 1999

			Abril Control Journal	2000
<i>La speculazione edilizia</i> (1958)	<i>Os oportunistas</i>	Arnaldo Boim	Arcádia	1961
	<i>A especulação imobiliária</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	2010
<i>Il cavaliere inesistente</i> (1959)	<i>O cavaleiro inexistente</i>	Fernanda Ribeiro; Herberto Helder	Portugália Editora	1965
		Fernanda Ribeiro	Editorial Teorema	1998, 2010
			Publicações Dom Quixote	2019
<i>I nostri antenati</i> (1960)	<i>Os nossos antepassados</i>	José Manuel Calafate	Círculo de Leitores	1997
<i>La giornata d'uno scrutatore</i> (1963)	<i>O dia de um escrutador</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	1997
<i>Marcovaldo ovvero le stagioni in città</i> (1963)	<i>Marcovaldo</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	1994
	<i>Marcovaldo ou as estações na cidade</i>			2011
<i>Cosmicomiche</i> (1965)	<i>Cosmicómicas</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	1993
	<i>Novas cosmicómicas</i>			1996
	<i>Todas as cosmicómicas</i>			2009
<i>La memoria del mondo e altre cosmicomiche</i> (1968)	<i>A memória do mundo</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	1996
<i>Gli amori difficili</i> (1970)	<i>Os amores difíceis</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	2011
			Publicações Dom Quixote	2019

<i>Le città invisibili</i> (1972)	<i>As cidades invisíveis</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	1993, 1994, 1996, 1999, 2000, 2002, 2003, 2006, 2008	
			Publicações Dom Quixote	2015, 2016, 2017	
			Leya	2016	
<i>Il castello dei destini incrociati</i> (1973)	<i>O castelo dos destinos cruzados</i>	Gaëtan Martins de Oliveira	Bertrand Editora	1977	
			José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	2003, 2009
				Publicações Dom Quixote	2017
<i>Se una notte d'inverno un viaggiatore</i> (1979)	<i>Se numa noite de inverno um viajante</i>	Maria de Lourdes Sirgado Ganho; José Manuel de Vasconcelos	Nova Vega Editora	1985, 1993	
			José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	2000, 2009
		Público		2002	
		Publicações Dom Quixote		2018	
<i>Una pietra sopra</i> (1980)	<i>Ponto final: escritos sobre literatura e sociedade</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	2003	
<i>Palomar</i> (1983)	<i>Palomar</i>	João Reis	Editorial Teorema	1987, 1998, 2002, 2009	
			Publicações Dom Quixote	2020	
<i>Sotto il sole giaguaro</i> (1986)	<i>Sob o sol jaguar</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	2009	
<i>Lezioni americane. Sei proposte per il</i>	<i>Seis propostas para o próximo milénio</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	1993, 1998, 2002	

<i>prossimo millennio</i> (1988)				
<i>Sulla fiaba</i> (1988)	<i>Sobre o conto de fadas</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	1993, 1998, 2002
<i>La strada di San Giovanni</i> (1990)	<i>O caminho de San Giovanni</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	2002
<i>Perché leggere i classici</i> (1991)	<i>Porquê ler os clássicos</i>	José Colaço Barreiros	Editorial Teorema	1991, 1994, 2003, 2009
			Publicações Dom Quixote	2015
<i>Un ottimista in America</i> (2014)	<i>Um otimista na América</i>	José Colaço Barreiros	Publicações Dom Quixote	201

I.8 A difusão da obra de Calvino e as suas traduções no Brasil

No curso do último século a tradução no Brasil cresceu muito, quer sob o ponto de vista da quantidade, quer sob o ponto de vista da profissionalização. Este tipo de mudanças deve-se a vários fatores, mas fundamental foi o desenvolvimento industrial que o país teve nos últimos cem anos. O desenvolvimento do mercado livreiro brasileiro e do mercado de massa de livros começou na segunda década do século XX, graças à fundação em 1918 da editora Monteiro Lobato e Companhia (a partir de 1925, Companhia Editora Nacional) por parte de José Bento Lobato. Para entender a importância desta nova editora, é suficiente pensar que, nos anos Vinte, mais da metade de todos os livros impressos foram publicados por esta editora, e um quarto do total só nos anos Quarenta⁶². Como já vimos para Portugal, também no Brasil a tendência inicial era a de traduzir sobretudo a partir de obras francesas, mas no Brasil com o advento da Monteiro Lobato e Companhia o mercado livreiro abriu-se às obras inglesas e estadunidenses.

A economia brasileira experimentou um importante crescimento a partir de 1968, o chamado Milagre Brasileiro, enquanto o mundo inteiro estava a enfrentar a tensão dos

⁶² D. Silva Reis; J. Milton, “História da tradução no Brasil: percursos seculares”, in *Translatio*, n.º 12, Porto Alegre, Instituto de Letras da UFRGS, 2016, p. 23.

Anos de Chumbo. A indústria livreira em particular cresceu mais rapidamente do que o resto da economia, com uma publicação média de 0,5 livros por cabeça nos anos Sessenta e até dois livros por cabeça nos anos Oitenta, com um crescimento de 400% em vinte anos⁶³. No mesmo período também a tradução enfrentou um grande impulso, sobretudo em relação à tradução e à localização dos manuais técnicos e das obras acadêmicas e dos artigos nas revistas internacionais, como *Nova*, *VIP*, *Men's Health*, *Elle*, *Playboy* e *Vogue*, sobretudo a partir do inglês americano.

Nos últimos trinta anos, desenvolveram-se também os estudos de tradução embora, diferentemente do resto do mundo, este desenvolvimento tenha ocorrido fora das universidades. Os primeiros manuais de tradução saíram a partir dos anos 50, como *Escola de Tradutores e Tradução Vivida*, escritos pelo professor, tradutor e editor exilado húngaro Paulo Rónai, além das primeiras revistas publicadas a partir dos anos Oitenta, como *Tradução e comunicação*, e o suplemento cultural da *Folha de São Paulo*, *O Folhetim*, onde apareceram as primeiras traduções de Augusto e Haroldo de Campos. Só nos anos Noventa as universidades começaram a desenvolver um interesse pelos Estudos de Tradução: o próprio Haroldo de Campos foi convidado pela Universidade de São Paulo para dar aulas no percurso de Semiótica e Comunicação e, ao longo da década, outras importantes universidades abriram as suas portas à pesquisa sobre a tradução: a primeira universidade a instituir um mestrado em Estudos de Tradução foi a Universidade Federal de Santa Catarina em 1994.

No século XX, o Brasil começou finalmente a ser considerado como um estado unido e sofreu uma ampla difusão da língua portuguesa à custa das inúmeras línguas indígenas e línguas de imigração faladas no território. A partir da época da ditadura varguista, todas as escolas brasileiras foram obrigadas a ensinar em português, sem a possibilidade de ensinar qualquer língua estrangeira aos menores de catorze anos, além da proibição de falar em língua estrangeira em público. Por isso, nos últimos anos, o interesse dos estudantes de tradução e dos pesquisadores tem-se focado cada vez mais nas línguas indígenas. A Universidade Federal de São Carlos tem organizado no estado do Amazonas um projeto para a formação de professores nas línguas baniwa, nheengatu e tukano, também através da produção de traduções de obras literárias para essas línguas.

⁶³ *Ibidem*.

Entretanto, as universidades de São Paulo e Santa Catarina estão envolvidas num projeto de mapeamento das obras italianas traduzidas no Brasil, a partir do qual nasceu um catálogo eletrônico chamado *Dicionário da Literatura Italiana Traduzida*, que abrange um período de tempo que vai de 1900 até os nossos dias. As estudiosas Adriana Iozzi Klein e Lucia Wataghin da Universidade de São Paulo explicam no ensaio *La letteratura italiana tradotta in Brasile: indagine e considerazioni sul panorama contemporaneo e ultra contemporaneo* que este tipo de trabalho pode ser útil, entre outros objetivos, para justificar a presença de alguns autores italianos no panorama brasileiro num período de tempo específico e para verificar se a chegada de alguns títulos e autores neste mercado se deve a uma ligação entre os dois sistemas culturais ou, ao invés, a fenômenos globais aos quais nenhuma cultura consegue resistir.

As relações entre a obra original e a sua tradução num determinado contexto cultural não são fixas, aliás dependem de vários fatores entrelaçados entre si, que dependem da política, da sociedade e do contexto cultural da época. É interessante ver como as relações entre o Brasil e a Itália constituíram o voto de desempate na difusão das respetivas obras no outro país. Bianconi, Dionisio e Macedo, no seu contributo à obra *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução* organizada por Patricia Peterle da Universidade Federal de Santa Catarina, explicam que, junto ao fenómeno da imigração que contribuiu para a consagração da ligação cultural entre os dois países, a Semana da Arte Moderna de 1922 representou um ponto de viragem para a difusão das obras italianas no mercado brasileiro: a partir daí, muitos escritores brasileiros começaram a aproximar-se da corrente futurista italiana, alimentando o interesse ao redor da literatura italiana da época⁶⁴. Por seu lado, Salatini, Cechinel, Castelan e De Benedetti, ao analisarem a presença italiana nas revistas literárias brasileiras, chamam a atenção para a época fascista italiana. A partir de 1942, na *Revista da Academia Paulista de Letras*, que secundava o posicionamento político brasileiro contra a Itália durante a Segunda Guerra Mundial, a presença italiana na revista diminuiu drasticamente, chegando a considerar-se a Itália “traidora que foi ao seu passado, às suas

⁶⁴ L. Rossi Bianconi; M. A. Dionisio; T. Macedo, “Traduções da literatura italiana no início do século XX e o mercado editorial”, in P. Peterle (ed.) *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução*, Florianópolis, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011, pp. 31-42.

tradições”⁶⁵ enquanto, paralelamente, houve uma maior exaltação literária e cultural da França, com a qual o Brasil estava mais alinhado politicamente.

Com certeza a queda do regime militar no Brasil contribuiu para a difusão de obras estrangeiras traduzidas, e os autores italianos não são uma exceção. Um exemplo é a literatura neorrealista italiana, antifascista e de esquerda, que vive uma época muito próspera no Brasil durante e depois dos anos da ditadura, devidamente à prosperidade simultânea na Itália e ao desenvolvimento dos estudos de italianística nas universidades brasileiras.

Os autores italianos do século XX que mais foram traduzidos no Brasil são Natalia Ginzburg, que goza de grandes edições e aparatos críticos excepcionais; Primo Levi, com sete obras traduzidas e publicadas por editoras importantes; Pier Paolo Pasolini e Umberto Eco com seis obras; e, claramente, Italo Calvino com vinte obras traduzidas. A presença de Calvino no mercado brasileiro é definida por Klein e Wataghin como “imensa”: a partir dos anos oitenta, quer as estantes das livrarias, quer os cursos universitários, estavam cada vez mais permeados das obras do autor, tanto que os estudantes tratavam nas suas teses temáticas relativas à poética e ao pensamento calvinianos.

A primeira publicação de uma obra do autor no Brasil foi a tradução de *Se una notte d'inverno un viaggiatore* (1979) em 1982, de Nilson Moulin, publicada pela editora Nova Fronteira do Rio de Janeiro. Nilson Moulin foi encarregado muitas vezes pelas traduções de Calvino: *Marcovaldo ovvero le stagioni in città* (1963), *Sotto il sole giaguaro* (1986), *Perché leggere i classici* (1991) e a trilogia de *I nostri antenati* são só alguns exemplos da multidão de obras que Moulin conseguiu entregar ao público brasileiro. Outros tradutores que se engajaram várias vezes na tradução de Calvino são Ivo Barroso, com as traduções de *Cosmicomiche* (1965), *Il castello dei destini incrociati* (1973) e *Palomar* (1983); e Roberta Barni, com *Una pietra sopra* (1980), *La strada di San Giovanni* (1990) e *La giornata di uno scrutatore* (1963).

Como já dissemos há pouco, a editora Nova Fronteira foi uma das primeiras a apostar em Calvino a partir dos anos Oitenta. Em seguida, a editora de São Paulo Companhia das Letras começou a publicar as traduções do autor, ambas a partir dos anos

⁶⁵ E. Salatini; F. Moro Cechinel; I. Carlos Castelan; S. De Benedetti, “A presença italiana nas revistas literárias brasileiras da primeira metade do século XX”, in P. Peterle (ed.) *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução*, Florianópolis, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011, p. 91.

Noventa e até aos nossos dias. Com certeza a Companhia das Letras constitui até hoje uma das editoras mais envolvidas na difusão de Calvino no Brasil, com um amplo catálogo que abrange os géneros mais diversos implementados pelo autor e edições sempre atualizadas e reimpressas.

Em seguida, são apresentadas todas as obras do autor traduzidas no Brasil.

Tabela 2 – Traduções e edições brasileiras das obras de Italo Calvino

Título original	Título em português	Tradutor	Editora	Ano de publicação
<i>Il sentiero dei nidi di ragno</i> (1947)	<i>A trilha dos ninhos de aranha</i>	Roberta Barni	Companhia das Letras	2004
<i>Il visconte dimezzato</i> (1952)	<i>O visconde partido ao meio</i>	Wilma Freitas Ronald de Carvalho	Nova Fronteira	1988, 1989
		Nilson Moulin	Companhia das Letras	1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2004, 2005, 2006,
			Companhia de Bolso	2011, 2015, 2016
<i>Fiabe italiane, raccolte dalla tradizione popolare durante gli ultimi cento anni e trascritte in lingua dai vari dialetti da Italo Calvino</i> (1956)	<i>Fábulas italianas, coletadas na tradição popular durante os últimos cem anos e transcritas a partir de diferentes dialetos</i>	Nilson Moulin	Companhia das Letras	1992, 1993, 1995, 1996, 1997, 1999, 2000, 2001, 2003
			Companhia de Bolso	2006, 2016
<i>La scommessa a chi primo s'arrabbia (in Fiabe Italiane)</i> (1956)	<i>Perde quem fica zangado primeiro</i>	Nilson Moulin	Companhia das Letrinhas	1997, 1999, 2000, 2003
<i>Il barone rampante</i> (1957)	<i>O barão nas árvores</i>	Nilson Moulin	Companhia das Letras	1991, 1994, 1997, 1999, 2001, 2006

			Companhia de Bolso	2009, 2015
<i>La speculazione edilizia</i> (1958)	<i>A especulação imobiliária</i>	Ildete de Oliveira Castro	Nova Fronteira	1986
		Maurício Santana Dias	Companhia das Letras	2011
<i>Il cavaliere inesistente</i> (1959)	<i>O cavaleiro inexistente</i>	Nilson Moulin	Companhia das Letras	1993, 1995, 1997, 1998, 1999, 2000, 2011, 2002, 2003, 2004, 2005
			Companhia de Bolso	2005, 2014, 2015, 2016
<i>I nostri antenati</i> (1960)	<i>Os nossos antepassados</i>	Nilson Moulin	Companhia das Letras	1997, 1999
			Companhia de Bolso	2014
<i>La giornata d'uno scrutatore</i> (1963)	<i>O dia de um escrutinador</i>	Roberta Barni	Companhia das Letras	2002, 2003
<i>Marcovaldo ovvero le stagioni in città</i> (1963)	<i>Marcovaldo ou as estações na cidade</i>	Nilson Moulin	Companhia das Letras	1994, 1997, 1999, 2001, 2003, 2013, 2015, 2016
<i>Cosmicomiche</i> (1965)	<i>As cosmicômicas</i>	Ivo Barroso	Companhia das Letras	1992, 1994, 1999, 2000, 2005
	<i>Todas as cosmicômicas</i>	Ivo Barroso; Roberta Barni		2007
<i>Gli amori difficili</i> (1970)	<i>Os amores difíceis</i>	Raquel Ramallete	Companhia das Letras	1992, 1993, 1994, 1996, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2004, 2006
			Companhia de Bolso	2013, 2016
<i>Le città</i>	<i>As cidades</i>	Diogo Mainardi	Companhia das	1990, 1991,

<i>invisibili</i> (1972)	<i>invisíveis</i>		Letras	1993, 1995, 1997, 1998, 1999, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2007, 2014
			Folha de São Paulo	2003
<i>Il castello dei destini incrociati</i> (1973)	<i>O castelo dos destinos cruzados</i>	Ivo Barroso	Companhia das Letras	1991, 1993, 1994, 1997, 1999, 2001, 2002, 2006
<i>Se una notte d'inverno un viaggiatore</i> (1979)	<i>Se um viajante numa noite de inverno</i>	Nilson Moulin	Nova Fronteira	1982
			Círculo do Livro	1985
			Companhia das Letras	1990, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2005, 2014, 2015
<i>Una pietra sopra</i> (1980)	<i>Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade</i>	Roberta Barni	Companhia das Letras	2009
<i>Palomar</i> (1983)	<i>Palomar</i>	Ivo Barroso	Companhia das Letras	1994, 1999, 2000, 2004
<i>Sotto il sole giaguaro</i> (1986)	<i>Sob o sol-jaguar</i>	Nilson Moulin	Companhia das Letras	1995, 2001
<i>Lezioni americane: sei proposte per il prossimo millennio</i> (1988)	<i>Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas</i>	Ivo Barroso	Companhia das Letras	1990, 1991, 1993, 1994, 1995, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2003, 2004, 2005, 2016
<i>La strada di San Giovanni</i> (1990)	<i>O caminho de San Giovanni</i>	Roberta Barni	Companhia das Letras	2000
<i>Perché leggere i classici</i>	<i>Por que ler os clássicos</i>	Nilson Moulin	Companhia das Letras	1993, 1994, 1995, 1997,

(1991)				1998, 2000, 2001, 2002, 2004, 2005
			Companhia de Bolso	2007, 2014, 2016
<i>Prima che tu dica pronto</i> (1993)	<i>Um general na biblioteca</i>	Rosa Freire d'Aguiar	Companhia das Letras	2001, 2007
			Companhia de Bolso	2010

CAPÍTULO II

PARA UM ESTUDO DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL ATRAVÉS DA LINGUÍSTICA DE *CORPORA*

II.1 A linguística de *corpora*

A linguística de *corpora* é uma metodologia que envolve as análises empíricas (quer quantitativas, quer qualitativas) do uso da língua. Este tipo de análise é possível graças às grandes coleções, disponíveis também em formato eletrônico, que recolhem, a partir de textos orais e escritos autênticos, as ocorrências naturais da língua. Os *corpora*, portanto, reúnem e refletem o comportamento linguístico dos falantes. Segundo McEnery e Wilson⁶⁶ “corpus linguistics is perhaps best described for the moment in simple terms as the study of language based on examples of ‘real life’ language use”. Esta definição parece com certeza incontroversa, embora seja bastante vasta e geral. Podemos acrescentar que a ferramenta utilizada para este tipo de estudos são os *corpora*, ou seja “any collection of data (whether narrative texts or individual sentences) elicited for the purpose of linguistic research, frequently with a particular research question in mind”⁶⁷.

O papel dos dados recolhidos neste tipo de *corpora* tem sido causa de disputas e controvérsias entre linguistas e estudiosos. São principalmente quatro os pontos levantados pelos céticos que visam alertar sobre o uso dos *corpora* no âmbito da investigação linguística: os *corpora* são dados sobre o uso da língua e, por isso, irrelevantes no estudo sobre o conhecimento linguístico; os *corpora* e os dados derivados são sempre incompletos; os *corpora* contêm formas linguísticas (representadas em grafemas), mas ignoram a semântica e a pragmática destas formas; os *corpora* não contêm provas negativas: só podem explicar o que é possível na língua, mas não o que é impossível.

⁶⁶ T. McEnery, A. Wilson, *Corpus Linguistics: An Introduction*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2001, p. 1.

⁶⁷ A. Stefanowitsch, *Op. Cit.*, p. 22.

II.1.1 Limites e críticas

Para entendermos quais são as motivações que ficam por trás do ceticismo relativo à linguística de *corpora*, podemos recorrer a uma explicação fornecida por Noam Chomsky. O estudioso, na sua intervenção sobre o desenvolvimento da gramática na linguagem da criança, acredita que

when actually faced with the task of speaking or “understanding”, many other factors act upon his underlying linguistic competence to produce actual performance. He may be confused or have several things in mind, change his plans in midstream, etc. Since this is obviously the condition of most actual linguistic performance, a direct record – an actual corpus – is almost useless, as it stands, for linguistic analysis of any but the most superficial kind.⁶⁸

A distinção entre competência linguística e desempenho linguístico coloca-se na base das teorias sobre a sintaxe generativa. Anatol Stefanowitsch, autor do importante ensaio sobre a metodologia da linguística de *corpora* *Corpus linguistics. A guide to the methodology* (2020), afirma que, perante o facto de a competência linguística ser refletida, pelo menos de uma forma geral, no desempenho linguístico, deveria então ser possível moldar o conhecimento linguístico baseando-se na observação do uso da língua. Ainda que os fatores de confusão mencionados por Chomsky existam indubitavelmente, não haveria nenhuma razão para acreditar que estes fatores não possam ser identificados e tidos em conta nos resultados finais da análise linguística de um *corpus*.

Chomsky identifica também outro aspeto que sublinha a sua incerteza e falta de confiança com relação à linguística de *corpus* que mencionámos acima: a incompletude dos *corpora*. Nas palavras do linguista:

It is obvious that the set of grammatical sentences cannot be identified with any particular corpus of utterances obtained by the linguist in fieldwork. Any grammar of a language will project the finite and somewhat accidental corpus of observed utterances to a set (presumably infinite) of grammatical utterances.⁶⁹

⁶⁸ N. Chomsky, “The Acquisition of Language: Report of the Fourth Conference Sponsored by the Committee on Intellectual Processes Research of the Social Science Research Council”, in *Monographs of the Society for Research in Child Development*, Vol. 29, n° 1, Lynn S. Liben, 1964, pp. 35-42, *apud* A. Stefanowitsch, *Op. Cit.*, p. 3.

⁶⁹ N. Chomsky, “Syntactic Structure”, The Hague, Mouton, 1957, p. 15, *apud* A. Stefanowitsch, *Op. Cit.*, p. 5.

Segundo o linguista Stefanowitsch, um *corpus*, por definição, é finito, e nunca poderá incluir exemplos de cada fenômeno linguístico. Até os maiores *corpora* que contêm mais de cem milhões de palavras – como o British National Corpus – nunca poderão conter enunciados que, mesmo sendo considerados gramaticais pelos falantes, são demasiado incomuns para aparecerem até numa amostra com mais de cem milhões de palavras. Aliás, muitas ocorrências linguísticas ficam limitadas no interior de determinadas variedades: um *corpus* que não contém aquela específica variedade não poderá conter exemplos de ocorrências limitadas especificamente àquela variedade.

A incompletude dos *corpora*, então, deve ser aceite e tida em conta ao elaborar os dados. De todas as formas, Stefanowitsch não acredita que esta argumentação seja um dissuasor para o recurso à linguística de *corpora*, já que qualquer coleção de dados é inevitavelmente incompleta. O importante, afirma o linguista, é criar modelos gerais a partir de dados incompletos, e aperfeiçoá-los na altura em que mais dados se tornam disponíveis e acessíveis.

Outros ceticismos sobre a linguística de *corpus* referem-se à ausência de significado nos *corpora*. George Lakoff acredita que:

Corpus linguistics can only provide you with utterances (or written letter sequences or character sequences or sign assemblages). To do cognitive linguistics with corpus data, you need to interpret the data – to give it meaning. The meaning doesn't occur in the corpus data. Thus, introspection is always used in any cognitive analysis of language [...].⁷⁰

Stefanowitsch concorda neste caso com Lakoff: se o *corpus* fosse tudo o que se tem, a linguística de *corpus* ficaria reduzida à identificação de construções formais (como por exemplo as combinações recorrentes) em sequências de símbolos sem sentido nenhum. Como afirma Lakoff, sempre devemos interpretar os dados ao longo da análise.

Em todo o caso, é preciso distinguir entre dois tipos diferentes de introspeção, conceito que Lakoff menciona e que Stefanowitsch aborda amplamente: o primeiro tipo é a intuição, ou seja a prática de acesso introspetivo à experiência linguística de um falante para criar frases e atribuir-lhes juízos sobre a gramaticalidade; o segundo é a

⁷⁰ G. Lakoff, *Re: Empirical Methods in Cognitive Linguistics*, 2004, disponível em <http://listerv.linguistlist.org/cgi-bin/wa?A2=ind0407&L=COGLING&F=&S=&P=2918>, *apud* A. Stefanowitsch, *Op. Cit.*, p. 7.

interpretação, a prática que consiste na atribuição de uma interpretação a um enunciado, em termos de semântica e pragmática.⁷¹ A segunda tarefa encontra-se amplamente mais ao alcance do falante, uma vez que a interpretação de enunciados linguísticos é uma atividade natural e cada falante precisa de interpretar o que ouve para compreender, enquanto a invenção de frases e o juízo sobre a sua gramaticalidade não é uma atividade natural do falante e só é implementada em pesquisas e investigações linguísticas específicas.

Segundo o linguista norte-americano Ray Jackendoff, a prática que consiste na criação e na atribuição de juízos sobre a gramaticalidade de um enunciado através da intuição é o tipo de experiência linguística mais fácil, seguro e económico. Basicamente, o falante deve avaliar se, na sua língua, uma determinada frase ou enunciado pode ser considerado gramatical ou não e se, eventualmente, tem um significado específico. A ideia subjacente a este tipo de experiência é que, apesar de não podermos observar a gramática mental de uma língua, podemos pelo menos observar os juízos sobre a sua gramaticalidade e o seu significado.⁷²

Stefanowitsch critica severamente este tipo de investigação linguística que considera os julgamentos individuais sobre a gramaticalidade da mesma forma que as experiências mais sofisticadas, e que os apresenta como uma forma direta da representação linguística mental. Além disso, o próprio Jackendoff faz notar que o método é considerado tão seguro que os linguistas normalmente confiam nos próprios julgamentos e naqueles dos colegas para este tipo de investigações. Stefanowitsch chama a atenção para o facto de os julgamentos individuais sobre a gramaticalidade de um enunciado serem excessivamente variáveis entre falantes para que sejam utilizados como dados linguísticos e que a velocidade e a facilidade nem sempre são sinónimo de método científico. Adicionalmente, os pesquisadores são especialistas linguísticos cujo julgamento dificilmente pode ser representativo do falante nativo médio e, aliás, conhecem os pontos da pesquisa que querem demonstrar, o que pode distorcer significativamente o seu julgamentos.⁷³

⁷¹ A. Stefanowitsch, *Op. Cit.*, p. 8: “practice of introspectively accessing one’s linguistic experience in order to create sentences and assign grammaticality judgments to them”; “the practice of assigning an interpretation (in semantic and pragmatic terms) to an utterance”.

⁷² R. Jackendoff, *Patterns in the Mind: Language and Human Nature*, New York, BasicBooks, 1994, p. 47, *apud* A. Stefanowitsch, *Op. Cit.*, p. 9.

⁷³ Cfr. A. Stefanowitsch, *Op. Cit.*, p. 10.

A intuição, portanto, tem um importante lugar na investigação linguística, embora precise de procedimentos rigorosos ao incluir os resultados obtidos num projeto de pesquisa. Por seu lado, os dados recolhidos no interior de um *corpus* ainda são objeto de críticas e têm dificuldade em encontrar um lugar de prestígio no âmbito da investigação linguística.

Stefanowitsch recupera as críticas avançadas face à linguística de *corpora* e associa-as ao método da intuição. Nomeadamente, pergunta-se se os dados “intuídos” serão efetivamente mais completos, mais ricos de informação sobre a semântica e sobre a pragmática e um reflexo mais direto da competência linguística, face aos dados recolhidos por meio da linguística de *corpora*.

Com relação à incompletude, Stefanowitsch acredita que os dados extrapolados de um *corpus* são necessariamente incompletos, quer qualitativamente, quer quantitativamente. Mas também é verdade que tampouco os dados derivados do método intuitivo não podem ser considerados completos: a experiência linguística dos falantes é forçosamente incompleta e, bem como um *corpus*, limitada a determinadas variedades linguísticas, quer diatópicas, quer diastráticas e diafásicas. Em segundo lugar, é abordada a questão da forma e do significado, pois o estudioso sublinha que a construção de uma frase e a sua interpretação são duas atividades diferentes: o falante não conhece o significado efetivo da frase construída por ele próprio, mas o significado que ele próprio lhe atribui. Quando, pelo contrário, o falante tem de interpretar uma frase construída por outros falantes – como acontece nas investigações no âmbito da linguística de *corpus* – ele não é a autoridade final do significado da frase, o que pode levar a resultados mais intersubjetivamente estáveis⁷⁴.

Por estes motivos, a intuição subjetiva das frases construídas e interpretadas pelos próprios estudiosos e pesquisadores parece ser um método não muito eficaz relativamente à objetividade e à universalidade dos resultados, qualidades que parecem mais ao alcance da linguística de *corpora*. Finalmente, para o linguista, se é possível construir um modelo de competência linguística na base de julgamentos intuídos que envolvem inevitavelmente fatores diferentes da competência – o próprio Chomsky reconhece este ponto fraco do julgamento pessoal sobre a gramaticalidade⁷⁵ – então deveria ser

⁷⁴ *Ibidem*, p. 13.

⁷⁵ Cfr. N. Chomsky, *Language and mind*, 2nd ed., New York, Harcourt Brace Jovanovich, 1972, p. 187.

igualmente possível fazê-lo na base de dados provenientes de um *corpus* que, por sua vez, envolve fatores exteriores à competência linguística do falante, o que idealmente põe o método adotado pela linguística de *corpus* ao mesmo nível do método intuitivo.

II.1.2 Elementos de modelo experimental

Stefanowitsch dedica uma ampla secção às várias definições possíveis para a linguística de *corpora*. Focalizaremos a nossa atenção em duas definições que consideramos necessárias para uma melhor compreensão do estudo aqui apresentado.

A terceira tentativa – mesmo assim não a definitiva – de definição fornecida pelo linguista é a seguinte: “Corpus linguistics is the investigation of linguistic phenomena on the basis of computer-readable linguistic corpora using corpus analysis software”⁷⁶. Na verdade, o uso de softwares para a análise linguística não é fundamental para o êxito da análise em si, mas pode, por um lado, aliviar o trabalho do pesquisador e, por outro, permitir o estudo do fenómeno em causa a partir de uma base de dados maior. Os softwares tornam possível uma pesquisa no interior do *corpus* de específicas expressões linguísticas através da formulação de *queries* (pesquisas) e mediante o uso de especiais *query languages* (linguagens de consulta). A maioria dos softwares permite principalmente: produzir concordâncias de KWIC (*Key Words in Context*), ou seja resultados (ou *hits*) da *query* que se encontram no contexto mais próximo, definido através de um número específico de palavras ou caracteres à direita ou à esquerda da palavra ou expressão pesquisada; identificar as colocações de uma expressão, ou seja as diferentes palavras que ocorrem em certa posição com relação à palavra ou à expressão pesquisada; produzir listas de frequências, ou seja, listas de todas as cadeias de caracteres num dado *corpus* organizadas com base na sua frequência. Estas funcionalidades permitem obter, por exemplo, uma panorâmica geral sobre o uso de uma palavra ou expressão linguística, explorar o contexto em que uma palavra ou expressão linguística aparece e a sua distribuição no interior de um *corpus* específico.

Finalmente, a definição conclusiva que Stefanowitsch fornece da linguística de *corpus* remete para a investigação de questões sobre a pesquisa linguística formulados em termos de distribuição condicional dos fenómenos linguísticos num *corpus*

⁷⁶ A. Stefanowitsch, *Op. Cit.*, p. 50.

linguístico⁷⁷. Todas as pesquisas científicas precisam de um objeto e de uma questão a pesquisar que visam identificar qual a vertente da realidade que se pretende estudar e, mais precisamente, em que aspeto focar-se em particular. No caso da linguística de *corpora*, o objeto de pesquisa é geralmente um aspeto da estrutura da língua ou um uso específico da língua, bem como aspetos psicológicos, sociais ou culturais que se refletem no uso da própria língua. Outros objetos de pesquisa podem envolver a realidade extralinguística de uma língua, como os diversos aspetos demográficos dos falantes, a distribuição territorial, o sexo, a idade, a etnia, o estatuto social, económico e de educação.

Depois de o objeto de pesquisa estar bem definido, é necessário delinear outros aspetos, chamados *explicandum* e *explicans*. O primeiro, definido como variável dependente, refere-se à parte do nosso objeto de investigação que se quer explicar, sendo geralmente um elemento que envolve a estrutura linguística ou o uso da língua; o segundo, definido como variável independente, refere-se à construção que acreditamos poder fornecer a explicação, sendo geralmente outro elemento, diferente do primeiro, relacionado com a estrutura linguística ou o seu uso; cada estudo pode apresentar uma ou mais variáveis independentes.

Com relação ao presente caso de estudo, a variável dependente, ou *explicandum*, que pretendemos estudar é a tendência da língua portuguesa da tradução, cujos valores são conservador ou inovador; a variável independente, ou *explicans*, é dada pelo uso e colocação pronominal, cujos valores, como será aprofundado mais adiante, são próclise, ênclise, mesóclise e pronome solto.

Logo, é necessário fornecer uma hipótese concreta e, para tal, podem-se adotar duas abordagens diferentes: a abordagem indutiva e a abordagem dedutiva. A primeira pressupõe uma atitude mais aberta porque, apesar dos conhecimentos anteriores sobre o assunto, se pretende observar os dados e tentar identificar tendências e modelos linguísticos. A segunda atitude, pelo contrário, procura diretamente nos dados uma confirmação da hipótese fornecida, focando a atenção num fenómeno específico e já conhecido. No nosso caso de estudo favoreceremos o uso deste segundo tipo de atitude.

O passo sucessivo é a operacionalização, quer dizer, deduzir uma previsão testável a partir da hipótese, definindo a hipótese em termos que sejam quantificáveis com

⁷⁷ *Ibidem*, p. 56: “Corpus linguistics is the investigation of linguistic research questions that have been framed in terms of the conditional distribution of linguistic phenomena in a linguistic corpus”.

segurança nos dados. Este aspeto não é secundário porque é o que permite avaliar a operabilidade e a praticabilidade da pesquisa. No nosso caso, como veremos, a hipótese formulada prevê um uso mais formal e conservador da língua no caso da língua da tradução na sua norma brasileira, quer relativamente à própria variedade brasileira autêntica usada pelos falantes, quer relativamente à língua da tradução na norma europeia. Para confirmar ou refutar esta hipótese, será analisada a posição dos pronomes, que acreditamos ser um indicador da formalidade e do conservadorismo linguístico, dentro do *corpus* escolhido. A análise pronominal representa, então, a operabilidade da hipótese formulada.

Outra passagem fundamental consiste na coleção de dados, ou seja, no caso da linguística de *corpora*, a sua recuperação. Isso significa fornecer uma ou mais questões que permitam a recuperação dos fenómenos investigados no *corpus*. Em seguida, os dados são categorizados segundo os seus valores e segundo critérios estabelecidos previamente, uma prática que, no âmbito da linguística de *corpora*, é conhecida como anotação.

A última etapa do processo é a avaliação dos dados com respeito às nossas previsões: em que contexto ou sob quais condições o aspeto linguístico visado aparece no *corpus*, que tipo de tendências surgem e, finalmente, se a hipótese fornecida está confirmada ou refutada. Os resultados das análises linguísticas são geralmente devolvidos em forma de valores numéricos e percentagens, o que torna necessária uma interpretação dos próprios resultados para uma efetiva avaliação do fenómeno investigado.

II.1.3 Características gerais dos *corpora*

Um *corpus* utilizado para uma investigação no âmbito da linguística de *corpora* tem de respeitar alguns requisitos técnicos, como a autenticidade das ocorrências contidas no seu interior, a representatividade da língua ou da variedade linguística objeto de análise e, evidentemente, o seu tamanho, que tem de ser suficientemente grande para garantir resultados confiáveis.

A autenticidade de um *corpus* é fundamental: os dados que são recolhidos com o objetivo de realizar uma investigação linguística sobre uma específica comunidade de falantes têm de espelhar a língua efetivamente usada por aquela comunidade, e não ser apenas uma réplica ou reprodução. O linguista britânico Sinclair chama a atenção para

este ponto, sublinhando a importância da genuinidade da comunicação entre as pessoas ao discorrerem sobre as suas atividades do dia a dia e a exclusão do linguista destas interações para a preservação da autenticidade linguística. Ainda, qualquer envolvimento do linguista, para além da tarefa da aquisição dos dados, requer uma declaração do *corpus* enquanto *corpus* especial.⁷⁸

Uma língua autêntica é a produzida para fins comunicativos e não especificamente para a análise ou a investigação linguística. Além disso, o facto de os falantes não estarem conscientes de fazerem parte de uma investigação linguística é um aspeto a ter em consideração, porque, caso contrário, o falante poderia recorrer a um uso não autêntico da língua. Evidentemente, resulta mais ao alcance dos estudiosos e pesquisadores recolher material autêntico sobre a língua escrita, já que é material que pode ser coletado posteriormente, do que sobre a língua oral.

Na verdade, várias críticas foram avançadas em relação à autenticidade dos dados extraídos dos *corpora*, entre outras o facto de a língua ser descontextualizada e, por isso, apenas “parcialmente real”⁷⁹. Stefanowitsch a este respeito acredita que qualquer tipo de texto perde autenticidade ao ficar isolado do seu contexto original, como por exemplo no caso de dados provenientes de um contexto oral e sucessivamente transcritos, eventualidade que leva inevitavelmente à perda de informação sobre o tom da voz, a entoação, a pronúncia, etc.

Outra problemática ligada à autenticidade dos dados recolhidos num *corpus*, sobretudo sobre a língua oral, é o chamado “paradoxo do observador”. Este fenómeno é abordado e analisado também pelo sociolinguista William Labov ao conduzir uma pesquisa sobre o dialeto utilizado pelos adolescentes negros de Nova Iorque. Resolver o paradoxo do observador significa observar o comportamento linguístico da amostra selecionada para a investigação quando ela não está a ser observada.⁸⁰ Este obstáculo nem sempre é fácil de vencer, sobretudo quando gravar à revelia as pessoas é considerado

⁷⁸ Cfr. J. Sinclair, *EAGLES Preliminary recommendations on corpus typology*, Pisa, Expert Advisory Group on Language Engineering Standards, 1996, *apud* A. Stefanowitsch, *Op. Cit.*, p. 23 (“All the material is gathered from the genuine communications of people going about their normal business. Anything which involves the linguist beyond the minimum disruption required to acquire the data is reason for declaring a special corpus”).

⁷⁹ H. Widdowson, “On the Limitations of Linguistic Applied”, in *Applied Linguistics*, 2000, pp. 3-25, *apud* A. Stefanowitsch, *Op. Cit.*, p. 24.

⁸⁰ Cfr. M. G. Falà, “Il paradosso dell’osservatore. Quanto cambia in linguistica e nella fanfiction su web”, in *Comparatismi*, n° 5, 2020, pp. 131-134, disponível em <http://dx.doi.org/10.14672/20201722>.

antiético, além de ilegal em muitas jurisdições. Stefanowitsch sublinha que os dados orais nos *corpora* dificilmente podem ser considerados autênticos – a não ser que sejam extraídos de gravações sobre o uso da língua em público, como por exemplo da televisão ou da rádio – e é fundamental implementar um processo de recontextualização pelo pesquisador baseado na sua própria experiência linguística de falante. É necessário ter consciência dos limites da autenticidade da fala oral recolhida no *corpus* e do facto que a recontextualização pode apenas aproximar-se, na melhor das hipóteses, da autenticidade do texto.

A questão da autenticidade das informações contidas nos *corpora* apresenta para os pesquisadores outro desafio, ou seja, o dos erros. É necessário distinguir entre os erros presentes na produção original e os erros que, pelo contrário, são introduzidos durante a edição ou durante o processo de preparação do *corpus*. Os primeiros não representam uma ameaça para o êxito da investigação, porque, se já faziam parte da amostra linguística antes de serem incluídos no *corpus*, são igualmente objeto de pesquisa; ao invés, os segundos precisam de uma revisão adicional para que o pesquisador possa reconstruir as intenções originais do falante, o que torna a autenticidade impossível de estabelecer.

O segundo ponto é constituído pela representatividade. Uma amostra representativa é um subconjunto de uma população que reflete a população global em termos de distribuição do fenómeno que está a ser investigado⁸¹. Os dados utilizados num *corpus* deveriam refletir, pelos motivos ilustrados acima, quer qualitativamente, quer quantitativamente as variedades linguísticas da comunidade de fala. Este tipo de equilíbrio, como sublinha o próprio Stefanowitsch, é complicado de atingir: antes de mais, muitas vezes é impossível conhecer a efetiva distribuição de um fenómeno, sobretudo quando se trata de fenómenos menores em termos quantitativos; nem todas as manifestações linguísticas representam o sistema linguístico de forma igual: as próprias comunidades linguísticas não são homogéneas e, por isso, uma proporção equilibrada dos fenómenos linguísticos poderia não refletir a situação real; os falantes podem possivelmente participar de diferentes situações comunicativas e variedades linguísticas; algumas situações comunicativas não podem fazer parte de uma amostra por causas práticas, como as conversações privadas entre casais, entre advogado e cliente, etc.

⁸¹ Cfr. A. Stefanowitsch, *Op. Cit.*, p. 28: “a representative sample is a subset of a population that is identical to the population as a whole with respect to the distribution of the phenomenon under investigation”.

É possível também focalizar a pesquisa numa específica variedade linguística ou comunidade de fala. Também neste caso, a representatividade e o equilíbrio do *corpus* representam elementos-chave para o sucesso da investigação. Stefanowitsch chama a atenção para este ponto e sublinha como, às vezes, há estudos sobre a retórica política ou sobre a metáfora romântica que se baseiam em discursos de um grupo limitado de líderes políticos ou em apenas uma peça teatral de Shakespeare. Estes estudos, cuja representatividade é reduzida, podem com certeza ser esclacerecedores da língua dos indivíduos que fazem parte do *corpus*, mas dificilmente fornecem resultados que possam ser generalizados, nem sequer no âmbito da variedade restrita sob investigação⁸².

De todas as formas, poucas vezes parece haver uma representatividade adequada das variedades e das comunidades linguísticas no seio do *corpus*; no entanto, os criadores de *corpora* parecem cuidar minuciosamente da diversidade do mesmo: o problema da falta de representatividade, muitas vezes, é contornado por meio da inclusão do maior número possível de variedades e comunidades de fala. Então, apesar de o *corpus* não ser totalmente equilibrado, a adição de diversidade no *corpus* inevitavelmente acresce a representatividade. Stefanowitsch sublinha que a diversidade e a representatividade não podem ser consideradas sinónimos; todavia, a diversidade pode constituir um válido substituto quando não for possível atingir ou avaliar uma representatividade suficiente.

A última característica fundamental que um *corpus* deve apresentar é o seu tamanho, que deve ser adequado ao objetivo da investigação. Com efeito, aumentar a diversidade, que contribui para uma representatividade mais abrangente, significa dispor de um *corpus* maior. O tamanho de um *corpus*, todavia, não é devidamente indicativo da qualidade do mesmo, já que o problema da identificação da representatividade não fica totalmente resolvido. Por maior que seja um *corpus*, poderia igualmente não representar algumas variantes ou comunidades linguísticas mais restritas.

Não há nenhuma regra que estabeleça o tamanho que um *corpus* deve apresentar. Há todavia uma indicação prática fundamental que quem trabalha com a linguística de *corpora* pode adotar: o *corpus* deve ser bastante grande para conter uma amostra do fenómeno sob investigação que seja bastante ampla para a análise e para conter suficientes

⁸² *Ibidem*, p. 30: “For example, there are studies of political rhetoric that are based on speeches by just a handful of political leaders [...] or studies of romantic metaphor based on a single Shakespeare play [...]. While such studies can be insightful with respect to the language of the individuals included in the *corpus*, their results are unlikely to be generalizable even within the narrow variety under investigation (political speeches, romantic tragedies)”.

amostras de estruturas gramaticais, lexicais, etc. Nas palavras de Fillmore, “there are really good reasons for building corpora, and as far as I am concerned, the bigger the better”⁸³.

II.2 Estudos prévios

Dois foram os trabalhos que alimentaram a curiosidade para a temática abordada na presente pesquisa: o estudo conduzido por Giovanna Lucente *Nos dois lados do Atlântico. Uma análise contrastiva entre PE e PB na tradução audiovisual de Madagascar* e o estudo conduzido por Vanessa Castagna *Tradução/traduições: uma perspectiva no estudo das divergências entre PE e PB*. O primeiro ensaio visa aprofundar a questão da língua oral e pouco monitorada através de material audiovisual, nomeadamente a versão dobrada do filme animado para crianças *Madagascar*, enquanto o segundo pretende analisar as especificidades do português brasileiro com relação ao português europeu no âmbito da tradução literária através dos textos de ficção do autor italiano Italo Calvino.

Focaremos brevemente a atenção sobre o estudo relativo ao escritor Calvino que foi o ponto de partida da análise conduzida no presente trabalho. Como aponta Castagna, os textos literários podem fornecer material autêntico para a comparação de duas línguas e culturas diferentes que sejam ao mesmo tempo comparáveis, como é o caso do português europeu e do português brasileiro. Acredita-se que o estudo do trabalho do tradutor pode fornecer informações extremamente relevantes para um entendimento das regras implícitas adotadas pelo tradutor, que inevitavelmente reflete no seu trabalho todo um conjunto de normas em uso num determinado território e num determinado momento histórico.

A escolha da obra literária calviniana, partilhada também na presente pesquisa, foi ponderada com base no prestígio internacional do autor, na variedade e heterogeneidade da sua obra e, com relação à questão linguística, com base na proximidade e afinidade entre a língua portuguesa e a língua italiana, que permitiu uma

⁸³ L. W. Fillmore, “When learning a second language means losing the first”, in *Early Childhood Research Quarterly*, n° 6, set. 1991, pp. 323-346, disponível em <https://www.sciencedirect.com/journal/early-childhood-research-quarterly/vol/6/issue/3>.

análise contrastiva não apenas entre as duas variedades do português, mas também entre a língua fonte do prototexto e a língua alvo do metatexto. O objetivo do estudo não é apenas o de analisar as dinâmicas que ficam por trás da tradução, mas também aprofundar a questão da divergência cada vez maior entre as duas variedades de português.

Já a partir das primeiras linhas da análise comparativa, Castagna identifica aquilo que se tornará o foco principal também do presente estudo, ou seja, a elevada formalidade das traduções brasileiras. Esta característica das traduções brasileiras surge prontamente no plano lexical: ao traduzir o conto “A distância da Lua”, os dois tradutores, José Colaço Barreiros para o PE e Ivo Barroso para o PB, adotam soluções diferentes e, segundo a estudiosa, “sejam quais forem as razões dos tradutores, o resultado é indubitavelmente que a tradução portuguesa apresenta nestes casos termos de uso comum, ao passo que a tradução brasileira incorpora termos mais cultos”⁸⁴.

Com relação ao plano morfológico-verbal, Castagna destaca algumas questões que evidenciam as divergências entre as duas normas: a preferência nas traduções brasileiras pelo gerúndio nas perífrases verbais que, geralmente, na norma europeia preveem o uso do infinitivo; a aleatoriedade nas traduções brasileiras do artigo definido antes do determinante possessivo, em contraste com a obrigatoriedade do artigo definido no mesmo contexto na norma europeia; a presença não sistemática nas traduções brasileiras do pronome solto que, pelo contrário, nunca aparece no PE; a tendência brasileira para o uso da próclise pronominal mesmo na ausência de palavras atrativas, e da ênclise também em orações subordinadas, assim como a escassa presença da mesóclise, em contraposição com a norma europeia. No que diz respeito a este último aspeto, há uma tradução brasileira assinada por Diogo Mainardi que, pelo contrário, apresenta um uso da mesóclise parecido com o da norma europeia e que, mais uma vez, chama a atenção para o suposto maior conservadorismo linguístico das traduções brasileiras. A questão pronominal será aprofundada mais em pormenor no seguinte parágrafo.

Outros aspetos gramaticais que Castagna envolvem o uso do pretérito mais-que-perfeito simples e do pretérito mais-que-perfeito composto, com o diferente uso dos auxiliares *ter* – privilegiado nas traduções europeias – e *haver* – predominante nas traduções brasileiras.

⁸⁴ V. Castagna, *Op. Cit.*, p. 94.

A propensão para a formalidade nas traduções para o PE representa uma contratendência já que, geralmente, as produções literárias europeias são creditadas e percebidas como mais formais e conservadoras, em termos de uso linguístico, do que as contrapartes brasileiras. A estudiosa chega a uma conclusão que, na prática, se torna o ponto de partida da nossa hipótese:

Em geral, a orientação dos diferentes tradutores brasileiros incluídos nesta análise é bastante uniforme, o que parece vir confirmar, pelo menos dentro de um *corpus* reduzido, homogêneo mas ao mesmo tempo diversificado, a preferência por uma expressão normativizada em PB na tradução deste tipo de registo linguístico e de tipologia textual. A tradução parece pautada pela necessidade de veicular um registo evidentemente literário, e que poderá até resultar mais elevado na percepção do público de leitores brasileiros do que o próprio prototexto.⁸⁵

Por outras palavras, Castagna sublinha uma possível tendência da língua da tradução brasileira ao conservadorismo e à formalidade, até naqueles casos em que a tradução para a variedade europeia parece adotar soluções mais informais e de uso comum, quer relativamente às construções gramaticais, quer relativamente às escolhas lexicais. Os tradutores brasileiros parecem efetivamente seguir regras e normas implícitas de tradução que privilegiam um registo culto e literário em tradução, podendo mesmo produzir um distanciamento dos leitores.

A questão do conservadorismo linguístico é abordada na presente pesquisa através da colocação pronominal no âmbito da língua da tradução portuguesa. O uso pronominal nas traduções para o PB pode ser indicador de conservadorismo linguístico e refletir a colocação geralmente adotada na variedade do PE, commumente considerada o modelo culto e formal ao qual fazer referência.

Lucente no seu trabalho enfrenta amplamente a questão das diferenças diatópicas entre o PE e o PB no âmbito da localização de produtos audiovisuais para crianças (na esfera, então, da língua falada coloquial e familiar), e o caso pronominal fica entre os aspetos que sublinham a crescente divergência que caracteriza as duas variedades de português. Com efeito, já a partir da análise conduzida por Lucente sobre os pronomes pessoais de caso reto, a discrepância é evidente, com uma conformação do PE linear e homogênea, e uma configuração do PB articulada e que apresenta variações dentro do

⁸⁵ *Ibidem*, p. 98.

mesmo território brasileiro, com consequências evidentes também no paradigma e na conjugação verbais. Igualmente, a colocação dos pronomes com respeito ao verbo principal e aos possíveis auxiliares destaca tendências opostas para as duas variedades sob investigação, sublinhando a diferente evolução que as atingiu e a relevância da variedade diatópica na língua portuguesa.

II.3 Uso e colocação pronominal no PE e no PB

Um dos aspetos em que a divergência entre o PE e o PB é especialmente evidente diz respeito ao uso dos pronomes pessoais e à colocação dos pronomes clíticos. Em seguida, como premissa ao estudo de *corpus* realizado, vamos focar a atenção sobre os contextos de aplicação que demonstram um uso mais formal e conservador ou, pelo contrário, mais informal e inovador da língua, tendo em consideração precisamente o objetivo da presente pesquisa linguística.

II.3.1 Os pronomes pessoais de caso reto

Um dos primeiros aspetos que sobressai ao comparar as duas variedades do português é o diferente uso dos pronomes com função de sujeito, aspeto ligado à variação linguística interna ocorrida na língua portuguesa e, conseqüentemente, à reformulação do paradigma verbal do PB. O quadro relativo ao uso dos pronomes sujeito no PE apresenta-se como indicado na Tabela 3:

Tabela 3: Os pronomes sujeito no PE

eu
tu
ele/ela/você/o senhor/a senhora
nós
vocês/eles/elas

Em situações informais e coloquiais/familiares, no PE é geralmente usado o pronome *tu* de segunda pessoa singular. Com relação à terceira pessoa singular, *você* e *o senhor/a senhora* são indicadores de formalidade, o segundo com um nível de formalidade maior do que o primeiro, segundo uma hierarquização sociolinguística bastante articulada. Segundo a definição proposta por Celso Cunha e Lindley Cintra (2016), os pronomes de tratamento são “certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como *você, o senhor, Vossa Excelência*”⁸⁶ e a sua particularidade é que, embora designem o interlocutor, o verbo é conjugado na terceira pessoa singular. O *você* em Portugal, diferentemente do que acontece no Brasil, utiliza-se em formas de tratamento igualitário ou de superior para inferior e só em algumas altas camadas da sociedade pode ser empregado como forma de intimidade. No tratamento de inferior para superior, os pronomes formais apropriados em PE são *a senhora/o senhor*, geralmente seguidos pelo título profissional do interlocutor, a indicar elevado respeito e cortesia.⁸⁷

Por seu lado, o quadro relativo aos pronomes sujeito no PB pode resumir-se como se segue:

Tabela 4: Os pronomes sujeito no PB

eu
tu/você
você ele/ela a gente
nós
vocês eles/elas

Focamos a atenção sobre o uso do *você*. No PB este pronome geralmente não indica formalidade na forma de tratamento, como no caso do PE, já que se tornou o indicador tipicamente mais usado em lugar do pronome *tu*, e tipicamente conjugado na

⁸⁶ C. Cunha; L. Cintra, *Nova gramática do português contemporâneo*, 7ª ed., Rio de Janeiro, Lexicon Editora Digital, 2016, p. 303.

⁸⁷ Cfr. *Ibidem.*, p. 305.

terceira pessoa singular. O *você* no Brasil é usado também no tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.⁸⁸ O uso da segunda ou da terceira pessoa singular tem muito a ver com a variedade diatópica do PB e, dentro do próprio território brasileiro, podemos encontrar usos diferentes dos dois pronomes, associados a verbos conjugados quer na segunda, quer na terceira pessoa singular. De facto, a maioria dos falantes do PB utiliza o *você* com o verbo conjugado na terceira pessoa singular, apesar de algumas regiões do Norte e do Sul, “ainda não suficientemente delimitad[a]s”⁸⁹ usarem o *tu* com o verbo conjugado na segunda pessoa singular. As formas de cortesia *o senhor* e *a senhora* são raramente usadas e apenas em contextos de extrema formalidade. Ainda, o PB generalizou o uso do pronome *a gente* (presente apenas em registos coloquiais no PE), usado em lugar do pronome de primeira pessoa plural *nós* e, diferentemente deste último, conjugado na terceira pessoa singular⁹⁰. O quadro pronominal do PB resulta ainda mais interessante quando analisado em conjunto com o relativo paradigma verbal que, todavia, não caberá na presente análise linguística. Todavia, vale a pena frisar que o PE é considerado uma língua PRO-DROP, ou seja, uma língua que não precisa do pronome sujeito explícito já que a morfologia verbal é, pelo contrário, explícita e esclarecedora neste sentido, enquanto o PB está cada vez mais a deixar de ser uma língua PRO-DROP por causa da reformulação e crescente redução do seu paradigma verbal, precisando então de uma explicitação inequívoca do pronome sujeito: atualmente o PB é considerado uma língua PRO-DROP parcial. A este respeito, também Duarte (2000) identifica uma tendência brasileira ao preenchimento da posição pré-verbal do sujeito, contrariamente ao que acontece no PE, e sublinha também o desenvolvimento ao longo do tempo desta característica. Nomeadamente, segundo as estatísticas da estudiosa, os sujeitos pronominais plenos ascendiam a 20% em 1845, passando a 46% em 1937, para chegar a 74% em 1992.⁹¹ Acredita-se todavia que o uso ou a omissão do pronome pessoal de caso reto não é uma escolha aleatória, mas sim que, “de alguma forma, o sujeito pronominal

⁸⁸ *Ibidem*, p. 307.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 306.

⁹⁰ Cfr. M.M.P. Scherre; L.C. Yacovenco; A.J. Naros, “Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias”, in *Estudos de Lingüística Galega*, Número especial, Universidade de Santiago de Compostela, 2018, pp. 13-27, disponível em <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/3585>.

⁹¹ Cfr. M.E.L. Duarte, “The loss of the ‘avoid pronoun’ principle in Brazilian Portuguese”, in M.A. Kato e E.V. Negrão (ed.) *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*, Madrid, Iberoamericana, 2000, pp. 17-36, *apud* C.R.T. Silva, “Distribuição e leitura referencial de sujeitos nulos e plenos em línguas pro-drop e não pro-drop: evidências da natureza semi-pro-drop do português brasileiro”, in *Leitura*, v. 1, n° 47, Maceió, Jan./Jun. 2011, p. 18, disponível em <https://doi.org/10.28998/rl.v1i47.894>.

com matriz fonética é enfatizado”⁹² e que os pronomes, “quando licenciados, recebem uma certa ênfase, geralmente, uma leitura contrastiva que os opõe a outros sujeitos pragmaticamente possíveis no domínio do discurso”⁹³. Outras considerações relevantes sobre o PB e a sua parcial pertença ao conjunto de línguas NÃO-PRO-DROP são fornecidas por Costa e Pratas (2008)⁹⁴, que apresentam vários paralelismos com línguas NÃO-PRO-DROP (como o cabo-verdiano) e PRO-DROP (como o PE), e por Guilherme (2012), que identifica quer o preenchimento cada vez mais frequente da posição do sujeito no PB, quer o maior fortalecimento dos clíticos no PB. Neste sentido, a relação entre a perda do sujeito nulo e a tendência à próclise na colocação pronominal do PB acompanha o princípio de causa-efeito; o estudioso destaca que, “como no PB o clítico sofreu um fortalecimento na pronúncia da vogal átona, ele deixou de ser um clítico como aquele encontrado no PE, que se compara a um sufixo do próprio verbo”⁹⁵, causando um movimento do clítico à esquerda do verbo para cumprir o Princípio de Projeção Extendido, ou PPE, segundo o qual o sujeito sempre está presente na oração. Nos últimos anos esta hipótese tem despertado o interesse dos estudiosos e com certeza é um importante assunto a ter em conta na investigação linguística no âmbito da colocação pronominal e, mais em geral, da língua portuguesa e da divergência diatópica que a caracteriza.

II.3.2 Os pronomes oblíquos: objeto direto e indireto

Os pronomes oblíquos são os pronomes pessoais que não têm função de sujeito, mas função de complemento. Estes pronomes podem ser precedidos de uma preposição, como no caso dos pronomes oblíquos tônicos, ou não, no caso dos pronomes oblíquos átonos. A posição dos pronomes oblíquos é relevante, mesmo em função da presente pesquisa linguística, e no caso da língua portuguesa identificam-se quatro colocações diferentes: a próclise, ou seja, a anteposição do pronome face ao verbo; a ênclise, ou seja, a posposição do pronome face ao verbo; a mesóclise, ou seja, a interposição do pronome

⁹² M.E.L. Duarte, *apud* C. R. Tavares Silva, *Op. Cit.*, p. 18.

⁹³ C.R.T. Silva, *Op. Cit.*, p. 18.

⁹⁴ Cfr. J. Costa; F. Pratas, “Licenciar pro não significa ser uma língua pro-drop: evidência do caboverdiano”, in *Textos selecionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2008, pp. 157-166, disponível em https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/12-Costa_Pratas.pdf.

⁹⁵ M. R. de Carvalho Guilherme, *A relação entre a colocação dos clíticos e o parâmetro pro-drop no português brasileiro*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2012, p. 90, disponível em <http://hdl.handle.net/1843/LETR-8Y4PB8>.

entre o radical e a desinência verbal, o que ocorre unicamente no futuro do indicativo e no modo condicional; e a posposição do pronome solto, ou seja, o uso do pronome entre o auxiliar e o verbo principal que compõem um grupo verbal, graficamente sem hífen.

Podemos afirmar que no PE, nas orações principais afirmativas, se utiliza preferencialmente a ênclise, quando os verbos não são antecidos por palavras atrativas, enquanto o PB manifesta uma propensão para a próclise e, em determinados casos, para a posposição do pronome solto. Com relação a este último aspeto, Bagno (2020) afirma que no PB o clítico forma um vocábulo fonético com o verbo principal e que, consequentemente, a regra única é a da colocação dos clíticos em posição anteposta ao verbo principal, também nas perífrases verbais onde aparecem verbos modais e verbos auxiliares, como no caso do pronome solto.⁹⁶

Apresentamos alguns exemplos retirados do trabalho da pesquisadora Lucente para ilustrar a contraposição entre PE e PB, que se prestam perfeitamente ao nosso discurso:

Exemplo 1

PE: Digam-me onde é!

PB: Me diz onde fica!⁹⁷

Os dois exemplos são a tradução da mesma passagem do filme de animação *Madagascar* que recorre a um registo linguístico do dia a dia, muito coloquial. Aquela apresentada é a configuração típica da colocação do pronome nas duas variedades do português: o PE manifesta, de facto, uma propensão para a ênclise, já que não há palavras atrativas que requerem a anteposição do pronome, enquanto o PB recorre à próclise, inclusive no começo da frase, apesar de não ser uma escolha totalmente aceite pelas

⁹⁶ M. Bagno, *Gramática pedagógica do português brasileiro*, Cit., p. 762.

⁹⁷ G. Lucente, *Nos dois lados do Atlântico. Uma análise contrastiva entre PE e PB na tradução audiovisual de Madagascar*, Dissertação de Mestrado, Cit., p. 93.

gramáticas tradicionais⁹⁸. “Os defensores mais estritos do purismo linguístico”⁹⁹, efetivamente, criticam duramente este tipo de construção sintática, já que ainda não é aceite nas gramáticas normativas. No entanto, segundo Bagno

[n]ão é preciso ensinar nenhum falante de PB a usar os clíticos - como não é preciso ensinar a nenhum falante de nenhuma outra língua. Basta deixar fluir livremente a gramática intuitiva de todos nós [...]. É perfeitamente legítimo iniciar sentença com os oblíquos! Assim ocorre em espanhol e em italiano, línguas que, como o PB, apresentam clíticos que não são partículas átonas (como em português europeu e em francês, por exemplo), mas sim partículas semitônicas que se sustentam sozinhas sem precisar se apoiar em nenhuma palavra anterior a elas.¹⁰⁰

O recurso à ênclise, mais próximo da norma europeia, no PB surge principalmente em situações comunicativas formais, principalmente na escrita, sendo um indicador de registo mais elevado, inclusive literário.

Apresentamos a seguir outro exemplo significativo:

Exemplo 2

PE: Queria dar-te uma coisa pessoal.

PB: Eu queria te dar algo profundo.¹⁰¹

O pronome utilizado em ambas as traduções é de segunda pessoa singular – *te* – e, neste sentido, a tradução para o PB apresenta uma contra-tendência em relação à

⁹⁸ O debate linguístico e científico ainda é muito acalorado sobre a gramaticalidade ou não das expressões e construções linguísticas e gramaticais utilizadas pelos falantes, nomeadamente com relação ao PB. Muitos intelectuais continuam a acreditar que a língua falada no território brasileiro não é mais do que uma língua corrupta e impura, e o preconceito segundo o qual o português correto é falado apenas em Portugal é muito enraizado nos ambientes conservadores. Estes prejuízos são o resultado de uma ideologia impregnada na sociedade portuguesa e brasileira, que julga o povo brasileiro como fruto de uma mistura de raças impuras como a africana e a índia - claramente o conceito de raça pura não tem qualquer fundação científica - e que considera o povo português superior e mais civilizado segundo a herança ideológica colonial. No entanto, outra corrente de pensamento, suportada em voz alta por Marcos Bagno, reconhece na língua um ser vivo e dinâmico, em constante movimento, “em decomposição e em recomposição, em permanente transformação” que dificilmente pode ficar enjaulado em regras gramaticais estritas e coercivas. (Cfr. M. Bagno, *Preconceito linguístico. O que é, como se faz*, São Paulo, Loyola, 2007, pp. 20-1, 117).

⁹⁹ M. Bagno, *Gramática pedagógica do português brasileiro*, Cit., p. 763.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 764.

¹⁰¹ G. Lucente, *Nos dois lados do Atlântico. Uma análise contrastiva entre PE e PB na tradução audiovisual de Madagascar*, Dissertação de Mestrado, Cit., p. 94.

preferência geral pelo uso do pronome de terceira pessoa singular *você*; pelo contrário, ambas as traduções parecem coerentes no que diz respeito à colocação do pronome, enclítico no caso do PE, e posposto entre o verbo modal e o infinitivo no caso do PB. Chamamos a atenção para este último aspeto: ambas as traduções apresentam um verbo auxiliar modal – *querer* – conjugado na primeira pessoa singular do tempo pretérito imperfeito do modo indicativo, e um verbo principal – *dar* – conjugado no infinitivo impessoal. Com efeito, não é raro no PB recorrer à posposição do pronome solto entre o auxiliar e o verbo principal, enquanto a mesma construção é agramatical no PE. Ao mesmo tempo, esta posposição do pronome costuma estar associada, no PB, a contextos orais pouco ou por nada monitorados e em situações sem dúvida coloquiais e informais, como é o caso da tradução aqui retomada a partir do filme de animação para crianças. Identifica-se por isso o uso da interposição entre auxiliar e verbo principal através do pronome solto como marcador de informalidade e de inovação no PB. A este respeito, também Bagno reconhece na proibição de começar uma frase com um pronome oblíquo uma herança da norma culta, ou seja, do ideal linguístico tendencialmente reconhecido na variedade europeia do português.¹⁰²

Outro aspeto do uso pronominal que Lucente sublinha é a propensão do PB para o pronome tónico, acompanhado de preposição, enquanto no PE se prefere o pronome átono:

Exemplo 3

PE: [...] como é que foste capaz de fazer-nos isto [...]?

PB: [...] como você pode fazer isso com a gente [...]?¹⁰³

Sobressai imediatamente o uso preferencial dos pronomes com função de sujeito das duas variedades do português: o *tu*, neste caso implícito mas indicado pela conjugação verbal, para o PE, e o *você*, neste caso explícito, para o PB. Relativamente aos pronomes oblíquos, o PE recorre à ênclise do pronome átono *nos*, enquanto o PB apresenta o

¹⁰² “Dentro desse conceito de “norma culta”, a proibição de começar um período com pronome oblíquo (*Me empreste seu livro*) é justificada com a afirmação de que em Portugal (!) ninguém fala assim” (M. Bagno, *Preconceito linguístico. O que é, como se faz, Cit.*, p. 109).

¹⁰³ G. Lucente, *Nos dois lados do Atlântico. Uma análise contrastiva entre PE e PB na tradução audiovisual de Madagascar*, Dissertação de Mestrado, *Cit.*, p. 97.

pronome mais comum de primeira pessoa plural e tônico *a gente*, acompanhado da preposição *com*.

No que diz respeito aos pronomes oblíquos de objeto direto, também se observa a preferência pela próclise no PB (ex: Me tira desse troço!) e pela ênclise no PE (ex: [...] tirem-me desta coisa!)¹⁰⁴; no caso de grupos verbais, formados por um verbo auxiliar e um verbo principal, o uso do pronome solto no PB (ex: Vou te matar [...]) e da ênclise no PE (ex: Eu vou matar-te)¹⁰⁵; o uso do pronome tônico no PB (ex: Eu não pedi pra vocês virem atrás de mim), quando no PE é preferido o pronome átono (ex: Eu não vos pedi para irem atrás de mim)¹⁰⁶.

Lucente sublinha mais duas estratégias adotadas pelo PB que diferem no uso pronominal do PE. A primeira refere-se ao uso no PB do pronome nulo, enquanto o PE, embora apresente também a possibilidade de recorrer ao objeto nulo, prefere nos casos apresentados tornar o objeto explícito, apesar da possível redundância:

Exemplo 4

PE: [...] é uma canção maravilhosa e eu acho que a conheces.

PB: [...] é uma canção maravilhosa. Eu acho até que você conhece...¹⁰⁷

Outra questão é relativa à substituição no PB do clítico pelo pronome reto, enquanto o PE insiste no uso da ênclise do pronome átono:

Exemplo 5

PE: [...] aquele leão enorme assustou-te? [...] Oh, apetece-me molhá-lo no café.

PB: Esse leão malvado assustou você? [...] Dá vontade de mergulhar ele no meu café.¹⁰⁸

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 103.

¹⁰⁵ *Ibidem*.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 98.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 101.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 102.

Geralmente, as soluções adotadas pelo PB – com a tendência para o uso da próclise inclusive no começo da frase e do pronome clítico solto por um lado, a resistência ao uso da ênclise e da mesóclise por outro – resultam mais inovadoras e particularmente distintivas da variedade brasileira, enquanto aquelas adotadas pelo PE parecem mais conservadoras e até formais. Partindo destas considerações, a análise linguística que vamos apresentar terá em conta todas as ocorrências linguísticas na tradução brasileira que se revelam mais próximas da colocação pronominal típica da variedade portuguesa e que, por isso, se mostram como mais conservadoras e formais no âmbito do PB.

II.4 Proposta de análise

II.4.1 Hipótese de pesquisa

A hipótese avançada na presente pesquisa é que os textos, nomeadamente os textos literários, quando traduzidos para o mercado editorial brasileiro, apresentam um registo linguístico mais culto e formal do que a norma brasileira falada e escrita e do que os mesmos textos traduzidos para a norma europeia, comparativamente. Este fenómeno pode ser reconduzido, em parte, a um tendencial conservadorismo linguístico, reconhecido como um universal da tradução, que torna os metatextos brasileiros mais formais e linguisticamente conservadores. Muitos são os aspetos linguísticos que nos levam a acreditar que efetivamente existe um conservadorismo brasileiro em tradução e o léxico, o uso dos tempos verbais e o uso e a colocação pronominal são alguns exemplos disso. Decidimos, no presente trabalho, focar a nossa atenção no aspeto pronominal por ser um âmbito linguístico bastante complexo e multifacetado.

Em particular, com relação aos pronomes pessoais de caso reto, pretende-se analisar as diferentes ocorrências nos textos, ou seja, nas traduções em PE e em PB, do *tu*, do *você* e de *a gente*; relativamente aos pronomes pessoais oblíquos de objeto direto e indireto, analisaremos as ocorrências da próclise, da mesóclise, da ênclise e do pronome solto nas traduções portuguesas e brasileiras.

Se a nossa hipótese for confirmada, encontraremos a propensão para a próclise em PB reduzida aos casos de presença de palavras atrativas na oração, assim como acontece no PE, e sobretudo não encontraremos a próclise no começo da frase, fenómeno

ainda estigmatizado pela gramática tradicional; um uso tendencialmente equivalente no PE e no PB quer da mesóclise, quer da ênclise; encontraremos, finalmente, um uso mais limitado do pronome solto no PB.

Perante a hipótese formulada, convém frisar que não seria útil, para os fins da pesquisa, enfrentar esta análise de forma estrita e inflexível; bem pelo contrário, a presença de tendências ou inclinações face à nossa hipótese deverá ser considerado um possível ponto de partida para uma análise mais abrangente e diversificada. Seria interessante, por exemplo, ampliar a investigação a diferentes autores estrangeiros traduzidos e pertencentes a épocas históricas e literárias diferentes, bem como afastar-se dos prototextos em línguas românicas para enfrentar textos de outras famílias linguísticas.

II.4.2 Compilação do *corpus*

O *corpus* aqui analisado é constituído pelas traduções das obras italianas ilustradas na seguinte tabela:

Tabela 5: Composição do *corpus*

Obra italiana		Tradução para o PE	Tradução para o PB
<i>Gli amori difficili</i> (1958)	Título	<i>Os amores difíceis</i>	<i>Os amores difíceis</i>
	Tradutor	José Colaço Barreiros	Raquel Ramalhete
	Ano de tradução	2011	1992
	Edição	Dom Quixote (2019)	Companhia de Bolso (2013)
<i>Il castello dei destini incrociati</i> (1973)	Título	<i>O castelo dos destinos cruzados</i>	<i>O castelo dos destinos cruzados</i>
	Tradutor	José Colaço Barreiros	Ivo Barroso
	Ano de tradução	2003	1991
	Edição	Dom Quixote (2017)	Companhia das Letras (1991)
<i>Se una notte d'inverno un</i>	Título	<i>Se numa noite de inverno um viajante</i>	<i>Se um viajante numa noite de inverno</i>

<i>viaggiatore</i> (1979)	Tradutor	José Colaço Barreiros	Nilson Moulin
	Ano de tradução	2000	1990
	Edição	Dom Quixote (2018)	Companhia das Letras (1999)

A escolha das obras para a composição do *corpus* foi parcialmente afetada pela disponibilidade em formato digital que, em particular na vertente portuguesa, ainda consta ser bastante reduzida. As traduções para o PE foram lançadas na mesma época – entre 2017 e 2019 – e traduzidas pelo mesmo tradutor José Colaço Barreiros. Estes fatores tornam as traduções para o PE mais homogêneas do ponto de vista linguístico, mas não necessariamente menos úteis ou interessantes para a presente pesquisa. O foco principal são as traduções brasileiras que, pelo contrário, são traduzidas por três tradutores diferentes no começo dos anos Noventa. Portanto poderia revelar-se interessante analisar, para além das diferenças entre a norma do PE e a norma do PB, também as diferenças relativas às escolhas tradutivas dentro do *sub-corpus* brasileiro.

II.4.3 Metodologia

No que diz respeito à metodologia adotada, a presente análise foi conduzida nos *corpora* calvinianos através do software Sketch Engine¹⁰⁹, uma importante ferramenta para a gestão de *corpora* e desenvolvida a partir de 2003 pela Lexical Computing Limited. Este software é muito utilizado pelos lexicógrafos e pelo linguistas, por estudiosos, pesquisadores, tradutores e profissionais da língua, já que permite ao utilizador fazer análises mesmo específicas no âmbito dos diversos fenómenos linguísticos.

No software é possível encontrar vários *corpora* em língua portuguesa, quer no PE, quer no PB, criados a partir de artigos e páginas web, mas também de outros *corpora* digitais e disponíveis online, como o célebre Gutenberg, ou retirados de outras plataformas, como, por exemplo, EurLex¹¹⁰. Entre os maiores *corpora* em língua

¹⁰⁹ AA. VV., “The Sketch Engine: Ten Years on”, in *Lexicography*, Brighton, Lexical Computing Ltd. & Brno, Masaryk University, 2014, pp. 7-36, disponível em https://www.sketchengine.eu/wp-content/uploads/The_Sketch_Engine_2014.pdf.

O software Sketch Engine encontra-se disponível em: <http://www.sketchengine.eu>.

¹¹⁰ Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/>.

portuguesa disponibilizados por Sketch Engine, aparece o Portuguese Web 2011 (ptTenTen11) que contém mais de 3 milhões de *tokens*. Em particular, o ptTenTen é constituído por textos coletados na Internet e foi construído com o auxílio de tecnologias especializadas para a coleção de conteúdos linguisticamente válidos. Este *corpus* apresenta alguns instrumentos fundamentais para uma boa análise linguística como, por exemplo, a deteção automática das palavras em PB, a identificação de morfemas que contêm clíticos e a identificação de palavras que sofreram alterações na sequência do acordo ortográfico.¹¹¹ Ainda, o *corpus* contém *PoS-tags*, ou seja, *part-of-speech tags*, etiquetas atribuídas a cada *token* (ocorrência) para indicar a parte do discurso daquela palavra e, muitas vezes, outras características gramaticais, como modo e tempo verbal, número (singular ou plural), caso, etc. Estas etiquetas fazem parte do *tagset* que, geralmente, varia em função do projeto de anotação.

Um *corpus* pode ser anotado quer manualmente – opção raramente adotada hoje em dia, já que exige um processo extremamente trabalhoso, a não ser que seja um *corpus* especialmente reduzido – quer automaticamente. Esta última modalidade tem um nível de exatidão bastante alto e os erros envolvem geralmente palavras mal escritas ou interjeições incomuns, ou a ambiguidade de algumas palavras que poderiam ser interpretadas, por exemplo, quer como verbo, quer como nome. Quando é necessário etiquetar um *corpus* numa língua que ainda não tenha sido anotada, é preciso treinar o *PoS tagger*. Para o fazer, deve-se anotar manualmente pelo menos um milhão de palavras, para que o software aprenda como a nova língua deve ser anotada e, se a anotação manual contiver erros ou imprecisões, estes se refletirão inevitavelmente no *PoS tagger* automático.

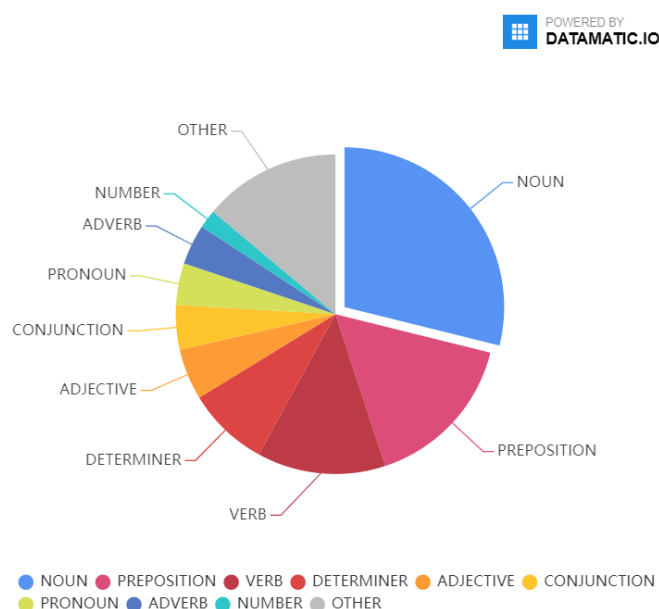
Todavia, os limites que os softwares apresentam hoje em dia com respeito à anotação nem sempre podem ser considerados negligenciáveis. Como aponta Stefanowitsch, os *taggers* existentes têm uma exatidão que pode aproximar-se de 95-97% e estima-se que 1,5% de todas as palavras no British National Corpus foram anotadas de forma incorreta. Além disso, em 3,5% dos casos, o *tagger* automático acabou por atribuir *tags* ambíguos, determinando que são cerca de 95% as palavras do *corpus* anotadas de

¹¹¹ Todas as ferramentas do *corpus* se encontram disponíveis em: <https://www.sketchengine.eu/pttente-portuguese-corpus/>.

forma correta e inequívoca.¹¹² Isso significa que aproximadamente uma palavra em cada 20 está anotada de forma errada. Presumindo que uma frase contém em média de 16 a 22 palavras, cada frase pode conter, então, uma média de uma palavra anotada de forma errada ou ambígua.

Para ter uma ideia mais concreta da anotação, apresenta-se em seguida o *tagset* disponibilizado pelo *corpus* ptTenTen: nome (etiqueta N.*, 29% dos *tags* totais), preposição (S.*, 16%), verbo (V.*, 13%), determinante (D.*, 8%), adjetivo (A.*, 5%), conjunção (C.*, 4%), pronome (P.*, 4%), advérbio (R.*, 4%), número (Z.*, 2%), outro (interjeição I.*, conjunção C.*, etc. 14%).

Imagem 1: distribuição dos *PoS-tags* no *corpus* ptTenTen¹¹³



O *corpus* ptTenTen é formado por 4.622.750.491 *tokens*, 3.896.392.719 palavras, 197.944.143 frases e 10.216.055 páginas web. A diferença entre token e palavra é que o primeiro se refere ao número total de palavras no *corpus*, independentemente da sua frequência, enquanto as palavras, ou *word types*, se referem ao número de palavras

¹¹² A. Stefanowitsch, *Op. cit.*, p. 89: “Existing taggers tend to have an accuracy of around 95 to 97 percent. For example, it has been estimated that 1.5 percent of all words in the BNC are tagged incorrectly. In a further 3.5 percent, the automatic tagger was not able to make a decision, assigning ambiguity tags”.

¹¹³ Gráfico disponível em: <https://www.sketchengine.eu/pttnten-portuguese-corpus/#toggle-id-1>

distintas no *corpus*. Por exemplo, a frase “Um vinho bom é um vinho de que gostas” contém nove *tokens*, mas apenas sete palavras, já que *um* e *vinho* são repetidos duas vezes.

O *corpus* ptTenTen é constituído por dados retirados das páginas web portuguesas e brasileiras e o software permite visualizar a distribuição dos domínios de topo, *top-level domains* ou *TLDs* em inglês, ou seja, a última parte do nome do domínio na Internet, dentro do *corpus*. Eles são assim repartidos: 20,22% “pt”, 79,77% “br” e 0,01% outros domínios. Isso significa que a maioria das páginas web – cerca de quatro em cada cinco – a partir das quais são retiradas as informações coletadas no *corpus* pertencem a domínios brasileiros e que apenas 20% pertencem a domínios portugueses, o que implica um grande desequilíbrio no que diz respeito à representação das duas variedades de português no *corpus*.

De todas as formas, este *corpus* reconhece as duas variedades de português e devolve os resultados das *queries* aplicadas quer em percentagem em relação ao *corpus* inteiro (PE e PB juntos), quer em relação ao número de ocorrências em cada milhão dos dois *sub-corpora*, portanto PE e PB individualmente, o que ajuda o utilizador a obter resultados mais compreensíveis e singularmente aplicáveis a cada variedade linguística.

O software Sketch Engine permite também ao utilizador carregar pessoalmente um *corpus* e utilizar para ele todos os *query engines* já existentes no próprio software: é possível fazer o upload do *corpus* desejado e o software procederá automaticamente à anotação.

Por conveniência, criámos dois *corpora* distintos para as traduções em PE e as traduções em PB, mas também teria sido possível criar um *corpus* único e repartir sucessivamente os dois *sub corpora* em função da sua variedade.

O *corpus* brasileiro inclui as traduções de Raquel Ramalhete, Ivo Barroso e Nilson Moulin como apresentadas na Tabela 5. Segundo as estatísticas fornecidas por Sketch Engine, o *corpus* contém 147.223 palavras, 8.890 frases e a totalidade dos *tokens* ascende a 171.846. O *corpus* do PB resulta assim distribuído:

- 52,1% *Se um viajante numa noite de inverno*, num total de 89.513 *tokens*;
- 27,7% *Os amores difíceis*, 47.613 *tokens*;
- 20,2% *O castelo dos destinos cruzados*, 34.720 *tokens*.

O *corpus* do PE é constituído inteiramente pelas traduções de José Colaço Barreiros e, segundo os detalhes e as estatísticas fornecidos pelo software, contém 148.152 palavras, 5.796 frases e a totalidade dos *tokens* ascende a 170.981. O *corpus* distribui-se como se segue:

- 51,3% *Se numa noite de inverno um viajante*, num total de 87.975 *tokens*;
- 28% *Os amores difíceis*, 47.872 *tokens*;
- 20,7% *O castelo dos destinos cruzados*, 35.314 *tokens*.

A distribuição dos dois textos nos *corpora* é quase idêntica, o que significa que as traduções em PE e em PB nos *corpora* apresentam um número equivalente de *tokens*. Por estes motivos, podemos considerar os dois *corpora* para a análise contrastiva das duas normas em tradução equilibrados.

Entre os detalhes e as estatísticas fornecidas por Sketch Engine, aparecem também os dez *tokens* mais utilizados nos dois *corpora*. É de ter em conta que estas estatísticas incluem também *tokens* relativos à pontuação, aos determinantes e a outras partes do discurso que podem não ser especialmente interessantes para fins investigativos mas que, na verdade, não podem ser excluídas da contagem. O oitavo *token* mais usado no *corpus* PE e o décimo no *corpus* PB é representado pelo hífen, com uma frequência de 2.249 (1,3%) *tokens* no PE e 2.020 (1,2%) *tokens* no PB. Na língua portuguesa existe uma distinção entre o hífen (-) e o travessão (–): o primeiro é utilizado em prefixos, sufixos e compostos e não apresenta espaços nem antes, nem depois do mesmo; o segundo serve para separar as palavras de um enunciado parentético ou para delimitar o discurso direto.¹¹⁴ No software Sketch Engine, estes dois signos gráficos são permutáveis e o hífen desempenha também o papel do travessão.

A ênclise e a mesóclise representam a colocação pronominal preferencial no PE em orações principais afirmativas, em gerundivas e infinitivas, e, em função do conservadorismo e da formalidade linguística esperados nas traduções brasileiras, também nestas últimas esperamos uma tendência vincada para o uso da ênclise e da

¹¹⁴ O. Mateus, “O uso do hífen e do travessão”, in *Ciberdúvidas da língua portuguesa*, disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-uso-do-hifen-e-do-travessao/31251>. Último acesso: 3/02/2022

mesóclise. O facto de os dois *corpora* terem dados tão próximos no que diz respeito ao hífen poderia ser uma antecipação sobre o uso da ênclise e da mesóclise no PB.

Para conduzir a análise pronominal nos dois *corpora*, recorreremos principalmente de uma ferramenta disponibilizada por Sketch Engine, o concordanciador (*concordancer* em inglês). Esta ferramenta é fundamental no âmbito das análises linguísticas, já que permite encontrar exemplos de uma palavra, lema, frase, *tag* e estrutura gramatical ou lexical no *corpus*.¹¹⁵ É possível pesquisar o elemento desejado através de pesquisas básicas ou avançadas: o primeiro método é útil para pesquisas simples e que não precisam de um nível de precisão elevado, dado que não é possível filtrar os contextos ou as diferentes partes do discurso, contudo, é uma ferramenta oportuna quando se está a pesquisar um elemento, pelo contrário, muito específico (como por exemplo ditados ou locuções cristalizadas); a pesquisa de tipo avançado é a mais utilizada para a presente análise, porque permite um nível de complexidade consideravelmente mais elevado. Através da pesquisa avançada é possível definir o *query type* mais adequado – nomeadamente lemas, frases, palavras, caracteres e CQL¹¹⁶, ou *corpus query language* – e a parte do discurso interessada; é possível filtrar entre os *sub-corpora* presentes, que podem ser customizados também pelo utilizador, filtrar o contexto à direita ou à esquerda da pesquisa e os tipos de textos entre os quais restringir a pesquisa, alternativa conveniente quando dispomos, por exemplo, de *corpora* provenientes da Internet e achamos necessário filtrar os domínios web ou as fontes.

Para a presente análise recorreremos sobretudo à linguagem de interrogação CQL na pesquisa avançada. Este instrumento permite criar pesquisas ainda mais elaboradas e precisas através de instruções específicas. O próprio Sketch Engine fornece o CQL *builder*, ou seja, um construtor de pesquisas através da CQL para facilitar o trabalho dos utilizadores menos experientes. Geralmente, estas pesquisas são delimitadas por colchetes, no interior dos quais é possível indicar o atributo, seguido por um sinal de igual e o valor entre aspas. Apresentamos um exemplo:

¹¹⁵ Sketch Engine Quick Start Guide, *Concordance Lesson*, disponível em: <https://www.sketchengine.eu/quick-start-guide/concordance-lesson/>.

¹¹⁶ AA. VV., “Fast syntactic searching in very large corpora for many languages”, in *Proceedings of the 14th EURALEX International Congress*, Brighton, Lexical Computing Ltd. & Brno, Masaryk University, 2010, pp. 372-9, disponível em https://www.sketchengine.eu/wp-content/uploads/Fast_syntactic_2010.pdf.

Exemplo 6:

```
[lemma="livro"] [tag="V.*"]
```

A cadeia de caracteres (*string*) apresentado no exemplo significa que estamos a pesquisar o lema *livro* seguido de qualquer verbo. O atributo *lemma* quer dizer que estamos a procurar todas as formas do valor *livro*, já que um lema representa a forma básica de uma palavra, geralmente a forma que se encontra nos dicionários.¹¹⁷ No nosso caso, a pesquisa devolverá todos os resultados que contenham qualquer forma do valor *livro*, o qual tem duas saídas, singular *livro* e plural *livros*. No interior dos segundos colchetes temos o atributo *tag*, ou seja, todos os elementos etiquetados como indicado entre aspas, no nosso caso com o valor *V.**, os verbos.

Cada atributo pode ter diversos valores, sendo o *tagset* dos *corpora* em língua portuguesa, no que diz respeito aos verbos, o ilustrado na Tabela 6:

Tabela 6¹¹⁸: *Tagset* verbal dos *corpora* em Sketch Engine

POSITION	ATTRIBUTE	VALUE
0	category	V : verb
1	type	M : main; A : auxiliary; S : semiauxiliary
2	mood	I : indicative; S : subjunctive; M : imperative; P : pastparticiple; G : gerund; N : infinitive
3	tense	P : present; I : imperfect; F : future; S : past; C : conditional; M : plusquamperfect
4	person	I : 1; 2 : 2; 3 : 3
5	num	S : singular; P : plural
6	gen	F : feminine; M : masculine; C : common; N : neuter

¹¹⁷ Sketch Engine, *Lemma*, disponível em: https://www.sketchengine.eu/my_keywords/lemma/.

¹¹⁸ Sketch Engine, *Tagset for Portuguese (pt)*, disponível em: <https://www.sketchengine.eu/portuguese-freeing-part-of-speech-tagset/>.

Todos os valores têm uma posição predefinida, indicada entre aspas, começando pela posição 0, que representa o número de partida geralmente usado em âmbito computacional. Se quisermos, por exemplo, restringir a pesquisa aos verbos principais de modo indicativo e tempo presente, de terceira pessoa singular e plural, a cadeia de caracteres seria a seguinte:

Exemplo 7:

[lemma="livro"] [tag="VMIP3.0"]

Se não se quiser fornecer *nenhuma* indicação adicional sobre o verbo, pode-se recorrer à forma utilizada no exemplo 6, ou seja com o valor *V* seguido por um ponto e um asterisco, para incluir todas as formas verbais nos resultados; se não se quiser fornecer *algumas* entre as informações adicionais sobre o verbo, como no exemplo 7, pode-se substituir o valor em questão por um zero, equivalente do inglês *none*, nenhum; ou substituí-lo por um ponto, equivalente do inglês *any*, qualquer.

Aplicamos a *query* do exemplo ao *corpus* ptTenTen, obtendo uma amostra aleatória de 5 exemplos, e observamos os resultados:

Imagem 2: Exemplo dos resultados devolvidos da pesquisa no software.

<input type="checkbox"/> Details	Left context	KWIC	Right context
1 <input type="checkbox"/> Portugal • webl... " Código Da Vinci " este "Fe código/NP/MS000 de.o/SP/DIA/FSD vinci/NP/00000 "Fe /Fc este/DD/MS0		livro mistura livro/NCMS000 misturar/VMIP3S0	realidade com ficção . </s><s> Diverti- realidade/NCFS000 com/SP ficção/NCFS000 /Fp divertir/me/VMIS1S
2 <input type="checkbox"/> Portugal • sapo... le aumentar a biblioteca os 500 livros sentem-se /SP aumentar/VMIN000 o/DA/FSD biblioteca/NCFS000 /Fc o/DA/MP0 500Z livro/NCMP000 sentir/se/VMIP3P0/PF3CN00		livros sentem-se sentir/se/VMIP3P0/PF3CN00	sós ! ! </s><s> Numa qualquer livr sós/NCCP000 !Fat !Fat em.um/SP/DI/FSD qualquer/DI/CS0 livr
3 <input type="checkbox"/> Brazil • fomeze... de leitura pelo MDA . </s><s> Os 000 de/SP leitura/NCFS000 por/SP mda/NPF3000 /Fp o/DA/MP0		livros são livro/NCMP000 ser/VMIP3P0	organizados em caixas-estantes , geralmente fa organizar/VMIP00FM em/SP caixas-estantes/NC/CF000 /Fc geral/RG fa
4 <input type="checkbox"/> Brazil • compan... escolha . </s><s> Em tempo o /P escolha/NCFS000 /Fp em/SP tempo/NCMS000 /Fc o/DA/MS0		livro é livro/NCMS000 ser/VMIP3S0	bom . </s><s> ver . jonas diz bom/AQ/MS00 /Fp ver/VMN0000 /Fp jonas/NCFP000 dizer/VMIP3
5 <input type="checkbox"/> Brazil • jamboe... tivermos imprevistos , em agosto o / ter/VMISF1P0 imprevisto/AQ/MP00 /Fc em/SP agosto/NCMS000 o/DA/MS0		livro deve livro/NCMS000 dever/VMIP3S0	ir pra gráfica e mais tardar sete ir/VMN0000 pra/SP gráfica/NCFS000 e/CC mais/RG tardar/VMN0000 setembrc

A pesquisa devolve 143.711 hits, equivalente a 31,09 *tokens* por cada milhão, ou seja, 0,0031% do inteiro *corpus* não subdividido entre PE e PB. Notamos que são compreendidos na amostra aleatória a forma singular e a forma plural do lema *livro* seguidas pelos verbos conjugados na terceira pessoa singular e plural de qualquer verbo principal de modo indicativo e tempo presente. Chamamos aqui a atenção para um exemplo que nos introduz à análise pronominal dos *corpora* calvinianos: o segundo exemplo da amostra, retirado do *corpus* do website português sapo.pt, apresenta a forma verbal *sentem-se* – conjugação do verbo *sentir*, terceira pessoa plural, modo indicativo e

tempo presente – seguido pelo pronome pessoal de caso reto enclítico, reflexivo e de terceira pessoa singular *-se* (a *query* correspondente é [tag=“PP3CN00”]). O software Sketch Engine consegue realmente reconhecer os morfemas que contém clíticos e fornecer informações sobre os pronomes ou a parte do discurso pesquisada. Este instrumento coloca-se exatamente na base da nossa investigação pronominal, embora não seja o único.

CAPÍTULO III

CASO DE ESTUDO: ANÁLISE PRONOMINAL E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

III.1 O *tagset* pronominal

Apresentamos a seguir o *tagset* pronominal fornecido por Sketch Engine com relação aos *corpora* em língua portuguesa:

Tabela 7¹¹⁹: *Tagset* pronominal dos *corpora* em língua portuguesa

POSITION	ATTRIBUTE	VALUE
0	category	<i>P</i> : pronoun
1	type	<i>D</i> : demonstrative; <i>E</i> : exclamative; <i>I</i> : indefinite; <i>T</i> : interrogative; <i>N</i> : numeral; <i>P</i> : personal; <i>R</i> : relative
2	person	<i>I</i> : 1; 2; 3
3	gen	<i>F</i> : feminine; <i>M</i> : masculine; <i>C</i> : common; <i>N</i> : neuter
4	num	<i>S</i> : singular; <i>P</i> : plural; <i>N</i> : invariable
5	case	<i>N</i> : nominative; <i>A</i> : accusative; <i>D</i> : dative; <i>O</i> : oblique
6	polite	<i>P</i> : yes

Também as pesquisas ao redor dos *tokens* pronominais podem recorrer, como ilustrado mais acima, à formulação com zero se não quisermos incluir nos resultados nenhum valor daquele atributo, e à formulação com ponto se quisermos, pelo contrário, incluir qualquer valor daquele atributo nos resultados finais.

¹¹⁹ Sketch Engine, *Tagset for Portuguese (pt)*, disponível em: <https://www.sketchengine.eu/portuguese-feeling-part-of-speech-tagset/>.

Os atributos e os valores que nos interessam maiormente para a presente investigação são a categoria *P*, o tipo *P*, todos os valores relativos à pessoa, ao género, ao número e ao caso e, no que respeita os pronomes pessoais de caso reto, também o aspeto formal e informal.

Por fim, sublinha-se que a seguinte pesquisa foi conduzida no âmbito dos pronomes pessoais sujeito e dos pronomes átonos de objeto direto e indireto.

III.2 Análise e resultados obtidos

A pesquisa no âmbito dos dois *corpora* constituídos pelas obras literárias selecionadas de Italo Calvino foi conduzida no software Sketch Engine através do *concordancer* e de pesquisas avançadas e orientadas à procura de lemas, palavras e encadeamento de caracteres, já que, como antecipado, nem sempre a anotação permitia uma análise total do fenómeno sob investigação.

São consideradas também as diferentes autorias das traduções brasileiras porque poderiam levar a considerações interessantes sobre as normas implícitas e as regras tradutivas subjacentes, adotadas pelos diversos tradutores.

III.2.1 Pronomes pessoais de caso reto

No que diz respeito ao uso dos pronomes pessoais sujeito, a análise foi conduzida no âmbito dos pronomes que são indicadores de divergência entre a norma do PE e a norma do PB. Os pronomes analisados são *tu* ou *você* e o pronome pessoal de primeira pessoa plural, mas que geralmente apresenta uma conjugação verbal da terceira pessoa singular, *a gente*.

A pesquisa foi aplicada de forma diferente para as diversas pessoas do paradigma verbal. Com relação ao pronome de segunda pessoa singular *tu*, a pesquisa por meio da CQL devolveu resultados muito precisos e confirmados também pelo controlo cruzado através de uma pesquisa específica do pronome enquanto palavra para contornar eventuais problemáticas devidas à anotação. A *query* utilizada foi [tag="PP2CSN0"], quer dizer, todos os pronomes pessoais de segunda pessoa singular e de género comum do caso nominativo.

Para o pronome *você* de terceira pessoa singular, foi necessária uma pesquisa mais específica, já que uma *string* do tipo [tag="PP3CSN0"], quer para o *corpus* do PE, quer para o *corpus* do PB, não devolvia nenhum resultado. Este problema é com certeza imputável à atribuição de etiquetas erradas ou ambíguas face a esta parte do discurso em particular. Rastreado à procura do *tag* usado pelo software para o pronome *você*, verificámos que o *tag* utilizado é [tag="PP3CS00"], uma anotação que produz em especial duas problemáticas: por um lado, não conseguimos identificar o caso do pronome, já que é anotado com valor 0; por outro, não é possível considerar o uso do pronome no tratamento formal, visto que também este valor é indicado com 0. A única solução parece ser utilizar igualmente o *tag* fornecido pelo software, mas preocupando-se com a filtração do contexto imediatamente à esquerda da pesquisa, com o objetivo de retirar todas as proposições que, geralmente, levam a casos oblíquos.

Finalmente, o pronome *a gente* não é considerado pelo software como um verdadeiro pronome pessoal. Para encontrar as ocorrências totais da expressão, foi conduzida uma pesquisa ao redor de *a gente* enquanto expressão. A pesquisa foi filtrada adicionalmente, por causa da expressão muito recorrente em Portugal *toda a gente*, retirando então o lema *todo* do contexto imediatamente à esquerda da pesquisa.

Os resultados¹²⁰ da pesquisa são os seguintes:

Tabela 8: Pronomes pessoais de caso reto

	PE		PB	
	Ocorrências	Tokens/milhão	Ocorrências	Tokens/milhão
<i>tu</i>	133	777,86	6	34,91
<i>você</i>	24	140,37	569	3.311,1
<i>a gente</i>	4	23,39	11	69,83

Relativamente aos pronomes de segunda e de terceira pessoa singular, nota-se uma tendência que reflete o uso geral da língua oral e da língua escrita dos falantes de português. Nas traduções para o PE é marcadamente mais implementado o pronome

¹²⁰ Os resultados apresentados são quantificados quer como ocorrências totais no *corpus*, quer como número de tokens em cada milhão. Esta segunda unidade de medida foi igualmente mantida na eventualidade de estudos futuros sobre o mesmo assunto, mas por meio de *corpora* ou software diferentes.

pessoal de segunda pessoa *tu*, com 133 tokens totais, enquanto nas traduções para PB este pronome pessoal é raramente utilizado, apresentando apenas 6 ocorrências totais. Pelo contrário, os tradutores para o PB recorrem maiormente ao pronome pessoal de terceira pessoa *você*, nomeadamente em 569 casos, enquanto os tradutores para o PE apenas em 24 casos.

Aponta-se o desequilíbrio quantitativo que há entre as ocorrências cumulativas dos pronomes *tu* e *você* nas duas variedades traduzidas. No *corpus* do PE surgem apenas 157 ocorrências agrupadas dos dois pronomes pessoais sujeito sob investigação, ao passo que no PB surgem 575 ocorrências. Esta diferença pode ser reconduzida a dois fenómenos, enquanto outro é representado por uma limitação técnica: por um lado, o crescente uso dos pronomes pessoais sujeito na construção da frase na norma do PB, fenómeno ligado também à progressiva redução do paradigma verbal que torna necessária a explicitação inequívoca do sujeito, tanto que hoje o PB é considerado uma língua pro-drop parcial; por outro, a tendência brasileira ao uso dos pronomes pessoais de caso reto em substituição dos pronomes clíticos, o que causa uma abundância no PB de clíticos não precedidos por preposição. No caso da pesquisa realizada, que visa excluir as preposições que antecipam o pronome, alguns desses clíticos podem fugir ao filtro aplicado e participar dos resultados sobre os pronomes sujeito.

Com relação à distribuição dos dois pronomes nos dois *corpora*, há um dado interessante relativo às traduções para o PB. Se o PE apresenta uma distribuição homogénea dos dois pronomes ao longo do *corpus* inteiro – apresentando uma ocorrência máxima do pronome *tu* em *Se numa noite de inverno um viajante* e uma ocorrência mínima do *você* em *O castelo dos destinos cruzados* – o PB apresenta o pronome *tu* somente num dos textos que constituem o *corpus*, *O castelo dos destinos cruzados* traduzido por Barroso. A presença reduzida deste pronome pessoal no *corpus* do PB é uma componente importante na avaliação das traduções em PB, porque poderia representar uma particular propensão ao conservadorismo do autor da tradução em contratendência, neste aspeto em particular, face às outras traduções. Para confirmar este resultado, foram procurados também todos os verbos no *corpus* das traduções para o PB conjugados na segunda pessoa singular que, efetivamente, aparecem somente na obra traduzida por Barroso.

Exemplo 9.1 (*Os amores difíceis*)

PE: Sargento, tu és sempre muito bom [...]

PB: Sargento, você continua sendo gente [...]

Exemplo 9.2 (*O castelo dos destinos cruzados*)

PE: [...] Tu hás de ser o homem mais poderoso do mundo.

PB: [...] Tu serás o homem mais poderoso do mundo.

Exemplo 9.3 (*Se numa noite de inverno um viajante / Se um viajante numa noite de inverno*)

PE: Os cigarros ao alcance da mão, se fumares, e o cinzeiro.

PB: Se você fuma, deixe os cigarros e o cinzeiro ao alcance da mão.

A partir dos exemplos apresentados emergem diversas tendências. No caso do exemplo 9.1, resulta muito claro o diferente uso dos pronomes *tu* e *você* nas duas variedades linguísticas, além de evidenciar-se o uso tipicamente brasileiro da perífrase verbal *estar + gerúndio*.

O exemplo 9.2, ao invés, representa a exceção nas traduções para o PB, quer dizer, o uso do pronome de segunda pessoa *tu* na tradução de Ivo Barroso, implementado da mesma forma do PE.

Finalmente, o exemplo 9.3 sublinha mais uma vez a divergência no uso pronominal das duas variedades. Ainda, aponta-se a explicitação do sujeito no PB devido à redução do paradigma verbal e à necessidade de resolver a ambiguidade semântica, e o uso do futuro do conjuntivo no PE quando o PB opta, pelo contrário, pelo presente do indicativo.

Por fim, apresenta-se o uso de *a gente* nos dois *corpora*. O uso da expressão é limitado, mas os resultados fornecem igualmente material para elaborar algumas reflexões. Uma pesquisa simples de *a gente* no interior dos *corpora* devolve os seguintes resultados: 10 tokens totais para o PE (64,33 tokens por cada milhão) e 12 para o PB

(75,65 tokens/milhão). O *corpus* do PE e o *corpus* do PB respondem de forma diferente ao filtro que visa retirar as ocorrências precedidas pelo lema *todo*: para o PB é excluída apenas uma ocorrência, enquanto o PE sofre uma diminuição drástica dos resultados, passando de 10 a 4 ocorrências totais e a uma proporção de 23,39 tokens por cada milhão, a sublinhar como a expressão *toda e gente* é efetivamente muito comum no PE, ao passo que o uso de *a gente* como pronome pessoal de primeira pessoa plural é, pelo contrário, muito raro. Ainda, ao consultar os resultados devolvidos, emerge que no PE em nenhum caso *a gente* é usado como pronome pessoal de caso reto e que, adicionalmente, esta expressão é usada como simples nome comum (como, por exemplo, *a gente índia* e *a gente branca*). Por seu lado, o PB recorre ao uso pronominal da expressão em onze casos e, curiosamente, a expressão nunca é utilizada como pronome pessoal sujeito na tradução feita por Ivo Barroso *O castelo dos destinos cruzados*.

Exemplo 10.1 (*Os amores difíceis*)

PE: Para, senão disparamos, Gim!

PB: Para ou a gente atira, Gim!

Exemplo 10.2 (*Os amores difíceis*)

PE: Coisas de rapazes.. Queríamos perguntar-lhe uma coisa.

PB: Esses rapazes.. A gente queria perguntar uma coisa a ele.

Exemplo 10.3 (*Se numa noite de inverno um viajante / Se um viajante numa noite de inverno*)

PE: É preciso outro saco para lhe enfiar na cabeça.

PB: A gente precisava de um segundo saco para enfiar na cabeça dele.

Os primeiros dois exemplos são retirados das traduções de *Os amores difíceis*, o texto que apresenta mais ocorrências do pronome pessoal *a gente*. No exemplo 10.1, ainda, aponta-se o recurso ao sujeito nulo no PE e ao sujeito pleno no PB. Aliás, no

exemplo 10.2 sempre relativo à tradução de Ramalhete, vê-se como o PB prefere recorrer à explicitação do complemento indireto por meio do pronome tónico *ele* precedido pela preposição *a*, enquanto o PE, na construção constituída por *modal + verbo principal*, recorre, como é hábito, à ênclise do pronome *lhe*.

No exemplo 10.3 destacam-se diversos fenómenos: o uso de uma construção impessoal na tradução do PE e o contrastante uso de *a gente* no PB; a próclise do pronome átono no PE e a preferência do PB, também aqui, pela explicitação do complemento indireto por meio do pronome tónico.

Em conclusão, apesar de *a gente* ser considerado no debate linguístico atual uma expressão tendencialmente informal, o seu uso emerge em alguns casos, mesmo que reduzidos, também na língua da tradução que, em contraste, se prefigura como própria de uma tipologia textual geralmente mais conservadora e formal.

III.2.2 Pronomes pessoais de caso oblíquo: próclise

Os pronomes pessoais proclíticos no interior do *corpus* foram procurados através da *query* [tag="PP _ _ _ 00"] [tag="V.*"], quer dizer, todos os pronomes pessoais, especificando singularmente pessoa, número e género (este último valor foi sempre indicado como C, ou seja, comum, ao não ser que fosse um pronome de caso acusativo de terceira pessoa onde foi especificado o género masculino *M* ou feminino *F* e o caso) seguidos de qualquer verbo. A pesquisa foi sujeita a um controlo cruzado através de uma pesquisa do tipo [word="pronome"] [tag="V.*"] que confirmou os resultados; todavia, sublinha-se que número elevado de resultados dificultou o controlo manual posterior à pesquisa e que poderia haver uma margem de erro mais ou menos alta, sobretudo com relação ao pronome pessoal reflexivo *se*, que às vezes pode estar confundido, mesmo na anotação, com a conjunção, e com relação à possível presença de clíticos soltos que não foi possível retirar.

Os resultados retornados são os seguintes:

Tabela 9: Pronomes pessoais oblíquos – Próclise

	PE		PB	
	Ocorrências	Tokens/milhão	Ocorrências	Tokens/milhão
<i>me</i>	437	2.555,84	491	2.857,21
<i>te</i>	167	965,02	11	64,01
<i>se</i> (3 ^a pessoa singular e plural) ¹²¹	1.486	8.691,02	1.815	10.561,78
<i>o</i>	170	994,26	251	1.460,61
<i>a</i>	84	491,28	110	640,11
<i>lhe</i>	278	1.625,91	314	1.827,22
<i>nos</i>	103	602,41	129	750,67
<i>vos</i>	5	29,24	3	17,46
<i>os</i>	47	274,88	50	290,96
<i>as</i>	48	280,73	43	250,22
<i>lhes</i>	20	116,97	10	58,19
total	2.845	16.627,56	3.227	18.778,44

Quer nas traduções para o PE, quer nas traduções para o PB, a colocação proclítica dos pronomes pessoais oblíquos é amplamente utilizada, tornando a colocação anteposta a colocação mais usada dos *corpora* inteiros. Apesar de ser, nomeadamente no PE, uma exceção à norma nas orações principais afirmativas, representada pelo contrário pela ênclise, a próclise é igualmente muito usada por causa das inúmeras palavras atrativas que nas proposições subordinantes finitas provocam a anteposição obrigatória do pronome. Por seu lado, o PB faz geralmente um uso mais amplo e desvinculado desta colocação pronominal, também naqueles contextos, como no começo da frase, onde a

¹²¹ Os resultados relativos à forma singular e à forma plural do pronome pessoal de 3^a pessoa *se* são doravante combinados. Por causa de limitações na anotação não foi possível considerar as duas formas pronominais individualmente.

anteposição do pronome *se* mantém estigmatizada pelos cultores das gramáticas tradicionais.

Ao consultar os resultados da pesquisa sobre a língua da tradução emerge que, na realidade, há apenas uma leve diferença no uso da anteposição dos pronomes nas duas variedades em tradução, diferença que ascende a 432 tokens totais a favor do PB.

Mais uma vez, as problemáticas destacadas na anotação do software Sketch Engine não permitem analisar em pormenor a questão da colocação proclítica: seria interessante, por exemplo, conhecer a ocorrência de palavras atrativas no contexto imediatamente à esquerda dos pronomes nas duas variedades: por um lado, poderíamos avaliar a influência da obrigatoriedade da próclise no PE e, por outro, a liberdade na escolha da anteposição pronominal no PB nas orações principais e subordinadas.

De qualquer forma, seleccionámos o pronome que se encontra maiormente em posição anteposta, o *se* de terceira pessoa singular e plural, e analisámos o contexto que o precede. No *corpus* do PE aparecem três palavras entre as dez mais recorrentes associadas à anteposição pronominal (*que*, *não* e *onde*), enquanto no PB aparecem duas palavras que em regra determinam a próclise (*que* e *não*). Os dados não são muitos, mas poderiam sustentar a tendência do PB, também no âmbito da língua da tradução, para um uso da próclise mais livre.

Exemplo 11.1 (*Os amores difíceis*)

PE: Tomagra, àquele gesto, afastou-se como que para dar espaço a um amplo esbracejar [...]

PB: Ao gesto, Tomagra se esquivara como para dar lugar a um amplo bracejar [...]

Exemplo 11.2 (*O castelo dos destinos cruzados*)

PE: Quando algum dos convivas queria pedir ao vizinho **que** lhe passasse o sal ou o gengibre, fazia-o com um gesto, e era igualmente por gestos **que se dirigia**

aos criados **para** lhe trincharem uma fatia de faisão ou lhe deitarem meia pinta de vinho.

PB: Quando algum dos hóspedes queria pedir ao vizinho **que** lhe passasse o sal ou o gengibre, fazia-o com um gesto, e se dirigia igualmente com gestos aos criados **para que** lhe trinchassem uma fatia de empada de faisão ou lhe vertessem meia pinta de vinho.

Exemplo 11.3 (*Se numa noite de inverno um viajante / Se um viajante numa noite de inverno*)

PE: Entretanto, na satisfação que sentes pela maneira como ela te lê, pelas citações textuais da tua objetividade física, insinua-se uma dúvida [...]

PB: Todavia, em meio à satisfação que você encontra no modo como ela o lê, em todas essas citações textuais de sua objetividade física, uma dúvida se insinua [...]

O exemplo 11.1 apresenta os comportamentos diferentes das duas variedades na mesma passagem em tradução: o PE, dado que não há no contexto palavras ou estruturas que obriguem ao uso da próclise, opta então pela ênclise; pelo contrário, apesar do contexto apresentar-se de forma igual, o PB escolhe uma colocação proclítica do pronome. Destaca-se, ainda, o uso do tempo verbal pretérito mais-que-perfeito, particularmente formal na língua portuguesa e neste caso adotado somente pela tradução para o PB, enquanto o PE prefere utilizar o mais comum pretérito perfeito simples.

No segundo exemplo mostrado, chama-se a atenção para a presença de palavras atrativas, quer no PE, quer no PB, que são causa de próclise obrigatória. Na tradução para PE todas as colocações proclíticas são justificadas pela presença de palavras atrativas, ao passo que no PB há uma colocação pronominal, *se dirigia*, que pelo contrário não é legitimada por esta razão, o que sublinha uma implementação mais livre da colocação anteposta. Ao mesmo tempo, também a tradução para o PB apresenta um caso de colocação enclítica, *fazia-o*, que parece uma escolha tradutiva bastante conservadora e próxima da norma europeia: mais uma vez, esta escolha concerne à tradução feita por Barroso.

Da mesma forma, no último exemplo apresentado, a colocação proclítica do PB não é justificada pela presença de palavras atrativas ou estruturas subordinantes no contexto e na tradução para o PE, que apresenta o mesmo contexto, é adotada a colocação enclítica. Destaca-se também neste exemplo o uso do pronome pessoal *você* no PB e o uso do pronome *tu* no PE.

Pode-se então afirmar que, também na língua da tradução, o PB não parece ser tão condicionado pela presença de palavras atrativas e estruturas subordinantes no contexto imediatamente próximo da colocação pronominal e surge uma tendência à próclise mais livre e desvinculada que pode encontrar a sua justificação na regra única da colocação anteposta no PB apoiada também por Marcos Bagno.¹²²

III.2.3 Pronomes pessoais de caso oblíquo: ênclise

Com relação à colocação pronominal enclítica, os pronomes foram procurados através da *query* [tag="V.*"] [tag="Fg"] [tag="PP __ 00"], quer dizer, qualquer verbo seguido pelo hífen e por um pronome, cujos valores foram explicitados da mesma forma que no fenómeno proclítico. Na realidade, este tipo de pesquisa devolveu uma quantidade de resultados muito baixa por causas que foram consideradas imputáveis, mais uma vez, à anotação errada ou ambígua dos pronomes. Por isso, os resultados foram controlados através de uma pesquisa mais específica e cada pronome pessoal foi procurado enquanto palavra, como se segue: [tag="V.*"] [tag="Fg"] [word="pronomes"].

A pesquisa devolveu efetivamente um número muito maior de resultados que são apresentados na seguinte tabela.

Tabela 10: Pronomes pessoais de caso oblíquo – Ênclise

	PE		PB	
	Ocorrências	Tokens/milhão	Ocorrências	Tokens/milhão
<i>-me</i>	426	2.491,5	298	1.734,36
<i>-te</i>	190	1.111,23	18	104,76
<i>-se</i> (3ª pessoa singular e	1.083	6.335,55	739	4.300,36

¹²² Cfr. M. Bagno, *Gramática pedagógica do português brasileiro*, Cit., p. 762.

plural)				
-o	33	193,05	56	325,92
-a	66	386,1	40	232,8
-lo	184	1.027,64	203	1.181,86
-la	156	912,6	166	966,12
-no	1	5,85	1	5,82
-na	0	0	0	0
-lhe	256	1.497,6	158	919,16
-nos	95	555,75	41	238,59
-vos	9	52,64	1	5,82
-os	33	193,05	14	81,47
-as	24	140,37	16	93,11
-los	42	245,64	55	320,05
-las	36	210,6	35	203,67
-nos	0	0	0	0
-nas	0	0	0	0
-lhes	15	87,73	10	58,19
total	2.649	15.446,9	1.851	10.782,06

No que diz respeito ao fenômeno enclítico, a diferença no uso dos pronomes pessoais pospostos é mais relevante do que já apresentado para a próclise, já que o PE apresenta 798 ocorrências mais do que o PB. O PB parece efetivamente fazer uso da ênclise de maneira moderadamente menor do que o PE, recorrendo a este tipo de colocação de forma menos sistemática também na língua da tradução. Os tradutores brasileiros parecem então adotar uma tendência mais inovadora e informal, apesar das ocorrências serem igualmente muito frequentes. A este respeito, os dois *corpora* não apresentam muita dinamicidade na distribuição do fenômeno, que abrange de forma similar quer o PE, quer o PB, e por isso parece não haver elementos atribuíveis a fatores terceiros, como as diferentes autorias das traduções.

O pronome pessoal mais utilizado na construção enclítica é *se*, sendo que envolve quer a terceira pessoa singular, quer a terceira pessoa plural, enquanto o menos frequente tanto para o PE, como para o PB, é *vos*. Esta tendência poderia encontrar uma justificação na construção narrativa e dialógica dos textos selecionados e não forçosamente numa escassa propensão para o uso deste pronome pessoal.

Por fim, destaca-se a grande diferença que ocorre entre o uso do pronome pessoal de segunda pessoa *te* entre o PE e o PB. Claramente, a discrepância detetada no âmbito dos pronomes pessoais de caso reto reflete-se também, como era de esperar, nos pronomes pessoais de caso oblíquo e, da mesma forma que os pronomes sujeito, todas as ocorrências enclíticas do pronome *te* nas traduções para o PB foram encontradas no texto traduzido por Barroso.

Exemplo 12.1 (*Os amores difíceis*)

PE: [...] levantou-se com passos de elefante, começou com um lento cuidado bem metuculoso a desatar as cortinas, a puxá-las, a refazer o nó.

PB: [...] levantou-se com passos de elefante, começou com cuidado lento e metuculoso a soltar as cortinas, a puxá-las, a amarrá-las novamente.

Exemplo 12.2 (*O castelo dos destinos cruzados*)

PE: Aqui por exemplo está um homem com todo o ar de ser um oficial em serviço, e começou por se reconhecer no Cavaleiro de Paus [...]

PB: Eis, por exemplo, este aqui que tem todo o tipo de um oficial em serviço, e começa reconhecendo-se no Cavaleiro de Paus [...]

Exemplo 12.3 (*Se numa noite de inverno um viajante / Se um viajante numa noite de inverno*)

PE: Podiam muito bem ter ficado bem longe, digo eu, o que é que lhes podem interessar estes livros escritos na língua dos mortos?

PB: Vocês podem ficar longe disso, é o que digo, em que pode interessá-los esses livros escritos na língua dos mortos?

Apesar de a ênclise ser um fenómeno mais presente nas traduções para o PE do que nas traduções para o PB, os exemplos apresentados visam examinar o uso da construção pronominal posposta no PB também naqueles casos onde o PE optou por outras construções gramaticais.

No exemplo 12.1 retirado de *Os amores difíceis*, nota-se no PB o uso enclítico do pronome *las* com o verbo *amarrar*, ao passo que no PE se prefere utilizar uma perífrase mais complexa, *a refazer o nó*, para descrever a ação. Na realidade, a tradução para o PE afasta-se de certa forma do prototexto, que é “s’alzò con passi elefanteschi, cominciò con lenta cura meticolosa a sciogliere le tendine, a tirarle, a riallacciarle”. Na versão original, quer o verbo *tirare*, quer o verbo *riallacciare* estão ligados aos pronomes enclíticos, mantidos também, como já evidenciado, na tradução para o PB.

Da mesma forma, no exemplo 12.2, Barroso opta também neste caso pela colocação enclítica do pronome, enquanto o PE, depois do verbo seguido por preposição *começar por*, recorre à construção proclítica antes do verbo *reconhecer*. Destaca-se também neste caso o recurso do PB às perífrases verbais tipicamente brasileiras constituídas por um verbo auxiliar e o verbo principal conjugado no gerúndio.

Finalmente, no último exemplo, a construção adotada pelo tradutor português Barreiros obriga à próclise por causa do pronome interrogativo *o que*, enfatizado por *é que*; no mesmo contexto o tradutor para o PB Moulin recorre à ênclise com respeito ao verbo *interessar*, apesar do pronome interrogativo *que*.¹²³

Apesar dos casos-limite apresentados, geralmente as traduções envolvidas na pesquisa confirmam as tendências gerais e já destacadas da língua portuguesa relativas à propensão do PE para a posposição pronominal, confirmando também a norma constituída pela ênclise na variedade do PE, e ao uso não sistemático desta colocação pronominal no PB.

¹²³ Cfr. V. Castagna, *Op. Cit.*, p. 96.

III.2.4 Pronomes pessoais de caso oblíquo: mesóclise

O software Sketch Engine reconhece e anota nos *corpora* todos os tipos de clíticos, apesar de a ambiguidade na anotação criar diferentes margens de erro. Neste caso, o software não conseguiu reconhecer através da CQL todas as ocorrências mesoclíticas nos *corpora*, que foram todavia extraídas por meio de pesquisas mais específicas ao redor dos pronomes precedidos e seguidos por hífen.

Tabela 11: pronomes pessoais do caso oblíquo – Mesóclise

	PE		PB	
	Ocorrências	Tokens/milhão	Ocorrências	Tokens/milhão
-me-	10	58,49	0	0
-te-	5	29,24	0	0
-se- (3ª pessoa singular e plural)	22	128,67	2	11,64
-lo-	4	23,39	0	0
-la-	3	17,55	0	0
-lhe-	2	11,7	0	0
-nos-	2	11,7	0	0
-vos-	0	0	0	0
-los-	0	0	0	0
-las-	1	5,85	0	0
-lhes-	0	0	0	0
total¹²⁴	49	286,59	2	11,64

A colocação pronominal mesoclítica é um exemplo da grande divergência diatópica que ocorre nas duas normas do português. Neste caso, a diferença nos resultados obtidos é maciça e observa-se que a interposição do pronome pessoal clítico entre o

¹²⁴ Dos resultados obtidos foram excluídas 14 ocorrências do PE e 2 do PB porque não apresentavam a estrutura do tipo pesquisado, mas sim a interposição do pronome entre o verbo e um pronome oblíquo de caso acusativo (exemplo: *apagou-se-lhe, veem-se-lhe*).

radical e a desinência verbal é um fenómeno presente quase exclusivamente na variedade do PE, mesmo na língua da tradução.

Nas traduções para o PE a distribuição da mesóclise é homogénea no *corpus* e envolve de forma parecida todos os pronomes pessoais. Pelo contrário, nas traduções para o PB, a mesóclise é adotada, mais uma vez, apenas na tradução conduzida por Barroso e envolve somente o pronome pessoal de terceira pessoa singular *se*, nomeadamente na construção *dir-se-ia*. Por seu lado, também no PE há pronomes oblíquos que não sofreram interposição, como *vos*, *los* e *lhes*, estando este dado, em todo o caso, também vinculado ao prototexto italiano.

Exemplo 13.1 (*Os amores difíceis*)

PE: [...] mas aquela sua prudência também era absurda, como se quisesse recomeçar do zero o seu pacientíssimo trabalho e já não tivesse a certeza das profundas metas já alcançadas. Mas tê-las-ia realmente alcançado?

PB: como se quisesse recomeçar do início seu pacientíssimo trabalho e não estivesse mais seguro das profundas metas já atingidas. Mas as havia realmente atingido?

Exemplo 13.2 (*O castelo dos destinos cruzados*)

PE: [...] um jovem com uma espada – dir-se-ia – para coçar a cabeça debaixo de uma farta cabeleira loura – e agora branca – [...]

PB: [...] um jovem, que usa a espada – dir-se-ia – para coçar a testa sob a fluida cabeleira loura – e agora branca – [...]

Exemplo 13.3 (*Se numa noite de inverno um viajante / Se um viajante numa noite de inverno*)

PE: Ou então o conhecimento do todo pode estar sepultado na alma e um sistema de espelhos que multiplique a minha imagem até ao infinito e me devolva a sua essência numa única imagem revelar-me-ia a alma do todo que se oculta na minha.

PB: Ou talvez o conhecimento do todo esteja sepultado na alma e um sistema de espelhos que multiplicasse minha imagem até o infinito e restituísse sua essência numa imagem única me revelasse a alma do todo que se esconde na minha.

O primeiro exemplo é emblemático no que diz respeito às diferentes colocações pronominais no PE e no PB. Neste caso, também o uso dos tempos verbais é determinante, porque o uso do modo condicional no PE em orações afirmativas principais, não havendo elementos “atrativos”, leva à mesóclise. O tradutor para PB neste caso prefere utilizar o pretérito mais-que-perfeito composto¹²⁵, com próclise pronominal, não acentuando o teor dubitativo da pergunta por meio do condicional.

Pelo contrário, no segundo exemplo da amostra, relativo à tradução de Barroso, destaca-se o uso da mesóclise que, como antecipado, envolve exclusivamente a expressão *dir-se-ia*. Nesta situação, quer o PE, quer o PB traduzido por Barroso recorrem à colocação pronominal mesoclítica.

O exemplo 13.3 retoma a questão sublinhada no primeiro, ou seja, a diferente escolha verbal que leva inevitavelmente a diferentes colocações pronominais. Mais uma vez, ao passo que o tradutor de PE opta por uma construção verbal com o modo condicional que sugere o uso do pronome *me* mesoclítico, o tradutor de PB elabora uma frase em que predomina o modo conjuntivo, levando à próclise livre do mesmo pronome.

III.2.5 Pronomes pessoais de caso oblíquo: pronome solto

A anotação pronominal não é a única que apresenta algumas ambiguidades para o software Sketch Engine. Para conduzir a pesquisa relativa ao pronome solto, teria sido necessário identificar os verbos auxiliares seguidos de pronome pessoal e verbo de modo

¹²⁵ Cfr. V. Castagna, *Op. Cit.*, pp. 98-101.

infinitivo, gerúndio ou particípio. De facto, no *corpus* não apareciam verbos anotados como auxiliares e, por isso, foi selecionada uma série de auxiliares que podiam implicar o uso do pronome solto para os fins da presente pesquisa.

Os verbos identificados e pesquisados são: *ser, estar, ter, haver, querer, ficar, ir, precisar, crer, saber, poder, dever, começar, continuar e pôr*. Foram selecionados, para além dos verbos auxiliares básicos, também os auxiliares aspetuais que podem apresentar a opção do pronome solto. Estes verbos foram procurados através da CQL com o atributo de *lemma*, ao qual se seguiu uma pesquisa ao redor dos pronomes enquanto palavras e de qualquer verbo depois do pronome, como se segue: [lemma="ser"] [word="me"] [tag="V.*"].

Tabela 12: Pronomes pessoais do caso oblíquo – Pronome solto

	PE		PB	
	Ocorrências	Tokens/milhão	Ocorrências	Tokens/milhão
<i>me</i>	0	0	23	133,84
<i>te</i>	0	0	0	0
<i>se</i> (3 [^] pessoa singular e plural)	0	0	64	371,89
<i>o</i>	0	0	0	0
<i>a</i>	0	0	0	0
<i>lhe</i>	0	0	10	58,19
<i>nos</i>	0	0	8	46,55
<i>vos</i>	0	0	0	0
<i>os</i>	0	0	0	0
<i>as</i>	0	0	0	0
<i>lhes</i>	0	0	0	0
total	0	0	105	611,01

Os resultados devolvidos da pesquisa ao redor do pronome solto nas traduções para o PE e PB das obras calvinianas não deixam qualquer dúvida sobre o uso desta colocação. Nas traduções para o PE não há nenhuma ocorrência do chamado pronome solto entre um verbo auxiliar e um verbo principal, enquanto no PB esta estrutura gramatical consta ser amplamente utilizada pelos tradutores, com mais de cem ocorrências totais.

O pronome que mais aparece em posição de pronome solto é o *se* de terceira pessoa singular e plural, mas também os pronomes *me*, *lhe* e *nos* apresentam diversas ocorrências.

Ainda mais interessante neste caso é aprofundar em que textos o pronome solto consta ser mais utilizado. Em particular, nota-se que o número menor de ocorrências se encontra na tradução de Barroso *O castelo dos destinos cruzados*, e que a maioria dos casos emerge, pelo contrário, da tradução de Ramalhete *Os amores difíceis*.

Exemplo 14.1 (*Os amores difíceis*)

PE: Usnelli notou que estava a dirigir-se para a escuridão como o peixe dos abismos, que foge das águas iluminadas.

PB: Usnelli deu-se conta de que estava se dirigindo para a escuridão como um peixe dos abismos, que foge das águas iluminadas.

Exemplo 14.2 (*O castelo dos destinos cruzados*)

PE: – O que queres tu de mim? – deveria então ter-lhe dito ele.

PB: – Que mais queres de mim? – deve ter lhe perguntado então.

Exemplo 14.3 (*Se numa noite de inverno um viajante / Se um viajante numa noite de inverno*)

PE: [...] os raptos levaram-me não para um esconderijo secreto, mas para minha casa e fecharam-me na sala catóptrica reconstruída por mim com o maior cuidado [...]

PB: [...] os seqüestradores, em vez de terem me conduzido a um esconderijo secreto, levaram-me para minha casa e me trancaram na câmara catóptrica que eu tão cuidadosamente reconstruíra [...]

No exemplo 14.1, vê-se como a tradutora para o PB, Ramalhete, recorre à perífrase verbal *estar + gerúndio*, no meio da qual coloca o pronome pessoal de terceira pessoa singular *se*. Na mesma situação, o tradutor para o PE, Barreiros, recorre também à perífrase verbal *estar a + infinitivo*, seguido pelo pronome enclítico, ligado ao infinitivo *dirigir-se*.

O segundo exemplo destaca o possível diferente uso da colocação pronominal das duas variedades na presença de verbos auxiliares em tempos compostos: o PE recorre à ênclise em relação ao verbo auxiliar, seguido pelo particípio do verbo principal, enquanto no PB, também na tradução tendencialmente mais conservadora de Barroso, para a mesma situação, se prefere utilizar o pronome solto entre o verbo auxiliar e o principal.

Também no exemplo 14.3, o PB mostra mais uma vez a tendência para o pronome solto no PB, entre o auxiliar *ter* e o verbo principal *conduzir* conjugado no particípio passado, ao passo que no PE aparece uma estrutura enclítica. Relevante, neste exemplo, é também o uso da próclise e da ênclise no PB: na frase levaram-me para minha casa e me trancaram na câmara, o tradutor recorre à ênclise no primeiro caso e à próclise no segundo, apesar de os dois verbos apresentarem contexto e situação análogos. Por fim, destaca-se também um fenómeno que não foi aprofundado no presente trabalho mas que pode fornecer material interessante sobre a questão do conservadorismo da língua da tradução, ou seja, o recurso ao tempo verbal do pretérito mais-que-perfeito simples (*reconstruíra*) no PB, um tempo verbal que quase totalmente caiu em desuso na língua

oral e que é utilizado muito pouco na escrita em ambas as variedades, mas que, de vez em quando, o PB recupera e valoriza nas suas traduções.

Efetivamente, Castagna na sua investigação identifica uma ligação entre a necessidade de veicular um registo mais culto e literário e o recurso frequente ao pretérito mais-que-perfeito. Nos metatextos brasileiros aparece um uso significativo deste tempo verbal – ultrapassando em muitas vezes o número de ocorrências encontradas nos metatextos portugueses – quer na sua forma simples, quer na sua forma composta. Relativamente a este último aspeto, o PB eleva o registo utilizado também por meio do auxiliar *haver*, à custa do auxiliar *ter* que, por seu lado, é muito mais frequente nas traduções para o PE¹²⁶.

III.3 Considerações finais

À luz da análise e dos exemplos apresentados, emerge que as duas variedades de português aqui analisadas recorrem efetivamente, também na língua da tradução, à colocação pronominal com tendências e propensões distintas. No que diz respeito ao PE, o uso pronominal na língua da tradução não apresenta divergências do uso pronominal na língua corrente e utilizada habitualmente pelos falantes; o mesmo não acontece totalmente no PB, já que alguns fenómenos, como se evidenciou na investigação sobre a colocação enclítica, aparecem de forma ligeiramente mais sistemática na língua da tradução do que na língua corrente, sublinhando algumas tendências linguisticamente mais conservadoras.

A colocação pronominal na língua da tradução do PB revela-se um indicador de uma língua conservadora sobretudo na tradução assinada por Ivo Barroso (tendência surgida também no uso dos pronomes pessoais de caso reto), enquanto nas outras traduções a colocação e o uso pronominais, em particular relativamente à mesóclise e à próclise, parecem não ser tão diferentes do uso linguístico corrente.

Poder-se-ia portanto aprofundar a presente pesquisa através de um *corpus* que reúna metatextos preferencialmente traduzidos por autores diversos e prestando atenção à heterogeneidade do *corpus* – através de protextos de autores provenientes de áreas

¹²⁶ *Ibidem*, pp. 98-99.

geográficas e épocas diferentes – e assim investigar mais pormenorizadamente o nível de conservadorismo linguístico nas traduções para o PB.

Ao longo da pesquisa surgiram também outras questões linguísticas que podem fornecer sugestões interessantes sobre o assunto apresentado, como, por exemplo, as diferenças lexicais e o grau de formalidade das palavras utilizadas pelos tradutores, assim como a ocorrência de alguns tempos verbais, como o pretérito mais-que-perfeito simples e composto, que também poderiam tornar-se objeto específico de pesquisas futuras.

CONCLUSÃO

O objetivo do presente trabalho foi o de propor uma análise contrastiva das traduções portuguesas e brasileiras de algumas obras de Italo Calvino para destacar tanto as diferenças estruturais entre PE e PB, como investigar o conservadorismo do PB em tradução. A questão pronominal mostrou-se reveladora das divergências linguísticas das duas variedades de português e permitiu também avançar algumas hipóteses sobre a normatização que o PB parece enfrentar ao longo do processo tradutivo.

As duas variedades, no que se refere à questão pronominal e a partir do *corpus* analisado na presente pesquisa, parecem respeitar as tendências que surgem na língua atualmente em uso entre os falantes de uma e de outra variedade: o recurso ao pronome pessoal *tu* no PE, substituído pelo *você* no PB; *a gente* utilizado, mesmo que de forma reduzida, apenas no PB como pronome pessoal sujeito; um maior recurso à ênclise no PE e à próclise no PB; a presença da mesóclise no PE e a sua quase total ausência no PB e a utilização, ainda que limitada, do pronome solto no PB.

Ao analisar os dados mais em pormenor e prestando atenção à efetiva discrepância quantitativa destacada nos resultados, apreende-se que, todavia, as diferenças entre as duas variedades em tradução não parecem tão profundas. Em particular, a colocação enclítica foi um dos resultados mais relevantes do caso de estudo apresentado. A ênclise é considerada atualmente a norma da colocação pronominal em português e, apesar de os falantes do PB recorrerem mais frequentemente à colocação proclítica em igualdade de contexto, é muito utilizada também nas traduções para o PB, inclusive naqueles contextos onde a norma atual brasileira supostamente exigiria a anteposição do pronome. Por este motivo, dentro da análise foram salientados alguns exemplos que apresentam uma colocação enclítica no PB e outro tipo de colocação pronominal no PE. Para compreender a importância desta tendência para o estudo do conservadorismo linguístico do PB em tradução, retomam-se algumas estatísticas fornecidas por Bagno sobre a língua corrente no Brasil:

No corpus do NURC-Brasil, das 160 ocorrências do clítico **me**, somente 5 não estão em próclise ao verbo principal — em outras palavras, a

próclise se deu em 97% das ocorrências. As únicas ocorrências de ênclise (clítico *depois* do verbo) foram, sintomaticamente, fórmulas prontas (*parece-me*, 2 ocorrências; *deixe-me ver*, 1 ocorrência); uma hipercorreção na fala de um entrevistado que tenta “falar difícil” e, por causa desse artificialismo, cria formas híbridas em que o suposto “correto” se mescla ao suposto “errado” (*falta-me condições*) e, por fim, uma ocorrência de *me pudesse prestar*, mas em oração adjetiva, em que o clítico forma vocábulo fonético, não com o verbo modal, mas com o relativo *que* (*alguém que me pudesse prestar uma melhor informação*).¹²⁷

Na língua atualmente em uso no Brasil, a colocação enclítica foi usada pelos falantes apenas em 3% das ocorrências, uma percentagem muito menor do que aquela salientada na presente análise: as ocorrências do fenômeno enclítico no PB no *corpus* ascendem apenas a 17,8% menos do que o PE. As traduções para o PB, neste caso, parecem efetivamente estar orientadas pela norma padrão culta representada pela norma europeia, que se encontra realmente distante da norma, mesmo culta, do PB.

Um dado interessante é fornecido pela tradução assinada por Ivo Barroso *O castelo dos destinos cruzados*. Esta tradução é em absoluto a mais conservadora dentro do *corpus* brasileiro e sob numerosos aspetos. É a única tradução em PB que apresenta o pronome pessoal de caso reto *tu*, ao passo que todas as outras traduções nunca fazem recurso a este pronome e à conjugação de segunda pessoa singular dos verbos; não apresenta *a gente* enquanto pronome pessoal de caso reto, ausente também em todas as traduções em PE analisadas; apresenta colocações mesoclíticas dos pronomes, mesmo que unicamente na formulação *dir-se-ia*. Adicionalmente, é a tradução brasileira que recorre em forma menor aos clíticos soltos que, por seu lado, nunca aparecem nas traduções portuguesas. O quadro final devolve então uma tradução que implementa largamente construções gramaticais, como evidenciado no uso e na colocação pronominais, claramente conservadoras e formais e que se aproximam do uso pronominal europeu.

Um *corpus* constituído inteiramente por traduções de Ivo Barroso poderia com certeza fornecer uma panorâmica mais abrangente sobre o estilo do tradutor e confirmar uma eventual tendência particularmente conservadora em termos de escolhas tradutivas. Todavia, neste caso o prototexto poderia fornecer uma pista interessante: *Il castello dei destini incrociati* é um romance ambientado na Idade Média cujos personagens são

¹²⁷ M. Bagno, *Gramática pedagógica do português brasileiro*, Cit., p. 762.

cavaleiros, damas e reis a braços com aventura românticas, feitiços e perdas de juízo. A ambientação extremamente evocativa criada por Italo Calvino poderia ter direcionado as escolhas tradutivas de Barroso rumo a construções gramaticais mais arcaicas e cultas que moldassem na mente e no imaginário do leitor um cenário bem determinado no nível temporal. O recurso a uma língua de sabor mais antigo considerada possivelmente inusitada pelo leitor modelo, então, poderia encontrar a sua justificação na necessidade do tradutor de entregar a ambientação primorosamente pitoresca presente no texto original e criar um afastamento, sobretudo em termos temporais, entre o leitor e o texto. Uma análise mais específica sobre o léxico e os tempos verbais utilizados, juntamente com um estudo sobre a língua da tradução empregada concretamente por Barroso, poderiam avaliar esta hipótese.

Em conclusão, a presente pesquisa com certeza poderá ser ampliada, aprofundada, revista e reexaminada. A esperança é que a análise aqui apresentada possa contribuir para os estudos no âmbito do conservadorismo linguístico em tradução e possa representar uma sugestão para todos(as) os(as) que quiserem aproximar-se quer da investigação linguística, quer da análise linguística por meio de ferramentas computacionais. Indubitavelmente, os instrumentos dos quais dispomos hoje em dia, sobretudo quando se está a trabalhar com línguas que não gozam de um prestígio internacional e de recursos económicos e humanos equivalentes aos de outras, ainda podem resultar imperfeitos. Mas é por isso que é preciso continuar a pesquisar, a analisar e a trabalhar para que estas ferramentas possam melhorar cada vez mais e para que as análises deste tipo possam conquistar um lugar de prestígio no âmbito da investigação linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AA. VV., “A tradução para português na história da língua e da cultura. Elementos para uma síntese”, in *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XXV - Tomo II, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003-2006, pp. 671-724.
- AA. VV., “The Sketch Engine: Ten Years on”, in *Lexicography*, Brighton, Lexical Computing Ltd., & Brno, Masaryk University, 2014, pp. 7-36, disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007/s40607-014-0009-9>.
- AA. VV., “Fast syntactic searching in very large corpora for many languages”, in *Proceedings of the 14th EURALEX International Congress*, Brighton, Lexical Computing Ltd. & Brno, Masaryk University, 2010, pp. 741-747, disponível em https://www.sketchengine.eu/wp-content/uploads/Fast_syntactic_2010.pdf.
- BAGNO, Marcos, *Gramática pedagógica do português brasileiro* (recurso digital), 1^a ed., São Paulo, Parábola, 2020.
- _____, “Português do Brasil: herança colonial e diglossia”, in *Revista da FAEEBA*, n° 15, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I, Salvador, UNEB, jan./jun. 2001, pp. 37-48.
- _____, *Preconceito lingüístico. O que é, como se faz*, São Paulo, Loyla, 2007.
- BAKER, Mona, “Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Applications”, in M. Baker; G. Francis; E. Tognini Bonelli (ed.) *Text and Technology: In Honour of John Sinclair*, Amsterdam, John Benjamins, 1993, pp. 233-250.
- _____; SALDANHA, Gabriela, *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London & New York, Routledge, 2001.

BIANCONI, Leonardo Rossi; DIONISIO, Maria Amelia; MACEDO, Tadeu, “Traduções da literatura italiana no início do século XX e o mercado editorial”, in P. Peterle (ed.) *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução*, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011, pp. 31-42.

CALVINO, Italo, *Lezioni americane*, Milano, Mondadori, 2016.

_____, *Saggi. 1945–1985*, Milano, Mondadori, 1995.

_____, *Gli amori difficili*, Milano, Mondadori, 2016.

_____, *Os amores difíceis*, Tr. José Colaço Barreiros [2011], Lisboa, Dom Quixote, 2019.

_____, *Os amores difíceis*, Tr. Raquel Ramalhete [1992], São Paulo, Companhia de Bolso, 2013.

_____, *Il castello dei destini incrociati*, Milano, Mondadori, 2016.

_____, *O castelo dos destinos cruzados*, Tr. José Colaço Barreiros [2003], Lisboa, Dom Quixote, 2017.

_____, *O castelo dos destinos cruzados*, Tr. Ivo Barroso, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

_____, *Se una notte d’inverno un viaggiatore*, Milano, Mondadori, 2016.

_____, *Se numa noite de inverno um viajante*, Tr. José Colaço Barreiros [2000], Lisboa, Dom Quixote, 2018.

_____, *Se um viajante numa noite de inverno*, Tr. Nilson Moulin [1990], São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

CASTAGNA, Vanessa, “Tradução/traduições: uma perspectiva no estudo das divergências entre PE e PB”, in *Revista Conexão Letras*, “Tradução em foco: conexões e entremeios”, v. 12, n° 17, Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pp. 91-103.

CHOMSKY, Noam, “The Acquisition of Language: Report of the Fourth Conference Sponsored by the Committee on Intellectual Processes Research of the Social Science Research Council”, in *Monographs of the Society for Research in Child Development*, Vol. 29, n° 1, Lynn S. Liben, 1964, pp. 35-42.

_____, *Syntactic Structure*, The Hague, Mouton, 1957.

_____, *Language and mind*, 2nd ed., New York, Harcourt Brace Jovanovich, 1972.

CORTELLAZZO, Michele, “L’italiano della traduzione è l’italiano del domani?”, in *Rivista internazionale di tecnica della traduzione*, n°12, Trieste, Dipartimento di Scienze del Linguaggio, dell’Interpretazione e della Traduzione, 2010, pp. xi-xvii.

COSTA, João; PRATAS, Fernanda, “Licenciar pro não significa ser uma língua pro-drop: evidência do caboverdiano”, in *Textos selecionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2008, pp. 157-166, disponível em https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/12-Costa_Pratas.pdf.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*, 7^a ed., Rio de Janeiro, Lexicon Editora Digital, 2016.

DELABASTITA, Derik, *There’s a Double Tongue. An Investigation into the Translation of Shakespeare’s Wordplay, with Special Reference to Hamlet*, Amsterdam, Rodopi, 1993.

DI NICOLA, Laura, *Libri in viaggio. Classici italiani in Svezia*, Stockholm, Stockholm University Press, 2015.

- DUARTE, Inês, “A língua portuguesa e a sua variedade europeia”, in M.H.M. Mateus (org.) *As línguas da Península Ibérica*, Lisboa, Edições Colibri, 2002, pp. 101-115.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia, “The loss of the ‘avoid pronoun’ principle in Brazilian Portuguese”, in M.A. Kato e E.V. Negrão (ed.), *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*, Madrid, Iberoamericana, 2000, pp. 17-36.
- ECO, Umberto, *Dire quasi la stessa cosa*, Milano, Bompiani, 2019.
- FALÀ, Maria Grazia, “Il paradosso dell’osservatore. Quanto cambia in linguistica e nella fanfiction su web”, in *Comparatismi*, n° 5, 2020, pp. 123-139, disponível em <http://dx.doi.org/10.14672/20201722>.
- FILLMORE, Lily Wong, “When learning a second language means losing the first”, in *Early Childhood Research Quarterly*, n° 6, set. 1991, pp. 323-346, disponível em <https://www.sciencedirect.com/journal/early-childhood-research-quarterly/vol/6/issue/3>.
- GRASSO, Daniele, *Innovazioni sintattiche in italiano (alla luce della nozione di calcio)*, Tese de Doutorado, Université de Genève, Genève, 2007.
- GUILHERME, Maurício Rubens de Carvalho, *A relação entre a colocação dos clíticos e o parâmetro pro-drop no português brasileiro*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2012, disponível em <http://hdl.handle.net/1843/LETR-8Y4PB8>.
- HOUSE, Juliane, *A model for translation quality assessment*, Tübingen, Narr, 1977.
- LAKOFF, George, *Re: Empirical Methods in Cognitive Linguistics*, 2004, disponível em <http://listserv.linguistlist.org/cgi-bin/wa?A2=ind0407&L=COGLING&F=&S=&P=2918>.

JACKENDOFF, Ray, *Patterns in the Mind: Language and Human Nature*, New York, BasicBooks, 1994.

LAVIOSA-BRAITHWAITE, Sara, “Universals of translation”, in M. Baker; G. Saldanha (ed.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London & New York, Routledge, 2001, pp. 288-291.

LUCENTE, Giovanna, *Nos dois lados do Atlântico. Uma análise contrastiva entre PE e PB na tradução audiovisual de Madagascar*, Dissertação de Mestrado, Venezia, Università Ca' Foscari Venezia, 2016.

_____, “Nos dois lados do Atlântico. Uma análise contrastiva entre PE e PB na tradução audiovisual de Madagascar”, in V. Castagna & S. Quarezemin (org.) *SAIL - Studi sull'apprendimento e l'insegnamento linguistico*, “Travessias em língua portuguesa. Pesquisa linguística, ensino e tradução”, n° 16, Venezia, Edizioni Ca' Foscari, 2020, pp. 169-193, disponível em <https://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/books/978-88-6969-461-5/978-88-6969-461-5.pdf>.

MARNOTO, Rita, “Studi sulla letteratura italiana in Portogallo: una modernità incompiuta”, in G. Ferroni (ed.) *La rassegna della letteratura italiana. Situazione degli studi sulla letteratura italiana*, Firenze, Le Lettere, 2016, pp. 265-274.

McENERY, Tony; WILSON, Andrew, *Corpus Linguistics: An Introduction*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2001.

MUÑIZ, Maria de las Nieve, “Il canone del Novecento letterario italiano in Spagna”, in *Quaderns d'Italìa*, n° 4/5, 1999/2000, disponível em <https://revistes.uab.cat/quadernsitalia/article/view/v4-muniz>.

- OLIVEIRA, Gilvan Müller de, “Um Atlântico ampliado: o Português nas políticas linguísticas do século XXI”, in M. Lopes (ed.) *O Português do Século XXI. Cenários Geopolíticos e Sociolinguísticos*, São Paulo, Parábola, 2013, pp. 53-73.
- ONDELLI, Stefano; NADALUTTI, Paolo, “Distanza intertestuale e lingua fonte: premesse teoriche, compilazione di un corpus e procedure di analisi”, in *Distanza intertestuale e lingua fonte: analisi di un corpus giornalistico*, 2017, Trieste, EUT Edizioni Università di Trieste, pp. 27-42. Disponível em <https://www.openstarts.units.it/handle/10077/18480>.
- OSIMO, Bruno, *Propedeutica della traduzione*, Milano, Hoepli, 2010.
- PALERMITANO, Andrea, “La città invisibili sulle mappe del mondo. Una ricognizione”, in *Enthymema*, n° XXV, Milano, Università degli Studi di Milano, 2020, pp. 295-308.
- PRANDI, Michele, “Linguistica e lingua materna nella formazione dei traduttori”, in *Luoghi della traduzione: le interfacce: atti del XLIII Congresso internazionale di studi della Società di linguistica Italiana (SLI), Verona, 24-26 settembre 2009*, Roma, Bulzoni, 2011, pp. 713-719.
- REIS, Dennys Silva; MILTON, John, “História da tradução no Brasil: percursos seculares”, in *Translatio*, n° 12, Porto Alegre, Instituto de Letras da UFRGS, 2016, pp. 2-42.
- SALATINI, Erica; CECHINEL, Fernanda Moro; CASTELAN, Ivair Carlos; DE BENEDETTI, Sara, “A Presença Italiana nas revistas literárias brasileiras da primeira metade do século XX”, in P. Peterle (ed.) *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução*, Florianópolis, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011, pp. 81-100.

SCARPA, Federica, *La traduzione specializzata. Un approccio didattico professionale*, Milano, Hoepli, 2008.

SCHERRE, Maria Marta Pereira, “Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista”, in *Tabuleiro de letras*, n° 4, Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Departamento de Ciências Humanas (DCH I), jun. 2012, disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/167>.

_____; YACOVENCO, Lilian Coutinho; NARO, Anthony Julius, “Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias”, in *Estudos de Lingüística Galega*, Número especial, Universidade de Santiago de Compostela, 2018, pp. 13-27, disponível em <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/3585>.

SILVA, Cláudia Roberta Tavares, “Distribuição e leitura referencial de sujeitos nulos e plenos em línguas pro-drop e não pro-drop: evidências da natureza semi-pro-drop do português brasileiro”, in *Leitura*, v. 1, n° 47, Maceió, Jan./Jun. 2011, pp. 15-41, disponível em <https://doi.org/10.28998/rl.v1i47.894>.

SINCLAIR, John, *EAGLES Preliminary recommendations on corpus typology*, Pisa, Expert Advisory Group on Language Engineering Standards, 1996.

STEFANOWITSCH, Anatol, *Corpus linguistics. A guide to the methodology*, Berlin, Language Sciences Press, 2020, disponível em <http://langsci-press.org/catalog/book/148>.

WIDDOWSON, Henry George, “On the Limitations of Linguistic Applied”, in *Applied Linguistics*, 2000, pp. 3-25.

ARTIGOS ELETRÓNICOS

BUESCU, Helena Carvalhão, *Acordo Ortográfico. Audição pública na AR, a 18 de abril de 2017*, Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, 2017, disponível em <https://app.parlamento.pt/webutils/docs>. Último acesso: 14/01/2022.

CORTELLAZZO, Michele, “L’italiano, la traduzione, la norma”, in *Treccani Magazine*, 29 de outubro de 2015, disponível em https://www.treccani.it/magazine/lingua_italiana/speciali/traduttese/Cortelazzo.html. Último acesso: 18/01/2022.

ESTRELA, Edite, “Sou a favor”, in *Expresso*, 10 de maio de 2008, disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/acordo/sou-a-favor/1720#>. Último acesso: 14/01/2022.

MATEUS, Pedro, “O uso do hífen e do travessão”, in *Ciberdúvidas da língua portuguesa*, disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-uso-do-hifen-e-do-travessao/31251>. Último acesso: 3/02/2022.

Sketch Engine, *Lemma*, disponível em:

https://www.sketchengine.eu/my_keywords/lemma/. Último acesso: 16/02/2022.

_____, *Tagset for Portuguese (pt)*, disponível em:

<https://www.sketchengine.eu/portuguese-freeling-part-of-speech-tagset/>. Último acesso: 16/02/2022.

Sketch Engine Quick Start Guide, *Concordance Lesson*, disponível em:

<https://www.sketchengine.eu/quick-start-guide/concordance-lesson/>.

Último acesso: 16/02/2022.

SITIOGRAFIA

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Ministério da Educação, *Norma e variação. Unidade e diversidade*, 2011, disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Acordo_Ortografico/documentos/norma_e_variacao_1.pdf. Último acesso 14/01/2022.

Fondazione Arnoldo e Alberto Mondadori, *Italo Calvino*, disponível em <https://www.fondazionemondadori.it/rivista/agenzia-letteraria-internazionale/italo-calvino/>. Último acesso: 16/02/2022.

Sketch Engine, *ptTenTen: Corpus of the Portuguese Web*, disponível em <https://www.sketchengine.eu/pttenten-portuguese-corpus/>. Último acesso: 16/02/2022.

FERRAMENTAS DE ANÁLISE

Sketch Engine, disponível em <https://www.sketchengine.eu/>.